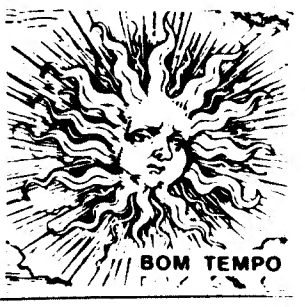
Diário de Lisboa

Fundador: JOAQUIM MANSO Director: A. RUELLA RAMOS

Quinta-feira, 22 de Agosto de 1974 — N.º 18543 — Ano 54.º — Preço 2$50



FINANÇAS E ECONOMIA NA TV

PERSPECTIVAS ANIMADORAS

Por SÉRGIO RIBEIRO

É na verdade bem outra coisa! Até poderia acontecer que a impressão funda de seriedade, de verdade que se impõe dizer e que não se hesita em dizer, fosse característica do Primeiro-Ministro, mas acabamos de ver que há mais quem exista para confirmar ser essa a imagem — e a realidade — no campo das «economias» Aliás, o coronel Vasco Gonçalves dissera que seus colegas da função executiva viriam adiantar o que ele iniciava: uma tomada de consciência sobre a situação económica portuguesa, uma mobilização geral para ultrapassar a pesadíssima herança

Acaba de ser assim com a intervenção dos ministros da Economia e das Finanças, que vieram explicar coisas às gentes... E de maneira que tem a ver com respeito pelas gentes.

A conversa a três sobre os problemas de economia e finanças não foi uma exposição técnica e justificativa, em termos mais ou menos inacessíveis e por isso à procura de uma falsa adesão acrítica. Parece-nos até muito interessante anotar que, dos três, o menos «divulgador» teria sido o entrevistador, a quem mais competia puxar para a conversa a entender pelo maior número.

A este respeito, consideramos de justamente salientar que o ministro das Finanças, dr. Silva Lopes, foi exemplar, pela forma simples e directa como falou, ao mesmo tempo atento para que assim fosse e natural porque se vê que essa é a sua maneira de «falar com as pessoas».

Esta vontade de cumprimentar, este desejo de fazer justiça, não quer, no entanto, dizer total identificação com o que ouvimos. Aliás, será uma das grandes vantagens da nova maneira de «tratar as pessoas»: é uma forma de desafio para que, informadas dessa maneira, se informem e entrem responsavelmente na liça. Ou não é? Pelo nosso lado, nunca precisámos de tal desafio mas registamos o que nos parece mais uma outra qualidade decorrente da forma como a economia portuguesa está a ser apresentada aos portugueses.

Depois da gravidade, que até na forma de a apresentar foi emprestada pelo Primeiro-Ministro, depois da denúncia (é bem o termo!) do estado em que o fascismo nos deixou, a conversa de ontem teve aspecto bem mais optimista e risonho. Os ministros da Economia e das Finanças delinearam perspectivas animadoras, se bem que claramente responsáveis da situação e das dificuldades que confrontam e que deixaram de manter alheadas ou falsamente escondidas da população que, ignorando-as, as sofria.

Não é o caso de dizer «afinal nem tudo ficou tão mal», mas é o caso de dizer que um dos reflexos de uma política económica voltada para o atentismo imobilista e para o proteccionismo despudorado pode ser integrado numa política de recuperação da pesadíssima herança deixada. Referimo-nos às reservas que Portugal possui de ouro e divisas, verdadeiro potencial de intervenção que o Governo fascista mantinha nos seus cofres, e utilizava de vez em quando como brazão de uma política, podendo

Continua na pág. 20

INTENSA ACTIVIDADE NO ÂMBITO DO M.F.A.

Intensa actividade no âmbito do Movimento das Forças Armadas, com intervenção de largos sectores da oficialidade parece contrastar com sensível redução das reunião de militares na Cova da Moura e em São Bento. Tudo indica que os contactos, sobretudo de elementos da Comissão Coordenadora do M.F.A. com camaradas exercendo funções governativas e de ambos com dirigentes dos partidos da coligação governamental, se desenrolam noutros locais.

A inserir-se, possivelmente, no contexto do processo em curso, refere-se o «breefing» havido entre o general Costa Gomes e alguns conselheiros de Estado e militares no desempenho de cargos ministeriais, bem como a reunião de comandos a que o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas presidiu no Porto. Nesta reunião, que decorreu no O. G. da 1.ª Região Militar, participaram o comandante da Região, brigadeiro Passos Esmeriz, os oficiais do Estado-Maior e os comandantes das diversas unidades da mesma guarnição. Um informador considerou a reunião como «visita de rotina aos comandos militares».

O Presidente da República, general António de Spínola, continua no seu período de repouso no Buçaco, mantendo, todavia, inúmeros contactos com Lisboa, despachando expediente e tomando conhecimento de assuntos inerentes ao exercício das triplas altas funções em que está investido. Ontem, o Chefe de Estado almoçou com o ministro Almeida Santos, da Coordenação Interterritorial e o embaixador Veiga Simão. Esta individualidade, que, como se sabe, representa Portugal na O.N.U., deslocou-se ao Buçaco para analisar, com o general António de Spínola, aspectos do processo de descolonização.

Observadores consideram que toda a movimentação referida, e possivelmente outra cujo conhecimento escapa aos jornalistas, visa objectivamente a consolidação das conquistas democráticas efectuadas nos quatro meses que decorreram já após o 25 de Abril, numa linha de fidelidade ao Programa do Movimento das Forças Armadas.

Segundo o nosso prezado colega matutino «O Século» reveste-se de «especial significação um plenário marcado para hoje em Lisboa, não obstante o brigadeiro Saraiva de Carvalho ter resolvido declarar não corresponderem à verdade os «rumores da sua efectivação». Todavia, esta manhã, tanto na Cova da Moura como em S. Bento, nos foi afirmado não estar previsto qualquer plenário.

Entretanto, quer o Primeiro-Ministro, coronel Vasco Gonçalves, quer o ministro sem pasta major Vítor Alves, trabalharam, esta manhã, nos seus gabinetes, não tendo concedido quaisquer audiências.

"Pides" não têm "habeas corpus"

Os ex-agentes da P. I. D. E. / D. G. S. não beneficiarão do «habeas corpus». Mas, desta garantia legal, reconhecida à generalidade dos cidadãos e incluída nos direitos humanos fundamentais, não poderão igualmente socorrer-se os jornalistas e outras pessoas que foram presas preventivamente, incriminadas por «abuso de liberdade de Imprensa». Efectivamente, o decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros e que altera o art.º 325.º do Código Penal elimina esta possibilidade a todos os arguidos sujeitos ao foro militar. Eles terão ao seu alcance apenas os meios próprios da jurisdição militar.

Num encontro com representantes dos órgãos de informação, ontem realizado, o ministro da Justiça, dr. Salgado Zenha, que, na sua prática de advogado, sempre se bateu pelas garantias legais dos cidadãos, justificou esta alteração legal afirmando: «Há, na prática, no nosso País, duas estruturas de Poder — as Forças Armadas e o Governo Provisório *Civil*. O Governo Provisório não pode interferir nos assuntos que dizem respeito às Forças Armadas e aos assuntos militares. Quanto a estes, têm uma jurisdição própria que é a jurisdição militar e tem um Governo próprio e uma legislação específica que dimana do Conselho dos Estados-Maiores das Forças Armadas. A ligação dos dois poderes faz-se através do Presidente da República. Nessas condições entendeu-se que as prisões feitas e subordinadas às autoridades militares devem ser assunto próprio da jurisdição militar e o «habeas corpus» é mantido evidentemente, através do Supremo Tribunal de Justiça, para todas as prisões que estão feitas ou vierem a ser feitas pela Polícia Judiciária ou pela Polícia afecta ao Governo Provisório.»

Continua na pág. 20

PROJECTO DOS 120 MILHÕES É ACTO INDUSTRIAL E NÃO POLÍTICO

-segundo António Champalimaud

(Ler pág. 4)

2.ª EDIÇÃO

GERAL

As entrelinhas

A luta pela democratização do País continua, conforme se pode ler nas linhas e entrelinhas da Imprensa. (Isto de dizer que o 25 de Abril acabou com a necessidade de escrever e ler nas entrelinhas é conversa fiada).

As forças de travagem da direita e as forças de sabotagem da extrema-direita são obstáculos reais que só podem ser ultrapassados com muita decisão, pertinácia, serenidade e lucidez de análise. E espírito participante, e vigilância democrática, e consciência de que os caminhos que levam à Democracia não são auto-estradas, mas atalhos cheios de trabalhos.

E por isso que não vale a pena falar de mais uma crise que foi vencida (facto que está nas entrelinhas) mas falar da necessidade de prosseguir para diante com passos cada vez mais seguros. Não nos devemos alarmar. Devemos sim, consciencializar-nos de que a paz podre do fascismo acabou e que vivemos nas linhas e nas entrelinhas, horas decisivas para o futuro.

Deixamos o passado negro e caminhamos para o futuro luminoso? Mas tenhamos em conta que a luz se decompõe em muitas cores. Só em certas condições se forma o arco-iris, como só lendo nas entrelinhas se pode divisar a verdade com mais precisão.

MANUEL DE AZEVEDO

MOÇAMBIQUE

Funcionários grevistas pretendem o Poder para a Frelimo

LOURENÇO MARQUES, 22 — (R./F.P./L./DL) — Entre as reivindicações apresentadas pelos funcionários públicos deste território encontrava-se a pretensão de transferência imediata do poder para a FRELIMO. Para além de questões salariais, parcialmente satisfeitas, os funcionários exigiam o afastamento de todos os funcionários que apoiaram o anterior Governo Português. Ao concordar com o congelamento de preços dos produtos alimentares, e ao conceder significativos aumentos de vencimento, o governador-geral interino, dr. Ferro Correia, evitou a extensão do movimento grevista. Por outro lado, foi criada uma comissão especial que orientará o saneamento exigido, e que atingirá centenas de chefes administrativos.

Os aumentos atribuídos são de 500 escudos para os que auferem menos de 5000 escudos mensais, e 20 escudos diários para aqueles que recebem ao dia.

Milhares de funcionários públicos reuniram-se em frente do departamento das Finanças quando foram informados de que a administração acedera ás suas exigências. Uma delegação enviou imediatamente telegramas ao Presidente António de Spínola e a Samora Machel afirmando que os funcionários reconheciam a Frelimo como «o único representante do povo de Moçambique.»

TRÉGUAS COM A FRELIMO

Foi estabelecido um acordo regional entre a FRELIMO e as Forças Armadas portuguesas no Norte e no centro de Moçambique, nas regiões com fronteira com o Malawi e a Rodésia, garantindo a segurança da circulação rodoviária, soube-se hoje nesta capital, de fonte próxima do Alto Comando Militar Português.

Todavia, informadores militares na Beira recusaram-se a confirmar ou a desmentir esta informação. Indicaram, no entanto, que as escoltas armadas tinham sido suprimidas nas colunas de veículos que circulem nessas zonas.

Trata-se de um acordo apenas «oficioso», salientou a mesma fonte militar. Foi concluído entre oficiais portugueses e responsáveis da FRELIMO.

Entretanto, realizou-se em Vila Pery uma reunião entre os agricultores do distrito o governador dr. Canha e Sá, e dois elementos da FRELIMO.

O governador do distrito dirigiu-se aos agricultores pondo-os ao corrente dos contactos ultimamente estabelecidos com a FRELIMO e incitou os fazendeiros a trabalhar as suas terras dado que «a segurança é cem por cento garantida».

Falou em seguida um dos elementos da FRELIMO que confirmou a garantia de segurança nas actividades do distrito, nomeadamente no sector agrícola e na circulação rodoviária.

Na passada semana, havia a indicação de que apenas 15 por cento dos agricultores do distrito tinham iniciado os trabalhos agrícolas com vista à próxima colheita.

SOLIDARIEDADE COM JORNALISTAS

O corpo redactorial do «Notícias», juntamente com outros elementos da informação, decidiu contribuir com um dia do seu trabalho no corrente mês de Agosto para minimizar as consequências da inactividade dos trabalhadores do «Notícias da Beira», que ainda não receberem os vencimentos referentes ao mês de Julho.

ANGOLA

Dificuldades na formação do Governo Provisório

LUANDA, 22 — (F.P.) — A formação de um Governo provisório de Angola sob a égide do Almirante Rosa Coutinho, presidente da Junta Governativa, poderá ser anunciada em princípios da próxima semana, soube-se ontem em Luanda de boa fonte.

As consultas neste sentido efectuadas há já alguns dias pelo almirante Rosa Coutinho deparam entretanto com sérias dificuldades, tanto da parte dos portugueses como da dos movimentos nacionalistas africanos cuja participação é desejada em conformidade com o esquema previsto no comunicado de 10 do corrente da Junta de Salvação Nacional. Diversas individualidades portuguesas «liberais» ou «progressistas» recearam com efeito ficar «queimadas» ao participarem desde já num elenco governamental necessariamente temporário e destinado a assegurar uma difícil transmição para a independência.

Do lado africano, teriam sido estabelecidos contactos, tanto junto do M.P.L.A. como da U.N.I.T.A. de Jonas Savimbi. Todavia o M.P.L.A. não poderá tomar uma posição definitiva enquanto não se conhecerem os resultados do seu congresso, reunido actualmente à porta fechada em Lusaka. A unificação do Movimento, principal ponto da agenda dos trabalhos, está a revelar-se particularmente laboriosa.

●●●

KINSHASA, 22 — (F.P.) — Os dirigentes da F.N.A.L. — precisa um comunicado publicado em Kinshasa — «comunicaram ao subsecretário das Nações Unidas que se encontram à disposição para a abertura de negociações com Portugal para a independência de Angola».

VIDA CIVIL PARA OS COMANDOS NEGROS

BISSAU, 22 (FP/DL) — Joaquim da Silva, membro do Conselho Superior de Luta do P. A. I. G. C. é o terceiro representante do Partido presente nesta cidade. Os outros dois são: Juvêncio Gomes, delegado junto do governador português da Guiné-Bissau e Maximiliano Sá, elemento principal da delegação enviada junto dos militantes do P. A. I. G. C. em Bissau para orientar a sua acção.

Sabe-se que uma das missões de Joaquim Silva é a de resolver o problema dos comandos negros integrados nas tropas colonialistas. Segundo se crê o P. A. I. G. C. pretende fazer regressar esses elementos á vida civil.

Por alturas do 25 de Abril, 15 000 soldados africanos serviam no Exercito Português. Entre estes encontrava-se uma maioria de indivíduos chamados a servir e uma minoria de profissionais cujo número exacto nunca foi revelado.

Quanto aos 8 000 milicianos, terão baixa dos efectivos conforme forem sendo entregues ao P. A. I. G. C. as instalações fortificadas.

Restam os profissionais. Apenas o P. A. I. G. C. poderá dar-lhes garantias de emprego não-militar. Parece ser esse o objectivo da missão actual de Joaquim da Silva em Bissau.

BANCO DE PORTUGAL

SERVIÇO DE NOTAS

AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que serão oportunamente emitidas notas de

MIL ESCUDOS, Ouro, ch. 11, efígie D. Pedro V,

aprovadas de harmonia com o disposto nos §§ 1.º e 2.º do Artigo 21.º dos Estatutos em vigor, para circularem conjuntamente com as das chapas actualmente em circulação.

As principais características desta nota, bem como a filigrana do respectivo papel, foram descritas em aviso publicado no «Diário do Governo» n.º 189, I Série, de 14 de Agosto de 1974.

Lisboa, 22 de Agosto de 1974

BANCO DE PORTUGAL
Os Administradores
A. Ramos Pereira
Joaquim Nunes Mexia

ESCRITURA

AUMENTO DE CAPITAL

No ano de mil novecentos e setenta e quatro, aos vinte e seis de Julho, em Lisboa e no Nono Cartório Notarial a meu cargo, perante mim notário do concelho licenciado, António Marques Caramelo, compareceram como outorgantes: Primeiro — João Manuel Farinha Catalão, casado sob o regime da comunhão geral, segundo declara, com Dona Maria Clara Garrido de Oliveira Jericota Catalão, natural da freguesia do Estoril, concelho de Cascais, com residência habitual em Cascais, na Rua Conde de Castro de Guimarães, número 10, 3.º andar, portador do bilhete de identidade número 236053, emitido aos 16 de Março de 1970 pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; e António de Campos Barbosa de Magalhães, casado, sob o regime da separação, segundo declara, com Dona Maria Gabriela Gândara Cardoso Lopes Barbosa Magalhães, natural de Lisboa, freguesia da Pena, com residência habitual na Parede, concelho de Cascais, na Rua Marquês de Pombal, número 11, portador do bilhete de identidade número 237583, emitido aos 17 de Outubro de 1970, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, outorgando cada um deles de per si e ainda, conjuntamente em representação da sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, na Avenida Visconde de Valmor, número quarenta e sete, terceiro andar lado direito, denominada Cepric — Centro de Promoção Industrial e Comercial Limitada, nas suas qualidades de únicos sócios da mesma sociedade

Segundo Dr. Luís Filipe Farinha dos Santos, casado sob o regime de separação, segundo declara, com Dona Maria Teresa de Sousa Rodo Farinha dos Santos, natural de Lisboa, freguesia do Campo Grande, com residência habitual em Lisboa, na Rua Jan, número 7, 6.º andar, portador do bilhete de identidade número 1155549, emitido aos 26 de Outubro de 1973, pelo Arquivo de identidade número 80057, emitido aos 20 de Maio de 1971 pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; e

Terceiro — Moisés Szunkwicz Broder, casado sob o regime de comunhão geral, segundo declara, com Dona Shosoana Gatt Broder, natural de Lisboa, freguesia de São Mamede, com residência habitual em Lisboa, na Avenida Cinco de Outubro, número 147, sexto andar direito, portador do bilhete de identidade número 80057, aos 20 de Maio de 1972, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; e

Quarto — Manuel de Sousa Rodo, casado com Laura Manuela Martins Rocha dos Santos, mas dela separado judicialmente de pessoas e bens, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, com residência habitual em Lisboa, na Rua General José Celestino da Silva, número 2, sétimo A, portador do bilhete de identidade número 1201296, emitido aos 25 de Outubro de 1973, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

Verifiquei a identidade dos outorgantes à face dos seus referidos bilhetes de identidade.

Pelos primeiros outorgantes e António de Campos Barbosa de Magalhães, e João Manuel Farinha Catalão foi dito:

Que são presentemente os únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, na Avenida Visconde de Valmor, número quarenta e sete, terceiro andar, lado direito, denominada Cepric — Centro de Promoção Industrial e Comercial, Limitada, constituída por escritura de vinte e nove de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e oito, lavrada de folhas oitenta e sete verso a folhas noventa e duas do Livro de escrituras diversas número trezentos e sessenta A deste Cartório e que se rege pelo pacto constante dessa escritura com a alteração semelhante da escritura de vinte e nove de Dezembro de mil novecentos e setenta, lavrada de folhas quarenta e oito verso a folhas cinquenta e uma do Livro de escrituras diversas número E trinta e quatro também das notas deste Cartório, sendo de cem mil escudos o seu capital, inteiramente realizado.

Que nesta sociedade tem ele primeiro outorgante João Manuel Farinha Catalão, uma quota do valor nominal de vinte mil escudos, ele também primeiro outorgante António de Campos Barbosa de Magalhães, uma quota do valor nominal de cinco mil escudos e a própria sociedade três quotas do valor nominal de vinte e cinco mil escudos cada uma, quotas estas inteiramente liberadas e sobre as quais não incide penhor ou outro encargo semelhante.

Que estando no melhor acordo a esse respeito eles primeiros outorgantes em nome da sociedade sua representada, cedem ao terceiro outorgante Moisés Dzunkwiez Broder por preços iguais aos seus valores nominais e com todos os correspondentes direitos e obrigações, duas quotas do valor nominal de vinte e cinco mil escudos cada sua representada e cedem ao quarto outorgante Manuel de Sousa Rodo por preço igual ao seu valor nominal e com todos os correspondentes direitos e obrigações a outra quota da mesma sua representada ao valor nominal de vinte e cinco mil escudos.

E que tendo recebido de cada um dos cessionários os referidos preços de que em nome da sociedade cedente lhes dão as respectivas quitações, dão como efectivadas as cessões subrogando cada um dos cessionários no lugar da cedente quanto às quotas e quota que lhes são respectivamente cedidas.

Que por esta mesma escritura ele primeiro outorgante António de Campos Barbosa de Magalhães, cede ao segundo outorgante, Luís Filipe Farinha dos Santos, por preço igual ao seu valor nominal e com todos os correspondentes direitos e obrigações a sua referida quota do valor nominal de cinco mil escudos.

E que tendo recebido do cessionário o referido preço, de que lhe dá a devida quitação, dá como efectivada a cessão, subrogando em seu lugar o cessionário quanto à quota cedida, deixando de ser sócio da sociedade da qual se aparta renunciando à gerência.

Pelos cessionários Manuel de Sousa Rodo, Moisés Szumkwicz Broder e Luís Filipe Farinha dos Santos, foi dito:

Que cada um, na quota que lhes diz respeito, aceita a cessão que acaba de lhe ser feita.

Pelo primeiro outorgante João Manuel Farinha Catalão e pelos segundo a quarto outorgantes, Luis Filipe Farinha dos Santos, Moisés Szumkwicz Broder e Manuel de Sousa Rodo, foi em seguida dito:

Que como únicos sócios que ficam sendo da referida sociedade Cepric — Centro de Promoção Industrial e Comercial, Limitada, e estando no melhor acordo a esse respeito por esta mesma escritura elevam de cem mil escudos para quinhentos mil escudos o capital da sociedade, mediante a subscrição a dinheiro, que já deu entrada na Caixa social, de três novas digo de quatro novas quotas: uma de cento e trinta mil escudos por ele João Manuel Farinha Catalão, uma de cento e vinte mil escudos por ele Luis Filipe Farinha dos Santos, uma de cinquenta mil escudos por ele Moisés Szumkwicz Broder e uma de cem mil escudos por ele Manuel de Sousa Rodo, e unificadas as quotas de cada um dos sócios alteram parcialmente o pacto por que a sociedade se rege, dando ao seu artigo quarto a seguinte redacção:

Quarto — O capital social é de quinhentos mil escudos, inteiramente realizado e representado pelos diversos bens e valores do activo, conforme a escrituração e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de cento e cinquenta mil escudos do sócio João Manuel Farinha Catalão, uma de cento e vinte e cinco mil escudos do sócio Luis Filipe Farinha dos Santos, uma de cem mil escudos do sócio Moisés Szumkwicz Broder e uma de cento e vinte e cinco mil escudos do sócio Manuel de Sousa Rodo.

Assim o disseram e outorgaram, acrescentando os outorgantes que a sociedade não tem bens imóveis no seu património o que afirmam sob sua inteira responsabilidade.

Livrei os outorgantes da obrigatoriedade do registo no prazo de três meses.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e aos mesmos explicada, quanto ao seu conteúdo, em voz alta e na presença simultanea de todos.

LUÍS DE CARVALHO E OLIVEIRA

Nível de vida e nível de salários

Portugal é tido pelos turistas, por todos aqueles que o visitam e ainda pelos portugueses que vão ao estrangeiro com país de baixo nível de vida. Efectivamente o é.

Os portugueses emigram em busca de salários mais elevados. Os estrangeiros vêm estabelecer as suas empresas em Portugal, em busca de mão-de-obra mais barata. Salta aos olhos que nos países que tem atraido a nossa emigração, manual ou intelectual, a vida tem melhor nível, sendo assim coincidente o fenómeno do melhor nível de vida com o de salários mais elevados e ainda, e por isso mesmo, com o constituirem grandes polos de atracção para os estrangeiros que buscam melhores condições de ganhar a vida.

Por outro lado, os países de nível de vida mais baixo coincidem com os de pior pagamento dos serviços e são os que se despovoam em busca de melhor ganho.

Até aqui não se fez qualquer referência às melhores condições naturais de uns ou de outros países para, por elas, se integrarem num ou noutro grupo.

As condições naturais são relativas ao solo, ao subsolo e ao clima, por sua vez dependente da altitude, da proximidade ou distanciação do mar, etc.

Países, como a Suíça, com um mínimo de condições naturais, têm bom nível de vida, pagam bons salários e são grandes centros de atracção das populações de outros países, de actividades manuais e intelectuais.

Portugal tem melhores condições climáticas, um solo pelo menos, medianamente produtivo, um subsolo possivelmente rico e o nível de vida é baixo, sendo baixos também os salários.

Alguma relação existe entre esses elementos, sendo indispensável torná-la clara, para que se descubra a via da elevação do nível de vida em Portugal.

É indubitável que o nível de vida de um povo está intimamente relacionado com o poder de compra desse povo, pois que é pelos bens de consumo em utilização que, em regra, se mede o nível de vida.

Ninguém pode adquirir bens de consumo se não tiver poder de compra e não pode ter poder de compra se não tiver um conveniente pagamento da força de trabalho despendida na angariação da sua subsistência.

Verifica-se assim uma relação necessária entre o nível de salários e o nível de vida.

Poderá mesmo dizer-se que o nível daqueles corresponde ao nível desta.

Isto vem a propósito das muitas acusações que uns fazem a Portugal pelo seu baixo nível de vida, enquanto outros, pelo mesmo facto, o lamentam. Poucos têm pensado na modificação do seu estado de coisas.

Pela primeira vez na história de Portugal se verificou, com certo vulto, um facto tendente à melhoria no nível de vida do povo português. Refiro-me à recente subida de salários após o 25 de Abril.

Não pode dizer-se que as melhorias conquistadas pelos trabalhadores portugueses os conduzam imediatamente ao nível de vida dos de outros países classificados entre os desenvolvidos, mas entrou-se nesse caminho.

É claríssimo que houve enérgicas reacções; muitos que apresentaram as suas queixas; outros que, com verdade ou manhosamente, se disseram à beira da falência ou pelo menos de encerramento dos estabelcimentos, mas o certo é que não se vê um outro caminho nem existirá de modifical o nivel de vida do povo português sem melhor pagamento dos serviços em Portugal.

As modificações que terão de dar-se nas empresas, as adaptações dos meios e formas de produção para que se consiga o necessário para os pagamentos actuais, tudo isso tem que ser objecto de estudo, mas por forma nenhuma deve permitir-se que o movimento verificado seja reversível, pois, de uma forma ou de outra, o País terá de sair do nível medíocre em que se tem encontrado, não sendo aceitável que qualquer país estrangeiro tenha tido, na sua linha evolutiva ou em qualquer das suas etapas económicas, melhores condições do que Portugal para conseguir que o seu povo atinja um melhor nível de vida.

Será natural que os empresários incompetentes tenham mesmo de desistir, pois a incompetência não deve servir de pretexto para um eterno mau pagamento da força de trabalho. Os empresários competentes, esses terão a oportunidade melhor agora de singrar porque estão realizadas as condições para tanto.

Algumas mentalidades limitadas acharão estranha esta afirmação, pois só encontram boa singradura da empresa através do baixo pagamento dos serviços, como quem diz, através de um anacrónico viver sobre outros, condenados a quase não poderem viver.

Puro engano este. A empresa, geralmente, é produtora de bens ou dedica a sua actividade à circulação dos mesmos. Só havendo quem consuma, os bens podem sair da mão do produtor ou do comerciante — que sem tais consumidores se não vêem livres deles.

Não haverá consumo se à mão desses consumidores não forem ter quantidades suficientes de moeda para adquirirem as quantidades de bens produzidos. Ora, esse dinheiro só vai à mão dos consumidores pelo pagamento dos serviços. O pagamento dos serviços chama-se salário.

É desta forma mais que evidente a estreita relação entre o nível dos salários, o nível do consumo e o nível de vida.

O empresário inteligente, em Portugal, saberá ver esta realidade, e preparar-se para efectuar a produção de que o País necessita por forma a abastecer, até ao limite dos salários agora atribuidos, essa imensa classe, a dos trabalhadores, e não precisará, para encontrar tal limite, de investigar outro que não seja o do próprio salário, digamos, da totalidade dos salários distribuí-

Continua na pág. 15

FERNANDO ASSIS PACHECO

Saudades do Rombo

À hora de este «suelto» começar a circular — como se diz por vezes na linguagem jargonada dos nossos periódicos — está o signatário muito provavelmente na aldeia de Melias, Galiza, de visita à parentela do «Eido».

É a festa do sítio. E lá andará o Rombo, folião local que o signatário conheceu há anos a deitar foguetes. O Rombo, quase tanto como as tias, os tios e os primos, forneceu a saudade bastante para a viagem.

O Rombo é assim chamado por ter os pés «rombos», ou botos. Caminha aos saltinhos como uma arvela, mas só uma considerável dose de vinho (conhaque na altura da festa!) o faz vacilar. De ordinário equilibra-se bem, o que explica a piada cosmopolita de Manolo Doaldo, primo segundo do signatário, uma vez que o folião ameaçou soçobrar à porta da taberna de Cima de Vila:

«Este c... parece a Torre de Pisa!

O Rombo gosta de toda a gente, gosta de tudo, é o que poderíamos apontar como um bom-serás. Com a excepção seguinte: detesta que lhe enfiem um braço por trás, no entre-rabos, e o levantem ao ar. Duas coisas podem então suceder — cair o Rombo desamparado, e o seu donaire às avessas ficaria insidiosamente desmentido; e julgar algum forasteiro que ele, Rombo, é «maricón». Ora essa, ora essa!

O Rombo, mão leve para foguetes, prendeu-se pelo beiço com o signatário porque este o abeberava de espirituoso no tasco.

«Tu» — berrava ele ao fim da manhã, diante da casa de Bouzas de Foudo, ali ao pé —, «tu!»

Tinha lá tempo de fixar o nome do vaidoso...

«Tu!»

E o signatário, ouvindo **tão lacinante apelo**, saltava da casa e punha-se a caminho do balcão de zinco com o Rombo. Rombo que emborcaria este mundo e o outro, incluindo toda a extensão das Rias Bajas, se o deixassem.

Ora aconteceu, na tarde de maior da festa, que ao novo amigo do Rombo vieram dizer: metes o braço no entre-rabos, levanta-lo, e o gajo pincha que parece diabo! O signatário resolveu experimentar.

Não só a saudade leva o signatário, anos depois, à freguesia de Melias. Também a precisão de pedir desculpa ao Rombo, pois nessa tarde, sobre cair mesmo (tau, de nalgas no chão!), o dos pés botos estava a levantar-se e uma «rapaza» de fora gritou-lhe:

«O malandro é bem feito de rabo!...»

Ah, Rombo de uma cana: foi direito à moça, agarrou-a pela cintura e subiu-lhe as saias quatro palmos acima do meio da perna, espumando:

«E tu? E tu?»

Surdo dos foguetes, é o mais que sabe dizer.

ROMEU DE MELO

O elogio de Baleizão

Depois de tanto se ter falado de Baleizão, sinto uns vagos remorsos por ter-me mantido calado, silênciosamente atento. Mas agora pergunto-me: quem há-de falar de Baleizão, sabendo do que fala, se nos calamos os que conhecemos aquele Baleizão hoje desaparecido e ausente de figuras,circunstâncias e gestas dramáticas? Baleizão há trinta e três anos, quando entrei na escola primária, na classe do professor Pinheiro (bom professor, excelente professor, bom homem!) e quando conheci Catarina Eufémia e a sua numerosa família. Baleizão há vinte e cinco anos: quando o deixei, em demanda de Mértola, onde, anos, passados, iria comandar a secção da G. N. R. um tenente com um crime na consciência, o tenente Carrajola. Como tudo se liga, como o mundo é pequeno!

Sou um ingrato. Escrevi uma dezena de livros, dezenas de artigos e nunca falei directa e objectivamente de Baleizão. Falei de coisas aparentemente distintas, com muita ou pouca propriedade, mas ignorei sempre Baleizão como se essa aldeia, esse bocado da minha vida e da minha consciência, nada tivesse que ver com a filosofia, a antropologia, a literatura. E tem. Se tem!...

Vejo-me há trinta anos nesse Baleizão resistente, antes da emigração e de uma abertura dolorosa no seu modo de vida secular. Nessa época é que estavam ainda frescas as cenas de Baleizão-mártir ou se preparavam as circunstâncias que levariam a posteriores cenas de violência. Conheci Catarina, a mãe, a tia Catarina (faladora, reivindicativa, casamenteira, que apresentei a Natália Correia, aqui há três anos, a caminho de Serpa), os primos, o tio Zacarias (Moinante), o lendário e circunspecto Bugio (que estivera na Rússia, padecera nos presídios de Salazar e ensinava num colégio de Estoril), o Foguete...e ainda muitos outros, vítimas conscientes ou vítimas inocentes, quase iletrados, que possuiam uma enorme sabedoria, uma espantosa riqueza afectiva.

No Alentejo, e não só, Baleizão era considerada uma povoação retrógrada, desordeira, violenta, de gente com mau carácter. Somente, essa fama decorria afinal das próprias qualidades da aldeia e seus habitantes. No meio da miséria económica e da exploração social, analfabetizada e desprestigiada pela política oficial, Baleizão **resistia.** Baleizão ignorava o cerco estabelecido pela propaganda oficial, com as imagens do Baleizão-Moscovo, Baleizão-revolucionário, Baleizão-perigoso.

Além da agricultura cerealífera base da economia de Baleizão, a aldeia conservava uma característica muito curiosa e que explicava pelo menos em parte, o sentido de liberdade e independência da sua gente: a de ser um importante centro de negociantes de gado cavalar, muar e asinino, gado vulgarmente usado nas fainas agrícolas e como meio de transporte. Havia dezenas e dezenas de negociantes com hábitos seminómadas, que frequentavam as feiras e mercados do País, comprando e vendendo esse gado, em concorrência com a classe que tradicionalmente se dedicava a essa actividade, os ciganos. Daí, e na verdade fundado em rixas antigas, dizer-se que os ciganos não entravam em Baleizão, e ainda que os de Baleizão «eram piores» que os ciganos.

Sobre a violência física e agressividade nas relações humanas, convém recordar que ela se relacionava com o baixo nível de instrução, e principalmente com a complacente incentivação do consumo de bebidas alcoólicas. Duma vez, contei lá setenta tabernas! Enquanto isso, a Sociedade Filarmónica, iniciativa cultural e progressiva, era fruto de perseguição das actividades, tendo sido saqueada pela polícia, algumas vezes, a sua incipiente biblioteca. Sendo um facto a agressividade nas relações humanas, ela não era característica de Baleizão, mas de muitas outras povoações alentejanas, e não só, vivendo os mesmos condicionalismos sócio-culturais.

Em Baleizão havia, é facto, a acentuação de uma característica extremamente curiosa e decorrente de uma etnia original (moura, zíngara?), a do tribalismo familiar, ou seja «das gerações», como eles diziam. Arraigadas ligações familiares, dominadas por uma concepção patriarcal indiscutida, faziam com que a sociedade aldeã vivesse de forma comunitária os bons e os maus momentos. As cerimónias rixas e confraternizações estendiam-se sempre a largas camadas da população. E daqui a expressão, ao referirem-se uns aos outros, **a família:** Estava lá muita gente igual a «Estava lá muita família».

Restava em Baleizão uma forte tradição árabe, visível nos trajes (principalmente femininos), na linguagem e nos hábitos. O homem era o «senhor», o ente responsável e determinante. A mulher verdadeira heroína em todos os sentidos, desempenhava aparentemente, um papel de segunda ordem, dominada pelo trabalho escravizante, a prole numerosa e a superioridade social indiscutida da virilidade. No casamento, por exemplo, a mulher levava mobília e roupas, e pagava tudo, enquanto o garboso noivo se limitava a dar o ambicionado «sim».

Recordo aquele Baleizão saudoso e triste e sorrio perante a partida do destino: a pessoa de Baleizão mais falada e discutida não é um homem, mas sim uma mulher — Catarina Eufémia. Uma mulher anónima, combativa e sacrificada, morta num acidente que adquire inesperado significado e dá origem a um mito vigoroso.

Conheci Catarina? Conheci, sim senhor. Não a distinguiria doutras nem parecia destinada a um ciclo diferente do da comum mulher de Baleizão. Perguntam-me alguns querendo acentuar o carácter ocasional do seu drama, ou perseguir o que consideram uma manifestação de culto de personalidade: — E se ela não tivesse lá ido? E se Carrajola não tivesse disparado? A esses deve responder-se que as coisas podem ou não suceder: no entanto há **algumas** pessoas a quem acontece tudo e outras a quem nada acontece.

Catarina Eufémia é um mito mas um mito vivo. Representa, neste caso, a mulher de Baleizão, aquela «mulher» que eu conheci, e que me marcou para a vida. Nunca poderei esquecer os ranchos que regressavam, cantando, da azeitona, da monda, da ceifa. As mulheres denodadas, sacrificadas, humilhadas, defensoras intransigentes de valores sociais discutíveis, mas capazes de sofrer e morrer por aqueles e por aquilo que amavam e em que acreditavam. A maioria delas, resignadas. Algumas poucas, não. Esse o mérito de Catarina Eufémia, membro daquela família de gente inconformada e decidida.

Mas há uma enormíssima injustiça na criação dos símbolos e mitos: é que se esquece a pluralidade real. Catarina? Certamente. E Maria Carvalha quase cega, mantendo a sua verdade, afinal a Verdade? E Mariana Janeiro? E outras, anónimas e heróicas? E aqueles setenta e tantos que foram presos e seviciados?...

É preciso que se diga que Baleizão era uma povoação romântica, no melhor sentido da palavra, contra todo o senso científico ou pseudocientífico, em pleno seio da miséria económica e injustiça social, vítima de formas variadas de degradação. Baleizão não pode ser cabalmente entendida e esquematizada utilizando formulários socio-económicos e extraindo coelhos dum chapéu qualquer, até mesmo do chapéu de abas largas. Era uma terra estranha apaixonante e comovente.

Havia aquela fama e os dichotes: «Es de Baleizão, tens uma unha na palma da mão»; «Saiba senhor doutor juiz, que eu não lhe dei trinta e seis facadas, ele é que caiu trinta e seis vezes para cima da minha navalha»... Havia uma sensação de isolacionismo, intransigente afirmação de um espírito independente, uma predisposição para arriscar e aceitar, quais personagens de Sófoeles, um destino inclemente.

Não era uma aldeia qualquer. Comovo-me a recordar cenas

Continua na pág. 8

NACIONAL

O PROJECTO DOS 120 MILHÕES NÃO É UM ACTO POLÍTICO É UM ACTO INDUSTRIAL

—DEFINE ANTÓNIO CHAMPALIMAUD

Depois de uns largos meses em que a opinião pública acusou o grande capital de estar deliberadamente a sabotar a economia e este se defendeu, em certos casos, eis que um grupo constituido pelos mais representativos empresários portugueses se propõe investir 120 milhões de contos para dinamizar a economia nacional. A oficialização dessa proposta da iniciativa privada concretizou-se ontem ao fim da tarde, quando o primeiro ministro Vasco Gonçalves, na presença dos ministros das Finanças, Economia e Equipamento Social, recebeu no Palácio de S. Bento esse grupo de empresários, constituido por António Champalimaud, José Manuel de Melo, Manuel Espirito Santo, eng. António Guedes, eng. Mário Moreira, eng. Paulo Valladas, eng. José Mardel Correia, dr. Morais Leitão, António de Mello Champalimaud, António Miranda, dr. Faria Blanc e arq. Conceição Silva. Estas conhecidas personalidades da vida económica portuguesa apresentaram ao coronel Vasco Gonçalves um «dossier» de 180 páginas com o desenvolvimento deste audacioso projecto, previsto para ser realizado em cinco anos.

A reunião principiou às 19 horas, tendo demorado aproximadamente uma hora. A expressão dos números é perturbante tendo em conta os níveis a que se tem situado a economia portuguesa. Natural, portanto, a expectativa. António Champalimaud solicitado logo à entrada pelos jornalistas e interrogado se «este empréstimo» vai resolver a actual situação do país, corrige logo a pergunta afirmando:

. — **Isto não é um empréstimo. Os 120 milhões de contos são para gastar. Não ouvi falar em empréstimo.**

Outra pergunta feita visava saber em que sentido iriam ser feitos os investimentos, mas António Champalimaud declarou que acabava de chegar de fora e talvez na última semana se tivessem passado coisas de que não tenha conhecimento.

Quisemos saber se esta proposta poderia ser interpretada como um acto de confiança no governo e no país e ao mesmo tempo um acto político dos empresários.

— **É um acto industrial** — respondeu António Champalimaud — **É um acto normal, um acto de rotina. Os industriais estão sempre a investir. Só que agora decidiram pôr em conjunto os investimentos que têm projectados. Faz este volume todo, muito embora os contos já estejam agora bastante desvalorizados.**

Receptivo, o discutido empresário foi respondendo a outras perguntas enquanto se encaminhava para o salão onde teria lugar a reunião.

— Isto trará benefícios para o povo? Foi a pergunta de outro jornalista

— **Tudo quanto seja industrializar é benefício para o povo.**

— Há indústrias novas a montar no País?

. — **Bem, eu não conheço a coisa em detalhe, mas pelo que me disseram é a extensão das que existem e há muitas unidades novas. Mas eu não quero ser o porta-voz do grupo**

As portas fecharam-se para se abrirem pouco depois a fim de que pudessem ser feitas fotografias para a Imprensa e recolhidos os nomes dos presentes.

Cerca de uma hora depois a reunião estava terminada. Novamente solicitado, António Champalimaud dá nota de que se passou.

— **Vai-se acabar com a «intervencionite». Também há promessas de que a burocracia será aligeirada. Aliás, o coronel Vasco Gonçalves facilitou muito a missão, uma vez que disse que tinhamos padrões a atingir, que erem os padrões já atingidos pela Europa Ocidental, e que queria que a atitude empresarial fosse feita no sentido de o País poder atingir esses mesmos padrões o mais rapidamente possível. De maneira que os industriais disseram-lhe que estavam prontos a isso. É preciso que o governo português assuma também atitudes convenientes, que foram as assumidas já há muito tempo, logo a seguir à guerra, pelos governos da Europa Ocidental.**

Perguntámos em seguida se tinham sido pedidas garantias especiais ao governo para a concretização do projecto. Significativa a resposta obtida:

. — **Que deixe realizar e que faça como os governos da Europa Ocidental, pois é parte do processo e que não queira tomar o monopólio dele.**

— Facilitar portanto aos empresários a política de industrialização do país, não fazendo grandes intervenções?

. — **Sim, sim. Não «chatear». Fiscalizar, mas não «chatear». Deixar aos técnicos e aos empresários a missão de realizar. Depois, se eles prosperam ou não prosperam, e se abrem falencia, o governo não tem nada com isso.**

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Outra pergunta visava saber se o desenvolvimento regional estava previsto e se este plano poderia contribuir para atenuar o desnível económico entre as várias zonas geográficas do País.

— **Entendeu-se que era preocupação dominante do governo o desenvolvimento regional e assim foi previsto.**

— Como empresário com vastos interesses no ultramar, pensa que a independência das colónias, tal como alguns sectores pretendem fazer crer, provocará dificuldades económicas ao País? Ou, pelo contrário, tal facto estava previsto pelos empresários?

. — **Se a independência for feita por uma forma irresponsável provocará as maiores dificuldades. Eu sou pela independência das colónias. As dúvidas que ponho são sobre o processo de a fazer. Sobre isso ponho as maiores reservas.**

Assediado com mais perguntas, António Champalimaud endossou os seus interlocutores para o eng. Valladas.

— **Ele é o chefe do grupo, o porta-voz. De maneira que o chefe é quem fala...**

O eng. Valladas tinha efectivamente coisas importantes para dizer e, antecipando-se aos jornalistas, foi ele a fazer a primeira pergunta:

. — **Afinal onde estava o dinheiro? Onde estavam os 120 milhões de contos? É preciso esclarecer que os 120 milhões não existem. Temos que os ir procurar. No fundo essa importância, que será investida no prazo de cinco anos, tem que ser realizada com coisas privadas, aumentos de capital, etc., pois não existem nesta altura 120 milhões de contos à disposição para investir assim.**

— Para este projecto estão a contar com a pequena poupança?

. — **Com a pequena poupança e com esquemas de captação de poupança dos nossos emigrantes. O projecto envolve um esforço, digamos, de mobilização nacional, e a captação de poupança, como em qualquer país civilizado do mundo, como não podia deixar de ser.**

— Isso poderá significar, portanto, que ao cidadão português detentor de pouco capital será oferecida agora a possibilidade de vir a ser pequeno accionista de empresas?

. — **Apresentamos esquemas, alguns até inovadores, de captação de poupança com o objectivo de desenvolvimento económico.**

Faria Blanc, outro dos componentes do grupo recebido pelo coronel Vasco Gonçalves, interrogado sobre as razões que levaram os empresários a tomar esta atitude respondeu:

. — **As razões são o 25 de Abril, que existe, e a necessidade que um grupo muito vasto de pessoas reconhece de reformar todas as nossas actividades económicas e de criar uma democracia económica que possa ser correspondente a uma democracia política que se pretende implantar no País.**

— Esta ideia já existia ou germinou antes do 25 de Abril?

. — **Posso até dizer que não só teria germinado, como muitas das ideias que aqui temos estariam em vias de ser postas em prática antes do 25 de Abril, mas este permitiu que as pessoas se juntassem mais facilmente e veio dar-lhes mais coesão.**

— A ideia pode interpretar-se como uma tomada de posição dos empresários para não se deixarem ultrapassar pelos acontecimentos?

. — **É apenas um grupo de empresários. Pretendemos demonstrar um capitalismo moderno. Não é o velho capitalismo. É isso que pretendemos demonstrar, embora aceitemos que outras pessoas demonstrem outras ideias e outras coisas. É uma questão de o fazerem. Não pretendemos que a nossa solução seja única.**

Revelou depois que em alguns projectos está previsto o recurso a capitais estrangeiros, como no caso de Sines, em que há capitais portugueses e estrangeiros.

Perguntámos ainda se eventuais acordos técnicos e comerciais estabelecidos entre Portugal e países do Leste se enquadravam no âmbito e nas características do projecto. A resposta foi positiva salientando Faria Blanc.

— **Consideramos que o facto de o país poder trabalhar com outros países e de o 25 de Abril ter aberto o seu leque de relações é extremamente favorável à economia e aos empresários Temos todos os países do Terceiro Mundo. A situação anterior era muito prejudicial nestes aspectos.**

O «dossier» com o plano será hoje divulgado aos orgãos de Informação, mas foi revelado que o plano engloba 104 projectos, não estando ao que parece consideradas multinacionais.

O Governo vai agora estudar este ambicioso plano, procurando que ele traduza efectivas vantagens para o futuro do País, enquanto as opiniões se dividem quanto à interpretação a dar a esta iniciativa do grande capital português.

A BOMBA DOS SEUS DESEJOS

Aproveitando a hora do almoço, em que os empregados se encontravam ausentes, o jovem Carlos Teixeira, na situação de desempregado, penetrou por meio de chave falsa num estabelecimento de electrodomésticos, situado na Rua Almada Negreiros, em Olivais. Ali passeou serenamente à vista pela vasta gama de artigos expostos, acabando por escolher uma bomba de tirar água, avaliada em seis contos.

E já se preparava para abandonar o local, na posse do objecto furtado, quando apareceu em cena o gerente do estabelecimento que logo o agarrou. Na esquadra para onde foi conduzido, Carlos Teixeira teria afirmado: **Aquela era a bomba dos meus desejos. Com ela, a horta do meu pai lá na terra passaria a ser outra coisa.**

VERÍSSIMOS
SALDAM
GRANDE SORTIDO EM CASACOS E BLUSÕES DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA, TODO O RESTO DA COLECÇÃO DE VERÃO: FATOS, CASACOS, CALÇAS, MALHAS, CAMISAS, BLUSÕES, etc.
AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

"OBRIGAR O CAPITAL A PAGAR A SUA PRÓPRIA CRISE"

Solução defendida pelo M.E.S.

Uma sólida organização autónoma da classe operária nos seus locais de trabalho e a aplicação progressista do Programa do Movimento das Forças Armadas, até às suas últimas consequências, foram defendidas, repetidamente, no primeiro comício do Movimento da Esquerda Socialista, como forma correcta de caminhar para a única solução que interessa às classes trabalhadoras: o Socialismo

Este comício fora convocado com os seguintes pontos fundamentais de trabalho: « ... **A crise económica e a situação das classes trabalhadoras; 2 — O processo de descolonização e o caso de Angola; 3-A ex-Pide, as Forças Policiais e a escalada da reacção.** Como justificação apontada pelo M.E.S. o facto de se considerar a actual situação política extremamente grave dado que **«a reacção recupera dia a dia o terreno perdido pela acção das massas trabalhadoras no período que se seguiu ao 25 de Abril e as forças democráticas não se mostram capazes de promover um processo de massas que garanta em cada momento da crise política actual a verdadeira expressão da vontade popular».**

Umas mil e duzentas pessoas encheram a bancada do Pavilhão de Campo de Ourique, transbordando ainda para o recinto. Dispersas pela sala ou gritados pela assistência as palavras de ordem que dominaram o comício: **«Pela autonomia da classe operária» «A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores», «Avante pelo socialismo»** e **«No combate à reacção só a luta dos trabalhadores poderá ser vitoriosa».**

Edilberto Moço, do Secretariado da Organização Regional de Lisboa do M.E.S. fez a introdução aos discursos tendo logo adiantado que não se pretendia, com este comício, fazer uma afirmação partidária mas antes **levar as massas operárias a manterem-se vigilantes para no momento necessário travarmos os movimentos reaccionários venham eles de onde vierem.**

Sobre a situação económica e a actual fase de luta dos trabalhadores falaram Augusto Mateus e Rogério de Jesus. O primeiro declarou, nomeadamente, que face à actual crise económica e política que vivemos só uma solução serve os interesses dos trabalhadores: obrigar o capital a pagar a sua própria crise: **«Tal não será possível»** — declarou — **«sem machadadas efectivas no poder dos capitalistas. Tal não será possível deixando intacta a banca comercial. Tal só será possível com uma sólida organização autónoma da classe operária nos seus locais de trabalho e pela aplicação progressista do Programa do Movimento das Forças Armadas,** até às suas últimas consequencias». Rogério de Jesus falou com palavras simples mas de uma forma tão directa e persuasiva que arrancou aplausos totais, com frequência, nomeadamente, quando se referiu aos esbanjamentos habituais da burguesia em carros de luxo, jóias, dinheiro gasto em casinos e na vacuidade, para afirmar:

. — **O dinheiro não se fabrica. Imprime-se na Casa da Moeda mas é o valor declarado do nosso trabalho.**

SOLIDARIEDADE DOS POVOS DAS COLÓNIAS COM A LUTA DO POVO PORTUGUÊS

Ana Benavente, que falou a seguir, tratou da análise da luta dos trabalhadores portugueses emigrados enquanto Santos Barros abordou a situação dos Açores, englobando o combate à continuação das bases estrangeiras no nosso país na luta contra o imperialismo.

O processo de descolonização e o caso de Angola, número dois do programa anunciado, foi entregue a Nuno Teotónio Pereira que fez uma longa e circunstanciada comunicação sobre a interligação das lutas dos povos das colónias com a luta do povo português e os seus interesses recíprocos.

— **Foram as lutas dos povos das colónias que levaram a uma situação insustentável a burguesia portuguesa e o regime fascista que a apoiou durante meio século. Foram as lutas dos operários e camponeses de Angola, Moçambique e Guiné-Cabo Verde que abriram o caminho para o derrubamento do fascismo em Portugal, criando condições mais favoráveis para a emancipação dos trabalhadores no nosso País. O M.E.S. sempre tem afirmado que estas lutas são solidárias e que a luta contra a guerra colonial tem de ser uma luta contra o colonialismo e que a luta contra o colonialismo não pode constituir um sector à parte da luta do povo português e da luta dos trabalhadores.**

. — **O 25 de Abril bem o demonstrou como também foi confirmado durante a crise do Primeiro Governo Provisório; também nesse momento foi a intervenção vitoriosa do M.F.A. que fez prosseguir o processo de descolonização cujo curso as facções da direita tentavam bloquear.**

(...) Os acontecimentos dos últimos dias de novo põem em evidência a solidariedade das nossas lutas: a escalada da reacção, a que se assiste, conjuga-se com tenebrosas manobras neocoloniais que procuram de novo entravar o processo de descolonização em Moçambique, em Cabo Verde e, muito especialmente em Angola.

Caso por acaso foram analisadas as situações parciais em cada colónia e a evolução que o processo de descolonização vai conhecendo paralelamente aos avanços e recuos das lutas das massas trabalhadoras em Portugal.

O comício teve, ainda, uma segunda parte preenchida com o anuncio da Jornada Nacional e Internacional de Solidariedade e Apoio ao Povo Chileno, organizada pelo M.E.S. entre os dias 11 e 15 de Setembro em Lisboa, e com respostas da mesa e, principalmente de César Oliveira, às perguntas da assistência.

Foi, então, reafirmado que não será possível edificar em Portugal uma democracia burguesa pois o capitalismo e a burguesia portuguesa não têm capacidade para absorver a capacidade de luta do operariado.

As opções seria, assim, entre o fascismo e o socialismo.

As vias para o Socialismo, neste momento tinham antes sido apontadas: organização autónoma da classe operária e apoio à facção mais progressista do Movimento das Forças Armadas.

ESPECTÁCULOS

SAEM DA TOCA OS RATOS COM AGRESSÕES E BOATOS

Através do Telejornal, um importante aviso: a reacção está a levantar cabeça. Álvaro Guerra justamente lança a pedrada no charco. Um grito! *Eles já estão aí...* Refere o aparecimento em certa imprensa de uma linguagem putrefacta, a recordar tempos velhos. Além disso, como recorda Álvaro Guerra, são as reuniões, as confrsternizações de parceiros e amigos velhos — e por fim as agressões não já ideológicas, mas outras mais concretas. Que o diga este amigo de Monforte atacado e ferido. Que o digam outros casos contados na Imprensa.

Isto acontece como?

Alguns amigos de Portalegre falam do assunto. Entre eles, Nicolau Saião («produto» do *Diário de Lisboa. Juvenil* de boa memória) João Silva, Feliciano Falcão, director da *«Rabeca»* e um outro amigo cujo nome as deficientes condições da captação de som, não deixaram entender.

Para além dos «soluços» da reportagem, com os depoimentos interrompidos e alinhavados, foi possível compreender que não se trata de um caso isolado; que a reacção aumenta dia a dia; que a cidade aparece inundada de propaganda fascista; que a violência se processa sobre o Movimento Democrático Português porque se trata de velhos militantes experimentados na luta antifascista; e depois a falta de saneamento da região, onde a *violência dos reaccionários contrasta com a calma dos trabalhadores*. Nicolau Saião avisa: *Estamos em plena escalada da reacção.*

Tem razão Alvaro Guerra: *não podemos abrandar a vigilância*. Mais: temos de organizá-la mesmo.

O POÇO DA MORTE

Estão no *Poço da Morte*. Na ilha da Madeira ele tinha o seu empregozito, ela era doméstica. Lá iam vivendo, enfim. Mal, pois. Até que um dia apareceu por lá aquele tipo dono do *poço da morte* a perguntar se ele queria comprar o *poço da morte*. Trinta e cinco contos. Bebeu uns copos, comprou o *poço da morte*. Da primeira vez que andou no poço da morte foi só depois de beber um copo. Trambolhão, claro. Lá foi ganhando coragem, que remédio. Já teve vários acidentes.. O filho começou a andar no *poço da morte* aos 10 anos. Agora, com 22 anos, e com quatro filhos, é um grande artista, um dos maiores artistas do mundo. O artista diz: «É uma vida muito arriscada. Quando se fecha a porta do *poço da morte*, um artista nunca sabe se sai vivo ou se sai morto.» Tem quatro filhos. Olhem para eles. Estão todos lá no fundo. No fundo do *poço da morte*. Os meninos e as meninas brincam descontraídas no fundo do *poço da morte*. Certamente á espera que os vamos tirar de lá. Iremos, claro. Quando formos orfeus decididos mesmo a não olhar para trás.

DA JUVENTUDE A CAMINHO DO POVO.

Aquele breve apontamento sobre a campanha de alfabetização de adultos,igualmente incluido em *«Das Artes e ofícios»*, honra lhe seja.

Honra lhe seja porque os serviços informativos da televisão quase por completo organizaram esse movimento, que é, a vários níveis, das coisas mais belas e mais importantes que a juventude estudantil tem feito neste país. Centenas e centenas de estudantes espalham-se por Beiras e Trás-os-Montes numa campanha heróica e significativa: o fortalecimento do abraço entre a juventude das escolas e o seu povo.

A televisão não liga a isso. Não presta o mínimo apoio. Os moços que se desenrasquem como entenderem, já que se meteram nisso. A Rádio Estudantil, através da Emissora Nacional tem-nos contado pormenores impressionantes: a desconfiança das populações manipuladas pelos caciques, pelos reaccionários por interesse ou tradição. Alguns padres a semear a má recepção. As ameaças. Os ataques. Mas também tudo resolvido em carinho, por parte da população, logo que elementos de sua confiança do Movimento Democrático Português lhes explicam que os moços e as moças não são nada comunistas que comem meninos, são gente simples que vem ajudá-la, ensilá-la e aprender com ela...

Tudo seria mais fácil se a televisão desse um jeito. Era muito importante a ajuda, a colaboração, a simpatia da televisão. Não de vez em quando. Mas todos os dias. A televisão devia também ir com os moços,

a alfabetizar. Mas a televisão não está para isso. Tanto pior para ela. Tanto pior para nós. Os moços, esses lá vão. Parte o comboio numa estação quase deserta. Noutros países quando os jovens partem para estas campanhas há festa na rua. A população amiga das cidades vem apoiá-los, dar-lhes flores, prendas beijos, mantimentos, sorrisos: confiança.

Entre nós, os moços partem em silêncio. Ninguém dá por isso. Na plataforma da estação, meia dúzia de pessoas. Familiares, talvez. Talvez o Prof. Lindley Cintra, e mais ninguém. Uma profunda solidão. Uma tristeza.

É PRECISO SANEAR AS PALAVRAS DIFÍCEIS

Os ministros Silva Dias e Rui Vilar estiveram a falar connosco sobre problemas diversos relacionados com a economia e as finanças. Matéria importante e missão cumprida. resultou da entrevista uma sensação de tranquilidade, de alívio. Calma aí, nada de alarmes: temos ouro, temos divisas, temos crédito. Os emigrantes confiam no Governo Provisório e nas Forças Armadas, as remessas dos emigrantes contribuem para o fortalecimento da democracia portuguesa. Assim agora sofrem favoráveis os ventos do turismo e as preocupações de crise dão um grande passo á retaguarda. Mas...

Mas há o desemprego. Rui Vilar disse mesmo: resolver o problema dos desempregados constitui prioridade absoluta nos cuidados do Governo Provisório. Estão a tomar-se medidas para uma rápida reanimação da vida económica do País. Correcto. E até lá? Até lá que vai ser dos desempregados, dos que querem trabalhar e não sabem onde?

Como se disse, a entrevista foi útil. No entanto, cada vez mais devem os responsáveis pelos diversos sectores, quando chamados á televisão capacitar-se de que estão a falar para milhões de pessoas que não percebem népia de uma data de coisas. E não venhamos para aqui com a história dos rurais, tadinhos, que não sabem nada: nas cidades igualmente a grande massa da população passa a milhas dos termos tecnicos.

Certo, particularmente o ministro Silva Dias procurou evitá-los. Há que fazer, no entanto, mais do que isso: há que inventar milagres de divulgação, de esclarecimento, de explicação. Estou convencido de que poucos foram os telespectadores que perceberam o mecanismo segundo o qual a política da verdade usada contra os *preços políticos* do Marcelo redundava, afinal de contas, em benefício da população. Era preciso mostrar a diferença entre a subida de preços á moda antiga e esta: agora, trata-se já não de defender os interesses dos monopolos ou do regime político, mas a de libertar verbas que podem ser aplicadas no fomento.

Evidentemente que estamos em regime capitalista «pelo menos como disse o entrevistador Saarsfield Cabral com um tocante optimismo até ás próximas eleições». Evidentemente que a mais valia contínua a ser empochada pelo empresário. Resta porém saber se existem condições objectivas para levar a outro tipo de sociedade; se a preocupação fundamental agora pode ser outra, além do máximo aproveitamento político, a vários níveis.

Voltemos, porém, á linguagem a utilizar na televisão. Há que usar de máxima simplicidade, uma simplicidade quase infantil. É preciso sanear o termo olenóxio, difícil, de técnico para técnico, a armar em carapau de corrida. Porque é ridículo e mais, porque é inútil.

A mania do linguajar complicado parece querer invadir o próprio boletim metereológico. Aquela *alteração sinóptica*, ouviram? É o fim.

Senhores, ouvi o conselho do povo: *falar claro e mijar direito*. E cumpram. Pelo menos no falar.

novidades
EUROPA-AMÉRICA

Um grande artista
Um lutador

Mikis
THEODORAKIS

DIÁRIO DE UM RESISTENTE

pela liberdade — contra o fascismo

105$

O SINDICALISMO NO MUNDO
—Georges Lefranc 55$

CRESCIMENTO ZERO ?
—Alfred Sauvy 105$

Peça na sua livraria ou directamente a
publicações europa-américa
Apartado 8 — Mem Martins

Teatro Maria Matos

A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE»
de Bernardo Santareno
Todos os dias
às 21.45 horas
Domingos, «matinées»
às 16 horas
Segundas-feiras
descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito a menores de 13 anos

LUSOFRIO
REPARAÇÕES FRIGORÍFICAS
Telef. 77 62 87 — LISBOA

ÇALDOS

Kalças, çaias, Kamiseiros
e outros trapos giros

boutique
CHARME

Rua Ramalho Ortigão, 47-A
(ao Bairro Azul)

estúdio 444
CINEMA CASTIL

um novo TRUFFAUT!

(UNE BELLE FILLE COMME MOI)

UMA BELA RAPARIGA

BERNADETTE LAFONT
CLAUDE BRASSEUR * CHARLES DENNER * GUY MARCHAND

ESTREIA HOJE AS 21.45 H EM 2 CINEMAS

GRUPO D • 18 ANOS EASTMANCOLOR TALMA FILMES

ESPECTÁCULOS

Amália melhor que José Afonso?

A música enquanto forma de consciência social, enquanto manifestação artística tão carregada de conteúdo expressivo como qualquer outra, não ocupa ainda entre nós o lugar que lhe pertence. As razões estão à vista:

a) consagração no ensino do analfabetismo musical;

b) monopólio dos circuitos radiofónicos- televisivos pela subsmúsica ou música comercial;

. c) contrafacção dos genuínos valores do nosso folclore musical;

. d) isolamento da criação musical num círculo fechado burguês, que até agora só Lopes Graça foi capaz de subverter;

. e) empenhamento do fascismo em tudo isto.

É no quadro de uma ofensiva ideológica reaccionária que estes factores devem ser interpretados. Convinha e convêm à burguesia a omnipresença da submúsica ou música musinicação de massas. Não só pelos avultados lucros materiais que daí aufere mas também, e sobretudo, pela acção dissolvente e estupidificante que ela exerce nos seus potenciais consumidores.

A omnipresença da submúsica (ou música ligeira, ou música comercial) tem uma tal influência que mesmo alguns sectores da nossa intelectualidade progressista, mais esclarecida e informada, se revelam incapazes de, na música, distinguir o trigo do joio. Esses sectores não confundem a literatura com as histórias de cordel, nem a poesia com versos de pé quebrado, mas chegam à música e é a grande confusão. Eles próprios são, de certo modo, vítimas das nossas estruturas pedagógicas e sócio-culturais, que nunca favoreceram de forma alguma o despertar de uma consciência crítica em relação à música. Apesar do carácter reaccionário que o fascismo imprimia ao ensino da literatura, nas escolas, nos liceus e nas universidades sempre se aprendia a ler (desde o juntar as letras à análise de um texto). Depois... bastava ler o que de bom se encontrava nas livrarias e o que a censura deixava passar em jornais e revistas, e eis que se formava a consciência crítica. Na música, porém, faltava a enxada do «aprender a ouvir». Este zero musical na formação de qualquer jovem, desde os bancos da escola, só por excepção não constituía uma espécie de anátema que o assinalava por toda a vida.

Destes dois dados — monopólio dos meios de comunicação de massas pela submúsica e consciência crítica de formação exclusivamente literária de parte considerável da nossa intelectualidade progressista — nasceu a grande força que foi a «nova canção portuguesa», a «balada», o movimento de que foi pioneiro e é lídimo expoente José Afonso. A força deste movimento não lhe veio da música, não é questão atinente á música, nem no plano estético, nem no ideológico. Veio-lhe, sim, da letra. Aos mitos «artísticos» lançados pelo fascismo para adormecer o povo — desde o folclore popularuncho, estilo Homem de Melo, até ao fado canção da Amália Rodrigues — opunha-se, no próprio seio dos circuitos comerciais da Rádio e do disco a desmitificação do fascismo por via do «canto livre» de José Afonso, de José Jorge Letria e outros. A partir de certa altura, havia dois campos perfeitamente distintos: um, o reaccionário, prolongava ao nível da letra a vacuidade da submúsica comercial (lembram-se do estrondoso êxito que foi «uma casa portuguesa, com certeza», da «incomparável» Amália?); o outro, o progressista, aproveitava-se do pretexto da submúsica para fazer entrar nos meios de comunicação de massas textos de consciencialização política. Isto é, a partir de certa altura uns tantos cantores serviam consciente e objectivamente o fascismo, que, em contrapartida, lhes engordava a vaidade com condecorações e honras de representação nacional (Amália, a embaixatriz...); outros tantos que procuravam, à sua maneira, com as suas letras, contribuir para a criação de condições subjectivas favoráveis ao derrubamento do fascismo.

Amália melhor que José Afonso?

. Nem melhor, nem pior. Musicalmente, não há que compará-los porque não é a música o que está em causa. Do ponto de vista da voz ou da interpretação também não há que compará-los porque não é o canto o que está em causa. Do ponto de vista da letra, o que está em causa tão pouco é a arte de rimar. Muito simplesmente acontece que Amália serviu o fascismo e José Afonso o combateu. Amália, como música, como arte, como expressão da idiossincrasia do nosso povo, era a mentira. José Afonso, pelas palavras que comunicava, e mais do que isso, pelo que simbolizava (mesmo quando as palavras pareciam anódinas), a verdade.

«Grândola, vila morena» é um acaso da revolução. Mas não só: a melodia e a letra têm origem popular. Ainda que extraída do seu contexto original — a força telúrica de um coral de trabalhadores alentejanos — ela não perde inteiramente o seu potencial expressivo genuíno. Cantada num arranjo de José Afonso (para a fazer entrar nos tais circuitos dos meios de comunicação de massa), tem o sentido de uma identificação com o povo, com a sua luta, com as suas aspirações («o povo é quem mais ordena») e foi este conjunto de qualidades mais o acaso de ser «senha» do 25 de Abril que a transformaram numa canção revolucionária de ressonância nacional.

Cantada por Amália é a tentativa de recuperação de um mito fascista, a clássica manobra oportunista dos que não querem perder o comboio da revolução que sempre temeram.

Por mim, **musicalmente**, prefiro a versão de um coral alentejano. É a única em que tudo está certo, a única em que a forma e o conteúdo brotam com a autenticidade original. Agora que o fascismo foi derrubado, impõe-se também que salvaguardemos a verdadeira cultura popular.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

A "Malícia" continua

Continua em exibição, num dos cinemas da capital, o filme «Malícia», concorrente ao Festival de Cannes de 1973. Projectada em Londres durante várias semanas, a fita de Salvatore Samperi foi das primeiras a beneficiar da recente alteração política verificada no nosso País. Na foto, Tina Aumont e Alessandro Momo, numa cena da película.

Barden vai filmar o caso Humberto Delgado

. MADRID — O realizador Juan Antonio Barden apresentou um pedido junto da sociedade editora «Sedmay» para a realização de um filme baseado no livro que está a ser concluído pelo jornalista José António Novais e o advogado Mariano Robles acerca do assassínio do general Humberto Delgado, cujo cadáver foi encontrado na província de Badajoz.

Este livro sairá em Madrid entre 15 e 20 de Setembro com a presença, a título pessoal, do dr. Mário Soares, ministro português dos Negócios Estrangeiros, e o dr. Raul Rego, director do jornal «República» e ex-ministro da Informação de Portugal.

Mário Soares e Mariano Robles foram advogados da família Delgado.

Fidel Castro participa num filme sobre Hemingway

. O primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, acedeu participar numa película sobre a vida de Ernest Hemingway, cujos exteriores serão, na sua maioria, rodados em Cuba.

A firma produtora de Hollywood, «American Production Company», anunciou que tinha recebido a aprovação do Governo cubano para levar a cabo o seu projecto.

Os cubanos possuem uma enorme admiração por Hemingway e a casa onde o romancista norte-americano viveu é hoje um museu público.

A viúva de Hemingway será a narradora da película, intitulada «A Casa de Hemingway», e actuará como conselheira durante a sua rodagem.

Além de Cuba, serão rodadas cenas em Espanha, na Africa e no Estado norte-americano de Idaho.

Mais Discos

. Nova firma gravadora de discos (e de publicidade também) — a Publidisco, Lda., formada entre Gilberto Santos Pereira e José António Pereira Crespo. Sede em Lisboa. Capital social: 60 contos.

PNEUS
DE TODAS AS MARCAS
AOS MELHORES PREÇOS
SARAIVA & GONZALEZ, LDA
AV DUQUE DE AVILA 26-B
TELF 531094 LISBOA

NACIONAL

"Sou (infelizmente) familiar de um informador da ex-PIDE-DGS"

«Sou familiar, infelizmente, de um elemento da ex-D. G. S., que era «informador» activo daquela corporação, embora funcionário da maior empresa industrial de Lisboa, na qual chefiava, junto às oficinas, determinado sector» — **diz-nos um leitor, em carta enviada a esta Redacção**

A carta prossegue:

«A sua detenção foi uma surpresa para toda a família e amigos, excepto para a esposa, que, embora negue, estamos convencidos que conhecia a actividade do marido.

Soubemos agora que, dada a sua ligação com aquela polícia, contribuíu para a prisão de dezenas de democratas, companheiros de trabalho, pois dizia-se comunista e elemento de preponderância no «socorro aos presos políticos»...

Era de estranhar a vida larga que fazia — e eu, muitas vezes, chamava a atenção para o seu nível de vida, elevado, pois o vencimento não se harmonizava com os gastos, o automóvel de boa marca, que trocava constantemente, etc., etc.

Está em Caxias, detido há dois meses, sob a acusação desta actividade, comprovada pelos recibos assinados de dezenas de contos que recebia pelas informações infames que prestava...

Tudo isto vem a propósito dos acontecimentos ocorridos na Penitenciária de Lisboa e do conhecimento que tenho das facilidades e do conforto em que vivem estes indivíduos... Já o visitei, por mera formalidade familiar, verificando todos estes factos. Além da alimentação bem confeccionada que lhes é servida, adicionada pelas «guloseimas» que lhes são levadas pelos familiares, o aspecto físico é óptimo, pelos banhos de sol, ginástica, etc., além da televisão e telefonias, de que dispõem a seu bel-prazer.

«Estamos num hotel de cinco estrelas...» — afirmam constantemente.

Isto, por um lado... Por outro, mantêm uma disciplina hierárquica, a ponto de receberem «ordens de serviço» emanadas dos seus superiores e até (ainda há pouco) do Silva Pais, que exortava à coragem e à esperança de reintegração de todos os elementos na vida pública, num futuro próximo, para o «ajuste de contas»...

Estes comunicados são transmitidos entre as famílias, chegando a todos os lados onde se encontram detidos estes indivíduos».

A carta termina com a informação de que «nada tem faltado» em casa do seu familiar «informador da PIDE», nomeadamente para as despesas com o advogado. E com o aviso, por parte do nosso leitor, de que «a reacção está organizada, pelo que se torna necessário alertar todos os democratas para esta situação, cheia de perigos para a nossa liberdade».

"O Jovem" renova-se

Assumiu a direcção de o jornal «O Jovem», que se publica em Mafra, o conhecido democrata Francisco José A. Gato, após exigida a demissão do antigo director, dr. Mário Silveira. Foi constituída uma sociedade para a impressão e expansão do jornal.

O número que temos presente, juntamente com relato desenvolvido pela luta de emancipação deste órgão regionalista, encetada por elementos da C.D.E./M.D.P., entre os quais o representante da Comissão Coordenadora do M.D.P. Afonso Medeiros, transcreve integralmente do «Diário de Lisboa» o artigo «esta palavra fascista».

Em editorial afirma-se: «A isenção do trabalho jornalístico não é característica da juventude, dos adultos ou dos gerentes, mas sim dos espíritos livres e pluralistas! A isenção é portanto condição de união dos seres humanos, permitindo discutir as ideologias em pluralismo, segundo bases correctas e justas».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Inácio Ramos, Rua Costa Pinto, 75 — PAÇO D' ARCOS

AMIGOS, PRAZER, LIBERDADE

Dias de prazer na praia, com todos os seus amigos, é isso o Verão. E liberdade a liberdade que você consegue com tampões Tampax. Os tampões Tampax permitem-lhe ser mexida como você gosta, permitem-lhe nadar sempre que lhe apeteça, permitem-lhe usar o que quiser.
Pela simples razão de que os tampões Tampax são de uso interno.
Acabaram-se os pensos volumosos, os cheiros, o desconforto. Apenas liberdade para gozar todo o prazer que a praia lhe proporciona.

O nosso único interesse é protegê-la.

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO
DISTRIBUIDOR A. P. AGOSTINHO – LISBOA

Praça de Toiros de ESPINHO

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS
DOMINGO, ás 16,30 h.

CAVALEIROS
JOSÉ M. BAPTISTA
LUÍS M. VEIGA

ESPADAS
MÁRIO COELHO
FERNANDO DOS SANTOS

Forcados Amadores do Ribatejo capitaneados por Rui Soutto Barreiros

8 toiros de Herdeiros de José da Silva Lico

BILHETES A VENDA NA:
CASA CAMPIÃO - PORTO - Tel 25134
COMISSÃO MUNICIPAL DO TURISMO DE ESPINHO - Tel 920911
BILHETEIRA DA EMPRESA DO EDIFÍCIO DO CASINO DE ESPINHO

CURSOS DE FÉRIAS
EXAMES DE 2.ª ÉPOCA
PREPARATÓRIO — LICEAL — COMERCIAL
ADM. INSTITUTOS
ADM. UNIVERSIDADE — EXAMES «AD HOC»

EXTERNATOS
São Vicente
Marquês de Pombal • Álvares Cabral
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA 1974/75

MASCULINO—FEMININO
PRIMÁRIO, CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
— DIURNO E NOCTURNO —
EXTERNATO DE ALVALADE
Telef. 77 19 65 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 — Campo Pequeno

ALUGAM-SE
APARTAMENTOS
GRANDE LUXO — MOBILADOS — NÃO MOBILADOS
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89

Não se esqueça de verificar, antes de partir, se o seu
PASSAPORTE
se encontra em dia.
Lembre-se que a STAR tratará de lho obter, poupando-lhe um tempo que certamente lhe é precioso.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

"PART-TIME"
Trabalhe connosco pois se quiser pode ganhar 10 000$00, ocupando só algum do seu tempo livre. Ambos os sexos. 5.º ano. Tel. 650749/653169. Das 17 às 18 h.

FILMES CASTELLO LOPES 20 apresenta
Há filmes inesqueciveis que passam através dos tempos e se transformam em lenda.
Um deles é
A GRANDE ILUSÃO
LA GRANDE ILUSION
de JEAN RENOIR

Jean Gabin Pierre Fresnay
e a inesquecivel figura de
Eric Von Stroheim
Uma apresentação do mais alto nivel
estudio Apolo 70 HOJE às 21.45 TODOS AO

EXCURSÕES abreu EM AUTOPULLMAN
Se está interessado numa excursão de pequena duração (1, 2 ou 3 semanas) peça nos o livro (grátis) "EUROPA 74".

Se prefere uma excursão de maior duração, visitando todos os principais países da Europa, peça nos o livro (grátis) "COM ABREU O MUNDO É SEU".

EXCURSÕES abreu TRADIÇÃO NA QUALIDADE
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 180 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

NACIONAL

TRIBUNA LIVRE

Por MÁRIO BAPTISTA

Horário de trabalho de emergência

Embora todos os problemas equacionados na comunicação do Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves ao País, justificassem referência de claro apoio, um ponto houve que me feriu especialmente a atenção, até por ser dos que, explícita ou implicitamente têm estado mais no espírito dos meus recentes artigos.

Se o condicionalismo político-social vigente no anterior regime, com as suas profundas consequências económico-sociais, pode tornar compreensível o ambiente de «ajuste de contas» que tem inspirado o teor, a amplitude e a natureza das reivindicações apresentadas, particularmente no que se refere às componentes monetárias do salário efectivo dos trabalhadores, a mesma compreensão — que não significa incondicional acordo — não pode ser extensiva à generalizada exigência de redução do horário de trabalho e de aumento para um mês do período de férias.

Poderia referir-se que o salário exigido em muitos sectores económicos é igual — ou mesmo superior — ao vigente em países europeus ocidentais muito mais desenvolvidos que o nosso. Tal afirmação, embora sendo em si mesma exacta, não traduziria a complexa verdade com que o assunto deve ser tratado, pois o salário constitui apenas uma parcela do nível de vida das populações, de que também fazem parte, como elementos fundamentais, a habitação, a saúde, a previdência, a educação e até a cultura.

Sabe-se como estes elementos fundamentais do nível de vida das populações escasseiam em Portugal e como são altamente deficientes os que são postos à nossa disposição.

Simplesmente, todos também sabemos que são as desprotegidas populações do interior do País, particularmente da Beira e de Trás-os-Montes, as que se encontram mais desfavorecidas. E são elas, finalmente, as que têm estado praticamente à margem do processo reinvidicativo, continuando a vegetar com parcos salários — quando os conseguem.

Não vou agora alongar-me neste pormenor da gritante injustiça com que estão a acentuar-se as profundas assimetrias dos rendimentos do trabalho ao longo do espaço continental, até porque correria o risco de me repetir.

Apenas retenho, das variadas implicações do processo de injustiça em curso, que as esquecidas populações do interior do País terão todo o direito a sentir-se lesadas quando, para além de continuarem a ganhar muito menos do que outros trabalhadores nacionais, compreenderem que esses privilegiados, trabalhando menos e tendo mais férias, estão a prejudicar o necessário aumento do Produto Interno Bruto, isto é, a única fonte válida donde poderá resultar, pela via do imposto, alguma contribuição para as classes mais desprotegidas do País.

E há que incluir, nessas classes desprotegidas, não só os trabalhadores agrícolas e outros de sectores com incapacidade de pagamento de salários ajustados a um nível de vida digno, como os desempregados, os doentes e os inválidos, que vegetam com pensões irrisórias.

Se num país altamente desenvolvido, que tivesse atingido elevados padrões de produção e rendimento, se compreenderia a ansiedade de redução dos tempos de trabalho, para gáudio físico e intelectual de uma civilização de ócios, tentar aplicar tal condicionalismo ao caso português seria, no mínimo, desonestidade.

E como também não será fácil invocar o argumento da inconsciência, em face da tão apregoada politização das massas trabalhadoras, resulta que a preocupação de trabalhar menos deve estar também associada, embora de uma forma mais subtil, ao clima de «ajuste de contas» em que se tem vivido.

Pois se o capitalista tanto tem ganho com o esforço dos trabalhadores, para que lhe facultar, através de mais horas de trabalho, mais oportunidade de lucro fácil?

. E assim, com base neste admissível esquema de raciocínio — e de actuação — o País está a ser privado de centenas de milhares de horas de trabalho por semana, à custa do Produto Interno Bruto, das incidências inflacionistas resultantes da escassez da oferta e do agravamento da Balança Comercial com importações que, suprindo a produção nacional, vão corresponder ao maior poder de compra de algumas centenas de milhares de privilegiados, enquanto os outros, sem trabalho ou com salários miseráveis, se conformam, resignados, até decidirem entrar no caminho da emigração.

Se a hora é de sacrifício e de emergência — como claramente o declarou o Primeiro-Ministro — há que tomar decisões em conformidade.

Se os trabalhadores, com apoio dos sindicatos — e de alguns responsáveis da política do trabalho — aproveitaram os últimos quatro meses para reduzir o tempo de produção em muitos sectores económicos, o fim do tempo de férias poderá constituir uma oportunidade para repor as coisas, pela via legislativa, dentro do verdadeiro interesse nacional.

Sugere-se, por isso, que o horário de trabalho semanal seja aumentado, na generalidade, para um mínimo de 45 horas, tanto nos escritórios como nas fábricas, revertendo os correspondentes salários, os encargos sociais de conta das empresas e uma margem de lucro, a fixar segundo critérios a estabelecer diferencialmente, para um Imposto de Salvação Nacional.

Não será tarefa fácil o estabelecimento das margens de lucro a reter para cada caso, pois poderão entrar em jogo não só a mais-valia resultante dos salários como outros benefícios resultantes do acréscimo de produção.

Também não pode ignorar-se que muitas das pequenas e médias empresas, já a braços com dificuldades para pagar os salários que lhes foram impostos, mais dificuldades terão para suportar os encargos resultantes do trabalho suplementar que se recomenda. A questão deverá, portanto, ser encarada no âmbito da respectiva comissão de apoio.

Por outro lado, a trabalho suplementar corresponderá uma produção suplementar de bens e serviços, cuja venda poderá ser feita a preços correntes de mercado ou contribuir para baixar os preços médios, dentro de uma política de adequação às necessidades do consumo e de luta contra a inflação.

Trata-se, naturalmente, de tarefa complexa e bastante difícil, mas difícil também será fazer sair o País da grave situação económica em que se encontra, quer pela pesada herança do fascismo, quer em consequência das incomportáveis exigências e da diminuição de produtividade de muitos trabalhadores depois do 25 de Abril.

O tom de realismo e de calma determinação das palavras do Primeiro-Ministro avivaram a esperança de que tenha chegado a altura das grandes decisões, sem o receio da impopularidade, quando se encontra em jogo o futuro de Portugal. Parece, em resumo, que se impõe a coragem da antidemagogia.

SIDERURGIA NACIONAL, S.A.R.L.

Rua Braamcamp, 7 — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 847 321 PARA 1 440 445 CONTOS

POR INCORPORAÇÃO DE RESERVAS

EMISSÃO DE 593 124 ACÇÕES, DO VALOR NOMINAL DE ESC. 1 000$00

1.º — Os Senhores Accionistas têm direito a receber 7 novas acções por cada 10 acções possuídas. Deve ser pago, no acto da subscrição o imposto de mais-valias de 50$00 por acção, o qual será devolvido se vier a ser deferida a isenção requerida.

2.º — O direito será exercido pela entrega do cupão n.º 9 (acções ao portador) ou pela apresentação dos títulos para carimbagem (acções nominativas).

3.º — As novas acções têm direito ao dividendo que vier a ser votado para o exercício de 1974.

4.º — Os boletins de subscrição devem ser entregues de 26 a 30 de Agosto em qualquer dos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco do Algarve
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America, Ltd.
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral
Pancada, Moraes & C.ª

Lisboa, 14 de Agosto de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O ELOGIO DE BALEIZÃO

Continuação da pág. 3

da minha vida e as inúmeras manifestações de ternura e simpatia daquela gente. Por isso, aceitei sempre com orgulho e desafio íntimo as referências que me faziam em Beja, como sendo de Baleizão... Era a minha terra adoptiva. Ser de Baleizão, porque não?

. Tinha eu os meus sete ou oito anos, e aqueles meus vizinhos rudes e iletrados, alguns homens violentos e não raro dados a bebedeiras, gostavam de passar aquelas calmosas noites de Verão, sentados nos portais... contando-me histórias «verídicas» herdadas dos pais e dos avós! Tratava a maioria deles por tu, e vice-versa, como se fôssemos todos homens, ou todos crianças!... Achavam-me graça e gostavam de explicar-me, com malícia, coisas práticas que eu ignorava: como se faziam os meninos e como nasciam, os deveres masculinos. Anos mais tarde, esses e outros, na Sociedade gostavam de ouvir-me falar sobre o liceu, os estudos, outros povos. E jamais esquecerei as minhas aulas de Francês com o amigo Balinhas, velho emigrante de França.

Esta mesma gente, seminómada, enfeitiçada por heranças étnicas antigas, animada de um espírito de liberdade como não conheci outro, esta gente jogadora, audaz e por vezes violenta, tinha consigo um mérito: não aceitavam o destino sem lutar. Por isso entrou em conflito com os poderes salazarentos e salazaristas, por isso se tornou uma povoação mil vezes excomungada, à margem de qualquer benefício público, por isso deu um contingente inigualado de presos políticos e de vítimas da repressão.

Não tenho jeito para cronista. Não irei ser eu a descrever a luta dramática, durante décadas, duma pequena aldeia contra o poder absoluto que sujeitava um país. O que pretendo salientar é que Catarina Eufémia revela somente uma importante faceta de Baleizão, o da luta da mulher contra a injustiça económica e a injúria física. E o resto?

. Recordo quando aí por 1949, se verificou em Beja um esboço de levantamento popular, e pude presenciar cenas inesquecíveis. Junto do liceu, onde se situava o campo de futebol a G.N.R. «carregava» sobre os populares, montada a cavalo e de sabre desembainhado. Ouviam-se gritos aflitivos e correrias, até que alguns populares se atiraram contra as patas dianteiras dos cavalos fazendo tombar alguns e os respectivos cavaleiros. Reconheci-os, naquela véspera de segunda-feira de mercado: eram homens de Baleizão.

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

LITERÁRIO

ANGÚSTIA E LABIRINTO

Por NATÁLIA NUNES

. As características psíquicas de um povo não se mudam de um dia para o outro. Até quando uma revolução se produz, trazida e impulsionada pelos grupos mais receptivos às transformações, é preciso contar com os refluxos, mais ou menos surdos ou disfarçados, de toda essa vaza ancestral bio-sócio-psíquica, latejante nos componentes comuns de uma sociedade, de um pouco, de uma etnia.

Sem mais preâmbulos, punhamos imediatamente o caso para os chineses actuais, depois da Revolução Cultural: será sintoma da mais alta significância, relativamente a esse postulado da extrema morosidade da transformação dos fundos biopsíquicos dos grupos sócio-étnicos, a notícia recentemente divulgada de que os chineses estão a construir um sistema de defesa civil do seu imenso território «ao pé do qual a Grande Muralha não passa de um castelo de areia».

Acrescentava mais essa notícia que, em várias cidades chinesas, inclusivamente em Pequim, se constroem **vastas redes de túneis subterrâneos**, que podem abrigar os muitos milhares de habitantes das cidades: que nesse fantástico sistema de defesa, eles «trabalham dia e noite como toupeiras», para assim fazerem frente e aniquilarem o inimigo em tentativa de invasão do seu território.

Ao mesmo tempo, chegam-nos também notícias da mais recente fase da Revolução Cultural: os ataques à influência do velho sábio Confúcio, o que nos poderá levar a pensar conter o ímpeto da Revolução uma força tão dinamicamente renovadora que não deixa a mínima contemporização para com as heranças anquilosantes e anquilosadoras do passado, nem sequer talvez para com a «moderação» do Grande Timoneiro, na medida em que este se limitou a traduzir «o ideal comunista na linguagem confuciana».

Para já, poderíamos tomar a notícia da construção desse ingente sistema defensivo, baseado em túneis subterrâneos, como sinal da situação de renovação permanente e demolidora, entre os chineses, relativamente à tradição e ao imobilismo, como mais uma prova da eficácia do maoísmo no domínio das grandes realizações práticas do trabalho, da produção, da organização social e da renovação do país.

Mas não podemos. Os movimentos de superfície dos povos são sempre o reflexo da agitação do biopsiquismo de profundidade: aí, nessa «actividade de toupeiras» se mostram os atavismos do povo chinês, que a Revolução Cultural ainda não atingiu, aí se manifesta um processo vivo de reacção à transformação violentamente imposta. Porque os genes cromossómicos dos chineses que construiram a Grande Muralha ainda estão vivos e continuam reprodutíveis nos descendentes que constroem agora essas redes subterrâneas.

Servirão algum dia para uma defesa, esses túneis? Não virá tal sistema a ser ultrapassado pelas emergências imprevisíveis da evolução criadora? Serviu a Grande Muralha para deter as invasões dos Mongóis e dos Manchús? Não estarão os chineses aí a obedecer aos impulsos da massa do seu sangue, que lhes pede esse trabalho moroso, intrincado, paciente, multiplicado, multiplicável e multiplicativo, labirinto e infindável? Não haverá aí qualquer coisa que lhes alimenta uma espécie de necessidade lúdica e narcótica, a mesma que os leva a exculpir aquelas incríveis «bolas da felicidade», todas trabalhadas a partir de um bloco único e que magicamente se contêm uma no inyerior das outras, a mesma necessidade que os leva a embutir no tampo de uma mesa miríades de madrejóricas figurinhas, a mesma que os levou a inventar tantas coisas de que não souberam tirar utilizade?

. E perguntamos: perante, ou no âmago, da imensa convulsão em curso no seu país, quantos não se sentirão perturbados, desorientados, cansados, angustiados — na massa do seu sangue? Se a maolatria, encarada de longe e de fora, tem sido considerada como um sucedâneo, no espírito colectivo, da sacralização da figura **paterna** do Imperador, se o marxismo chinês pode ser considerado **ainda** como uma «religião do povo», não poderemos pensar também que a construção de tais subterrâneos representa — **ainda** — uma atitude colectiva inconsciente de **fuga**, um derivativo, um novo **ópio que permite** aos angustiados fugir à realidade opressiva, dolorosa, quem sabe, insuportável? Não será esse «trabalho de toupeiras» uma forma de **regressão** em que o transconsciente colectivo emigra de um estado «forçado» de permanente transformação para uma zona de quietação e dorminação, talvez de estagnação? Em que, quantos gostam de adormentar a imaginação em congeminações devaneadoras, e os nervos e os músculos em cadências repetitivas, aí consomem toda a energia exploradora e inventiva, conseguindo assim reencontrar um estado deliciosamente «infantil», em que se recomeça incansàvelmente o mesmo jogo? Não será essa rede de túneis o equivalente de um «fascinante» estado de problematização, para o qual se procura uma falsa solução, aportando obsessivamente, **transpositivamente**, à construção de um labirinto?

. **Os labirintos!** Há quem pense que os Antigos os desenhavam para enganar os demónios e para os fazer entrar neles, aprisionando-os no seu interior. Pois a justificação que os chineses apresentam para esses trabalhos é a de que os Inimigos aí hão-de ficar soterrados.

Também se supõe que, dantes, os labirintos se construíam nos templos iniciáticos «por razões doutrinárias»; ou para «simbolizar o erro do afastamento da fonte da vida»; ou que teriam por missão defender o acesso à «sacralidade», à «imortalidade»; ou que «constituíam equivalentes de outras provas, como a da luta contra o dragão»; ou, ainda, se destinavam a uma aprendizagem de neófitos que procuravam a maneira de «entrar nos territórios da Morte», isto é, do eterno esquecimento e repouso.

Todas estas hipóteses sobre o significado psicometafísico da construção de labirintos podem convergir para uma só. Na medida em que, para além de todas as **actuais** justificações racionalizantes, **assimilamos a construção dessa rede de túneis subterrâneos à construção de labirintos**, podemos considerar que se trata aí de um procedimento colectivo de nível simbólico; e que o simbolismo nele implícito contém: o sentimento de um perigo, não só exterior como interior, e interno, a combater ou

Continua na pág. 14

JORGE LISTOPAD

FICHAS NA MESA

. **35,1 (A PORTA FECHADA):** Os cinemas lisboetas projectam os filmes como se quisessem agora perfazer a educação sexual dos cidadãos; como se se tratasse de rápida reciclagem; de um curso audiovisual acelerado; da intesindical do sexo. Os celebrantes são, em maioria, os mercadores de fitas e os negócios parecem, à vista, prósperos.

Neste contexto pode-se enganar o bom povo cinematográfico ao presenciar uma fita como «La Grande Bouffe» (A Grande Farra). Mas o filme do realizador Marco Ferreri, apesar das cenas, não **eventualmente**, mas **seguramente** chocantes, é uma obra séria. Tão séria que, antes de tudo, temos de decidir-nos, cada um por sua conta: trata-se de um filme decadente ou de um filme sobre a decadência, portanto, nos seus prolongamentos, antidecadente. Eu, por mim, não tenho dúvida que é um filme cruelmente saudável, ocidentalmente antiocidental, embora trágico, sem saída apontada, ironicamente fechado. Mas quanto mais fechado, tanto mais alto gagueja em nós o vazio a seguir, articulando as primeiras noções de nova pureza insuspeita. Estamos então no domínio de tragédia. Fernanda Botelho o lúcidamente apontou numa crónica de «A Capital», talvez só esquecendo que esta tragédia também funciona catarticamente e, assim, **não se repete** mas modifica-se e modifica.

Apesar da grande originalidade bárbara e monótona do filme, não estamos totalmente num universo novo. As balizas, longínquas, seriam de um lado as cinematográficas, doutro lado as literárias. Relativamente ao cinema, os últimos gritos do expressionismo germânico deram consistência a alguns perversos achados e algumas sádicas contradições (o prato cheio de massa sobre o piano elegante; o pianista chopinesco com as dificuldades do ventre; as mortes ridículas); o realizador viu, provavelmente, os filmes soviéticos dos últimos anos vinte e dos primeiros anos trinta quando o ocidente neles panfletariamente atacado, quase sempre foi retratado simbolicamente como comilão desenfreado. Há um filme russo com música de Alexandrovsky, cujo título me escapa, que acaba com uma grande ceia, com uma comilança multiplicada, ampliada, cena essa que dura um tempo sem fim, e que acaba com a metamorfose das centenas dos convidados em porcos. No filme de Ferreri nem os animais querem continuar a farra dos homens...

Quanto aos outros modelos, como digo, longínquos de «A Grande Farra», eis a atmosfera trágica de Sartre de «Huis Clos» (À Porta Fechada) e sobretudo a novela de Dürrenmatt «La Panne», coincidente até em número e em caracteres de algumas personagens e, afinal, na teoria da degradação absoluta cuja descida no inferno começa... amavelmente no Dürrenmatt, penosamente no Ferreri.

Filme — como tal — perfeito. Económico como linguagem. Invisível a fabricação. Os actores saindo de si, psicodramaticamente, ou antes, fingindo o psicodrama sendo esse **fingimento** o método curioso e eficaz do trabalho (observa-se que os nomes próprios das personagens fictícias correspondem aos verdadeiros dos intérpretes). A actriz Andréa (actriz?) que personifica Andréa, essa análise impiedosa mas ainda assim arquetipicamente poética «do eterno feminino», é um espanto. O seu riso saudável, as suas lagrimetas por ter rabo gordo para certos exercícios, o seu olhar de Madona, inesquecíveis.

Grande filme? Não sei, mas **o filme.** Algo artificial? Certamente; mas lá onde o **artificial** se junta **a arte** na sua definição. Filme claro? Pois. Só não sei o que significa aquele chinês que está à espera e que traz uma prenda para o sr. Dr. Juiz, nessa casa abandonada para os lados do Champs de Mars onde passei várias vezes e sempre achei tão cinematográfica.

Com o chinês, alguém me ajuda?

. **35,2 (NOITE DE GUERRA DOS BONECREIROS):** NaSociedade das Belas-Artes já acabaram os parcos espectáculos, sempre cheios, de «Noite de Guerra no Museu do Prado» e os Bonecreiros andam a monte, com este e com «A Comédia Moscheta» às costas. Críticas feitas na Imprensa, lidas ou não, o que há a dizer a mais? Pois talvez haja, mesmo se tudo for dito de maneira um tanto telegráfica: a imagem do próprio espectáculo, económico, eficaz, urgente. E que, desde há bastante tempo, não me sentia tão em confiança dentro do **espectáculo vivo.** Artisticamente, civicamente, politicamente. Artisticamente: há uma única forma encontrada, formulada de ver e dar a ver o texto, aliás belo, complexo e singelo de Rafael Alberti, com as cambiantes rítmicas notáveis, com a marcação que **cria o espaço** feito de nada, com as actuações niveladas e mesmo assim individualizadas e multiplas em profundidade. Eis, finalmente: Espanha sem folclore; o político sem comício; o épico sem secura; o moderno sem modernaço; o real sem ter medo do que real se supera a si próprio — em poesia.

Além dos pormenores, talvez discutíveis, único senão de certa monta: a que se deve a não utilização da sala-galeria das Belas-Artes, que é, de certo modo, o museu possível, para a encenação da peça que se desenrola entre os quadros? Mas talvez as razões técnicas o tenham impedido. Não duvido que Mário Barradas, o feliz encenador, também tenha pensado nisso.

35,3 (ACTOR): Durante os acontecimentos na Baixa, como anunciaram os jornais, foi ferido «o negro João Adalberto Medina Santos, actor, e a sua mulher». Alguns perguntaram quem é... não conheço...

João Medina é um amador do «Celeiro do Império» do Primeiro Acto de Algés. Voltando a tempo presente: quando ferido, tendo ficado a noite no hospital de quarta para quinta, gravou-se o «Celeiro do Império» na Televisão, com o título aliás verdadeiro, já não camuflado por causa da censura, «Milho para o Oitavo Exército». Quinta de manhã, João Medina, com a cabeça em forma da meloa, com o olho inchado como uma batata doce, sem dormir, entrou de novo no estúdio. Trabalhou-se. Medina no papel importante, exausto, atento, mais comedido, agora excepcional. Todo o dia no estúdio, sob o calor insuportável: ensaiar, gravar, ensaiar, gravar. Com disciplina, contra o cansaço, contra o desespero, contra tudo. O comunicado do jornal tinha definitivamente razão: João Medina, actor.

35,4 (GULBENKIAN PARA O POVO): Li com simpatia o grande estandarte desfraldado durante a greve da Gulbenkian, com o texto dos trabalhadores da Fundação: A cultura para o povo. Fiquei pensativo, alguns dias depois, ao saber que a reivindicação de 35 horas semanais dos trabalhadores da Gulbenkian era aceite pela administração. A cultura para o povo com a diminuição do horário?

. **35,5 (NOTAS SOLTAS):** Ambas mais ou menos musicais: daí notas.

35,5,1: Recital Moustaki, domingo passado na TV. Excepcional. A crítica de Mário Castrim, pois à altura do concerto, subtil, compreensiva com «o manso trotzkismo», solidária com o solidário. Só queria perguntar: gostou da tradução? O princípio, em si excelente, de legendar os versos, nestes casos não pertence aos poetas? Desculpe, amiga tradutora. Isto até nem é consigo.

35,5,2: Novo indicativo de Telejornal. Mesmo sendo mais o **sinal** do que o indicativo chamado musical — a melodia faz ainda falta aos muitos espectadores — acho bom. Seco mas dinâmico. Neutro mas comprometido com o tempo. Telejornal.

SALDOS
NA QUADRANTE
LIVROS DE MATEMÁTICAS, FILOLOGIA
AGOSTO/SETEMBRO

NACIONAL

Apoio do P.C.P. à independência de Angola

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Congresso do M.P.L.A., que está a decorrer em Lusaka, a seguinte mensagem de saudação:

«Saudamos fraternalmente o Congresso que estais realizando, desejando de todo o coração que dele resulte o reforço do M.P.L.A. como força de vanguarda na luta do povo angolano.

«O vosso Congresso realiza-se numa situação em que, embora num processo muito complexo e ainda com múltiplos problemas e dificuldades a vencer, estão ao nosso alcance os objectivos pelos quais durante muitos anos lutamos em fraternal aliança. O derrubamento do fascismo e a formação de um Governo democrático em Portugal, o reconhecimento pelo Governo Português do direito do povo de Angola à independência, são acontecimentos que criaram uma situação nova.

«Hoje como sempre o P.C.P. apoia a luta de libertação do povo de Angola e o M.P.L.A.. Consideramos que as novas tarefas que se colocam mais necessário tornam fortalecer os laços de amizade entre o nosso Partido e o M.P.L.A. Desejamos ardentemente que se estreitem os laços de solidariedade criados entre os nossos dois povos na luta contra o regime fascista e colonialista. Fazemos sinceros votos de que, com a independência de Angola,se possam estabelecer entre os nossos países, livres e iguais, amplos laços de cooperação na base do respeito e do interesse mútou.

«Reafirmando - os activa solidariedade enviamo-vos, e através de vós a todo o povo de Angola, calorosos votos de novos êxitos para a completa libertação e independência da vossa Pátria.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS

25.313 ... 9.600.000$00
13.199 ... 900.000$00
8.520 ... 300.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

25.312 ... 30.540$00
25.314 ... 30.540$00

PREMIOS DE 30 CONTOS

1.321; 3.242; 5.140; 8.375; 9.036; 11.576; 11.905; 17.317; 19.118; 19.274; 21.365; 22.071; 22.720; 22.855; 23.544; 24.213; 28.089; 29.165; 29.533; 31.373; 37.593; 41.173; 42.236; 44.607; 45.249; 45.414; 46.408; 46.458; 47.656; 48.832; 51.065; 51.072.

PREMIOS DE 960$00 (CENTENAS)

8.501 a 8.600; 13.101 a 13.200 e 25.301 a 25.400

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 243 são contemplados com 1 800$00, em cada bilhete, e os terminados em 040, 102, 136, 618, 779, 811, 849, 970 ou 980 são contemplados com 1 200$00. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 48 ou 92 são contemplados com 960$00. Os restantes numeros cujo último algarismo — terminação — seja 3, têm direito a 600$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O MINISTRO DO TRABALHO EM ALJUSTREL

O ministro do Trabalho, capitão Costa Martins, acompanhado pelo secretário de Estado da mesma pasta, deslocou-se esta tarde a Aljustrel.

A sua chegada está prevista para as 16 horas e trata-se de uma visita de trabalho a esta localidade alentejana.

Proposto para governador civil do Porto o dr. Mário Cal Brandão

O dr. Mário Cal Brandão vai ser proposto para o cargo de governador civil do Porto por ter sido o que maior número de votos recebeu na sessão destinada a propor ao Governo um novo chefe do distrito.

Tanto o Partido Socialista como o Partido Comunista estiveram de acordo, apoiando a escolha do dr. Mário Cal Brandão, que é membro do Partido Socialista e um dos representantes do seu Secretariado na Zona Norte.

O dr. Mário Cal Brandão conta 63 anos e é formado em Direito pela Universidade de Lisboa. Foi também estudante em Coimbra e dirigente do Centro Académico Republicano, da Associação Académica e do Jardim Escola de João de Deus. Exercendo advocacia no Porto há cerca de 40 anos, o dr. Mário Cal Brandão definiu-se sempre como um corajoso lutador antifascista e uma figura de democrata de grande prestígio. Foi um dos signatários do «Programa para a Democratização da República» e tomou parte activa em todas as campanhas e movimentos oposicionistas. Pertenceu às Comissões distritais do M. U. D. e das candidaturas dos generais Norton de Matos e Humberto Delgado e do almirante Quintão Meireles.

Em 1961 e 1969 foi candidato a deputado pelo círculo do Porto, pela C. E. U. D.

Defensor incansável dos perseguidos pelo regime fascista, ele próprio conheceu as masmorras da P. I. D. E./D. G. S. no Porto, Coimbra e Lisboa.

Para o cargo de governador civil substituto foi indicado o eng.º Joaquim Macedo Correia, que em princípio esteve relutante em aceitar. O governador substituto indigitado é dirigente da Associação Industrial e encontra-se ligado ao sector industrial da metalomecanica, sendo director do respectivo Grémio. Em 1969 foi candidato a deputado pela U. N.

Para a nomeação do dr. Mário Cal Brandão e eng.º Joaquim Macedo Correia aguarda-se agora o parecer favorável do Conselho de Ministros.

BOTELHO MONIZ POSTO EM LIBERDADE

Ao fim de 20 dias de detenção foi ontem posto em liberdade o antigo presidente da Direcção do Rádio Clube Português, sr. Júlio Botelho Moniz.

A prisão ocorrera na sequência de queixas apresentadas na Polícia Judiciária relativas a factos anómalos que se teriam passado antes de 25 de Abril na administração da sociedade cooperativa do R.C.P.. Foi então anunciado que as investigações incidiam sobre a suspeita de prática de desvios de fundos de alguns milhares de contos. O inquérito sumário, no entanto, forneceu matéria para justificar o envio no prazo legal aos juízes de instrução.

Ainda procurámos saber junto do inspector que desempenha, nesta altura, as funções de subdirector da Polícia Judiciária os motivos concretos da ordem de saida da prisão sem sequer ser arbitrada qualquer caução. Foi-nos respondido que o processo continua em segredo de justiça mas que a investigação vai prosseguir com o investigado em liberdade.

Não foram revelados, concretamente, quais os factos que eventualmente não se tenham provado ou tenham mesmo sido desmentidos nem quais os que são ainda objecto das investigações.

Contrato colectivo dos trabalhadores de hotelaria do Norte

Por despacho de 21 do corrente, o ministro do Trabalho, capitão Costa Martins, determinou a criação de uma comissão técnica para preparar um projecto de portaria que regulamente o trabalho dos profissionais da Indústria Hoteleira da Zona Norte do País.

Criada ao abrigo do Decreto-Lei n.º 49 212, de 28 de Agosto de 1969, a comissão deverá ter os seus trabalhos concluídos no prazo de dez dias a contar da data da publicação daquele despacho no boletim do Ministério do Trabalho.

Os trabalhos da comissão vão incidir sobretudo na aplicação à Zona Norte das várias alterações às convenções colectivas de trabalho actualmente em vigor para os trabalhadores da Indústria Hoteleira da Zona Sul, de modo a garantir aos profissionais do Norte do País uma situação equivalente à dos colegas do Sul.

A comissão, que fará um estudo da situação da Indústria Hoteleira da Zona Norte, terá a seguinte constituição: um delegado do Ministério do Trabalho, que presidirá; um representante da Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo; dois representantes dos grémios representantivos das entidades patronais; dois representantes dos sindicatos representantivos dos trabalhadores; um representante da Divisão de Salários da Direcção dos Serviços de Trabalho e um representante da Divisão de Contratação Colectiva da Direcção de Serviços de Trabalho.

CDS
PARTIDO DO CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL
CDS CDS

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

6ª FEIRA, 23 DE AGOSTO ÀS 21,30
ESPLANADA DO LOULETANO EM LOULÉ

SÁBADO, 24 DE AGOSTO ÀS 21,30
CINEMA MARIANI EM MONTE GORDO

DOMINGO, 25 DE AGOSTO ÀS 21,30
CINE-TEATRO DE PORTIMÃO

2ª FEIRA, 2 DE SETEMBRO ÀS 21,30
ESPLANADA DE S.LUÍS EM FARO

APOIO AO M. F. A.

MANIFESTAÇÃO EM ALMADA NO PRÓXIMO DOMINGO

As forças democráticas do concelho de Almada realizam, no próximo domingo, uma grande manifestação popular de apoio ao Movimento das Forças Armadas. A concentração terá lugar na Praça da Renovação, nome que vai ser mudado no próximo dia 25 para Praça do Movimento das Forças Armadas, segundo uma nota do Movimento Democrático Português.

«Simultâneamente prossegue o documento além de pretenderem reforçar a aliança popular com as Forças Armadas, as forças democráticas convidam a população a manifestar o seu repúdio contra as tentativas de sabotagem económica, as tentativas de obstrução ao processo de democratização, a lentidão no saneamento e a contemporização com os elementos da ex-PIDE/DGS».

Colaboram na organização da manifestação o Partido Comunista, o Partido Socialista, sindicatos locais, o Movimento Democrático Português, a UEC, a Juventude Socialista e o Município de Almada.

MATRÍCULAS
(PRÉ-PRIMÁRIA E 1.ª CLASSE)
HORÁRIO: DAS 9 ÀS 19 HORAS
EXPOSIÇÃO PATENTE ATÉ 15 DE SET.
COLÉGIO SÁ DE MIRANDA
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret. 45310 Direcção 537532

ESTRANGEIRO

OS E.U.A. DEPOIS DO WATERGATE

Boas perspectivas eleitorais abertas agora aos republicanos

. WASHINGTON, 22 (R.) — A declaração ontem feita pelo presidente Ford de que provavelmente se candidatará a um mandato completo de quatro anos em 1976 veio dar ao Partido Republicano o seu maior impulso desde que o escândalo Watergate rebentou há dois anos e lhe fez perder terreno consideravelmente.

Os próprios democratas admitiam hoje que uma duplla republicana constituída por Ford e Rockefeller será muito difícil de vencer nas eleições presidenciais de 1976, sobretudo se até lá Ford conseguir estabilizar a situação económica do País e controlar a inflação.

Muitos observadores pensam que apesar do escândalo Watergate que levou ao afastamento de Nixon, só uma grave crise económica ou outro escândalo político poderão agora impedir os republicanos de se manterem na Casa Branca até 1980.

Antes de Ford tomar posse, as sondagens à opinião pública davam aos republicanos muito poucas esperanças de triunfarem, quer nas próximas eleições presidenciais, quer nas eleições para o congresso em Novembro deste ano. No entanto, ontem, o próprio Senador Kennedy, considerado o candidato democrático mais forte, admitiu que a dupla Ford-Rockefeller será difícil de vencer, sobretudo se a política económica da nova Administração republicana alcançar resultados positivos até 1976.

A declaração de Ford, distribuída ontem pelo seu secretário de Imprensa, representa uma mudança radical na posição do antigo vice-presidente que, ao ser escolhido por Nixon para esse cargo, no ano passado, declarou que não tencionava candidatar-se à presidência.

No princípio deste ano, os republicanos sofreram várias derrotas em eleições parciais para o preenchimento de lugares vagos no Congresso, perdendo inclusivamente a representação do Michigan no Senado, deixada vaga com a saída de Ford.

No entanto, desde que assumiu a presidência, Ford estabeleceu contactos com sectores vitais como o Congresso, os sindicatos e a Comunidade Negra onde Nixon tinha pouca ou nenhuma audiência, e a situação parece estar radicalmente alterada a favor dos republicanos.

Os observadores salientam por outro lado que Rockefeller, o novo vice-presidente, é um político extremamente hábil e experimentado, tendo uma grande capacidade de captar votos, sobretudo entre o eleitorado urbano, conforme demonstrou durante os seus quatro mandatos sucessivos como governador de Noa Iorque.

O impacto da nova equipa que ocupa a Casa Branca poderá portanto, fazer-se sentir já nas eleições de Novembro para o congresso que os republicanos, até agora, encaravam com grande preocupação.

FORD NO SENADO

O presidente Gerald Ford, desejoso de melhorar as relações do Executivo com o Congresso, foi ontem à tarde ao Capitólio para assinalar a inauguração oficial da Avenida da Pensilvânia (onde se ergue a Casa Branca) como artéria de dois sentidos.

Acolhido com uma ovação pelo Senado, Ford falou durante uma dezena de minutos aos membros da Câmara Alta: «O nosso dever — disse — é restaurar a confiança do povo americano na história e nas tradições do seu Governo. Nenhum homem, nenhuma mulher o pode fazer sozinho».

«Não tem importância que o Congresso e a Casa Branca não alinhem sempre. O que é primordial é que alinhemos sempre com a América.».

HANÓI ACUSA FORD

PARIS, 22 (EFE-ANI) Em comunicado dado a conhecer ontem em Paris, o Governo de Hanói denuncia o presidente norte-americano Gerald Ford de «tratar de sabotar a paz e os acordos de Paris sobre o Vietname».

«Se a Administração de Ford seguir o caminho de Johnson e Nixon, sofrerá, sem dúvida alguma, uma derrota ainda mais dura» — afirma-se no comunicado.

O comunicado informa que o presidente Ford prometeu continuar com o auxílio económico e militar norte-americano ao Governo de Van Thieu, «para prlongar a guerra e implantar o neo-colonialismo no Vietname do Sul e perpetuar a divisão do Vietname».

O senador Edward Kennedy declarou ontem que as probabilidades dos republicanos aumentaram grandemente depois de Ford ter sucedido a Nixon. (Telefoto UPI-Telimprensa).

Começa no Congresso a luta pelos fundos da defesa

. WASHINGTON, 22 (R.) — Começa hoje a travar-se numa comissão de conferência conjunta do Senado-Câmara dos Representantes a batalha para restaurar fundos de defesa dos Estados Unidos, reduzidos pelo Senado, com o presidente Ford observando atentamente o que se passar.

O Senado votou ontem para reduzir as despesas com a defesa em mais de 5,7 por cento, incluíndo cortes nos efectivos militares norte-americanos no estrangeiro e na assistência militar ao Vietname do Sul.

Assim, cabe à Comissão da Câmara dos Representados-Senado encontrar um compromisso entre a versão do Senado — de 81.000 milhões de dólares — e a da Câmara dos Representantes — de 83.393 milhões de dólares.

Numa entrevista que teve ontem com congressistas negros, Ford disse que o orçamento do Pentágono não era sacrossanto na sua luta para reduzir as despesas governamentais como medida para combater a inflação.

Não está marcada data para aprovação final de uma lei, que apoiará os militares durante o ano financeiro que termina em 30 de Junho próximo.

O motivo aparente por detrás da aceitação pelo presidente Ford da redução das despesas militares é a sua política anti-inflaccionária.

Ford promete encurtar acentuadamente o orçamento federal e compreende que não pode esperar que a maioria democrática no Congresso vote a favor de reduções das despesas em campos como a educação, saúde e assistência social se não fizer cortes semelhantes nos gastos militares.

Libertado o irmão de "Che" Guevara

. BUENOS AIRES, 22 (F. P.) Juan Marin Guevara, detido há alguns meses em Cordoba sob a acusação de associação ilegal e de falsificação de documentos, foi ontem destituido à liberdade, sabe-se de boa fonte na capital argentina.

Ao ser preso, o irmão de «Che» Guevara, tinha em seu poder publicações relativas a uma organização extremista e documentos que se verificou serem falsos.

A CRISE DE CHIPRE

AUMENTA A PRESSÃO DIPLOMÁTICA PARA O RECOMEÇO DAS NEGOCIAÇÕES

ATENAS, 22 — (R.) — Pressão diplomática cada vez maior para levar a Grécia e a Turquia para a mesa de negociações foi prevista hoje nesta capital, após novas iniciativas britânicas quanto a Chipre.

Grã-Bretanha sondou ontem os governos de Atenas e de Ankara acerca das condições sob as quais estariam dispostos a participar em conversações de paz. Diligências diplomáticas semelhantes foram feitas em Nicosia.

Hoje, aguarda-se que Londres tente reconciliar as opiniões antes de apresentar uma proposta como base das conversações destinadas a achar uma solução duradoura para o futuro constitucional da ilha, segundo afirmaram fontes bem informadas desta capital.

Um informador da embaixada britânica disse que se esperava que o primeiro-ministro grego, Constantino Karamanlis, respondesse hoje à iniciativa britânica.

Um informador governamental declarou, após as conversações de ontem como o embaixador britanico em Atenas, sir Robin Hooper, que a Grécia se manteria firme na sua decisão de não participar num diálogo, a não ser que as forças turcas em Chipre recuem para as posições que ocupavam, em 9 de Agosto.

Essas posições mantinham-se quando foi traçada a linha de cessar-fogo por técnicos militares das Nações Unidas, gregos e turcos.

Os Estados Unidos apoiam inteiramente a iniciativa britânica de tentar o recomeço das negociações de paz, provavelmente em Genebra, segundo afirmou nesta cidade uma fonte autorizada.

Comentando as manifestações no País contra os Estados Unidos, um círculo governamental declarou ontem, à noite, que elas não visavam o povo norte-americano, mas reflectiam o azedume quanto à política do Governo de Washington.

Notou que o secretário de Estado norte-americano, dr. Henry Kissinger, subestimara seriamente o ressentimento grego por causa da política de Washington quanto a Chipre.

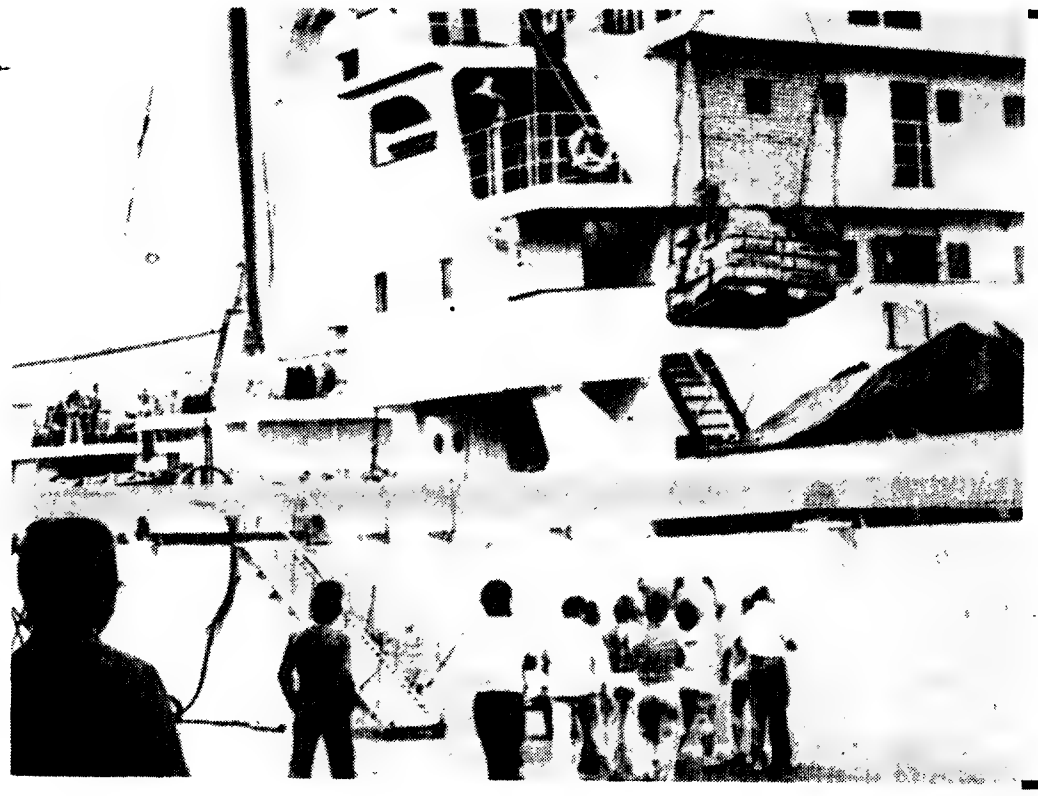
A decisão de retirar as forças gregas da N. A. T. O. não era um acto de chantagem, acrescentou a mesma fonte, mas fora ditada pela incapacidade da Aliança em evitar a ameaça de guerra entre dois dos seus membros.

Numa medida aparente para fazer diminuir a tensão entre Atenas e Washington, o Governo grego abrandou, ontem, as restrições sobre voos norte-americanos para e de bases dos Estados Unidos na Grécia.

ENCONTRO CLERIDES — DENKTASH

NICOSIA, 22 — (R) — A preocupação pela sorte de milhares de refugiados, vítimas do recente conflito em Chipre, poderá levar os dirigentes cipriotas gregos e turcos a reunirem-se em breve, numa tentativa de paz, segundo se afirma nesta cidade.

O encontro entre o presidente cipriota grego Clerides e o chefe da comunidade cipriota turca Rauf Denktash, segundo as mesmas fontes, poderá verificar-se ainda hoje ou amanhã.



Agricultores contra a carne chinesa

Os agricultores do Mercado Comum que se consideram profundamente lesados nos seus interesses em virtude da política de preços seguida pela Comunidade Económica Europeia, têm agora a carne exportada pela República Popular da China, como principal objectivo da sua cólera. Na verdade, as exportações feitas pelos chineses se fazem entrar divisas no tesouro de Pequim, agravam as condições de vida dos pequenos agricultores europeus. Na telefoto imagens colhidas em Marselha quando um grupo de pequenos agricultores franceses impediu o descarregamento de carne vinda da China (Telefoto UPI-Telimprensa).

CHARTERS
PARTIDAS FREQUENTES
VOOS DE FRETAMENTO PARA
LONDRES
FUNCHAL
LAS PALMAS
P.MA DE MAIORCA
ROMA
PARIS
PREÇOS MUITO BAIXOS
CONSULTE
MUNDIRAMA
R. DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 TELEFS
32 36 33 32 42 96
32 88 56 / 36 32 94
MUNDIRAMA
PASSAPORTES

ESTRANGEIRO

PERITOS ACUSAM

Os E.U.A. são responsáveis pela poluição ambiente da América Latina

CIDADE DO MÉXICO, 22 (ANI) — Os Estados Unidos são o principal responsável pela poluição do ambiente na América Latina — segundo a opinião de peritos de seus países que participaram na Cidade do México num seminário sobre «Ambiente, Saúde e Desenvolvimento das Américas».

Os especialistas — segundo notícia a Imprensa latina — assinalaram que os Estados Unidos lançaram para o meio ambiente mais de 171 milhões de toneladas de produtos tóxicos e que cerca de uma centena de cidades latino-americanas enfrentam graves problemas de poluição.

PESAR DOS EUA

WASHINGTON, 22 (EFE/ANI) — Os Estados Unidos manifestaram o seu pesar pelo estabelecimento das relações diplomáticas entre o Panamá e Cuba.

Um informador da Secretaria de Estado, que pediu para não ser revelado o seu nome, assinalou que o Governo norte-americano lamenta o facto de a decisão do Panamá ter sido tomada à margem da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Por seu lado, a Argentina e o México felicitaram Cuba e Panamá pelo restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países.

O representante da Argentina na XIII Conferência Regional da FAO, Horacio Giberti, e o representante mexicano à mesma conferência, Lorenzo Martinez, começaram as suas intervenções felicitando aqueles dois países pelo «estreitamento da Comunidade Latino-Americana».

Tanto a Argentina como o México mantêm relações diplomáticas com Cuba.

A decisão unilateral do Panamá, segundo os observadores, debilitou ainda mais a aliança entre os Estados Unidos e a América Latina expressada através da OEA e do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, em base do qual se impuseram as sanções a Cuba, há já dez anos.

A OEA impôs em 1964 um bloqueio económico a Cuba, por uma maioria de dois terços dos países membros do sistema interamericano. Para o levantar, é necessária uma maioria semelhante.

Nos Estados Unidos há um forte movimento tendente e solucionar duma vez o caso cubano, e considera-se que o afastamento de Nixon da Casa Branca contribuirá decisivamente para um entendimento com Havana, possivelmente depois das eleições parlamentares de Novembro.

CANDIDATURA

WASHINGTON, 22 (EFE/ANI) — A República Dominicana acaba de apresentar a candidatura do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Victor Gomez Berges, para secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, em oposição à do ministro paraguaio dos Negócios Estrangeiros, Raul Sapena Pastor.

Embora as eleições só se realizem dentro de um ano, a campanha eleitoral já começou há meses.

A candidatura de Gomez Berges foi oficializada pelo embaixador dominicano Marco Pena. O actual secretário-geral da OEA é Galo Plaza, antigo presidente do Equador.

O presidente dos E.U.A., Gerald Ford, saúda um grupo de crianças que o cumprimentaram à sua chegada ao Departamento de Saúde, Educação e Bem-estar em Washington. (Telefoto-UPI-Telimprensa)

Pedida a instalação dum banco brasileiro em África

BRASÍLIA, 22 (ANI) — O senador Lenoir Vargas, da Arena, apelou para as autoridades monetárias, no sentido de iniciarem estudos para a instalação, com urgência, de um estabelecimento bancário brasileiro em África.

Justificando a sua sugestão, Lenoir destacou a intimidade das relações do Brasil com os países africanos, agora ampliada com a criação de novas missões diplomáticas brasileiras no Gabão, Serra Leoa e nas Ilhas Maurícias.

Lenoir Vargas frisou a preocupação das autoridades brasileiras, nos sectores financeiros e diplomáticos, com o objectivo de melhorar a posição do Brasil junto dos mercados africanos, acrescentando que também são constantes as visitas de industriais braisleiros àquele continente, com os mesmos propósitos.

Enquanto isto, vai de vento em popa a cooperação financeira entre o Brasil e os árabes. Uma missão árabe, que tem estado de visita ao Brasil, terminou ontem o seu trabalho. «Este é o país ideal para os investimentos árabes» — declarou o chefe da missão, o banqueiro Lucien Dahdah, no relatório final ontem apresentado durante o último encontro com empresários e técnicos brasileiros, depois de visitas a vários Estados brasileiros.

O chefe da missão árabe destacou também o bom acolhimento que encontrou em todas as regiões visitadas e o clima de receptividade para os investimentos oriundos do mundo árabe em todos os meios económicos, principalmente na faixa dos investimentos financeiros.

GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DE TRANSPORTES EM AUTOMÓVEIS

PLENÁRIO NACIONAL

Convocam-se todos os industriais de transportes rodoviários (táxis, letras «A», rent-a-car, mercadorias, passageiros e transportes internacionais), para um Plenário Nacional a efectuar no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, no dia 29 do corrente, às 20.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciação da gravíssima crise financeira que as empresas de transportes rodoviários atravessam na conjuntura actual.

2 — Discussão e aprovação de medidas de emergência a tomar para a sobrevivência da Indústria.

Dada a excepcional importância dos assuntos a tratar, dos quais dependerá a sobrevivência da Indústria, chama-se a atenção de todos os industriais para a necessidade imperiosa da sua presença.

Industrial comparece e participa activamente.
A tua presença será a tua defesa.
A nossa Indústria é um pilar da Economia Nacional.

A DIRECÇÃO

Mobilização experimental de reservistas de Israel

TEL AVIVE, 22 (R.) — Uma mobilização experimental de reservistas do Exército israelita será feita dentro dos proximos dias, segundo revelou hoje um informador das Forças Armadas.

Embaixadores estrangeiros e representantes das nações Unidas em Israel, foram avisados do exercício a fim de se evitarem mal entendidos, apesar de informadores árabes afirmarem que o ensaio revela as intenções hostis dos judeus.

O Q.G. do Exército comunicou que a mobilização experimental se torna necessária para por à prova melhorias no sistema, desde que foi utilizado operacionalmente para última vez em 1967 e durante um ensaio não anunciado, há alguns anos.

O sistema de mobilização baseia-se em palavras de código publicadas pela Imprensa e transmitidas pela Rádio. Todo o soldado reservista guarda uma palavra de Código. Apresenta-se imediatamente na sua unidade quando essa palavra é publicada.

Um sistema mais sossegado e secreto é utilizado por estafetas do Exército de unidades já mobilizadas, que se deslocam a residências de soldados com avisos especiais.

Um número limitado de veículos civis será mobilizado durante o exercício de 24 horas — acrescentou o informador.

Grande baixa na Wall Street

NOVA IORQUE, 22 (F.P.) — Outra queda das cotações quarta-feira na Wall Street onde a ligeira subida de terça já não passa de mero acidente no meio de longa série de baixas importantes.

Ao encerrar, o índice dos industriais desceu para 711, 59, registando uma baixa de 15, 26 pontos.

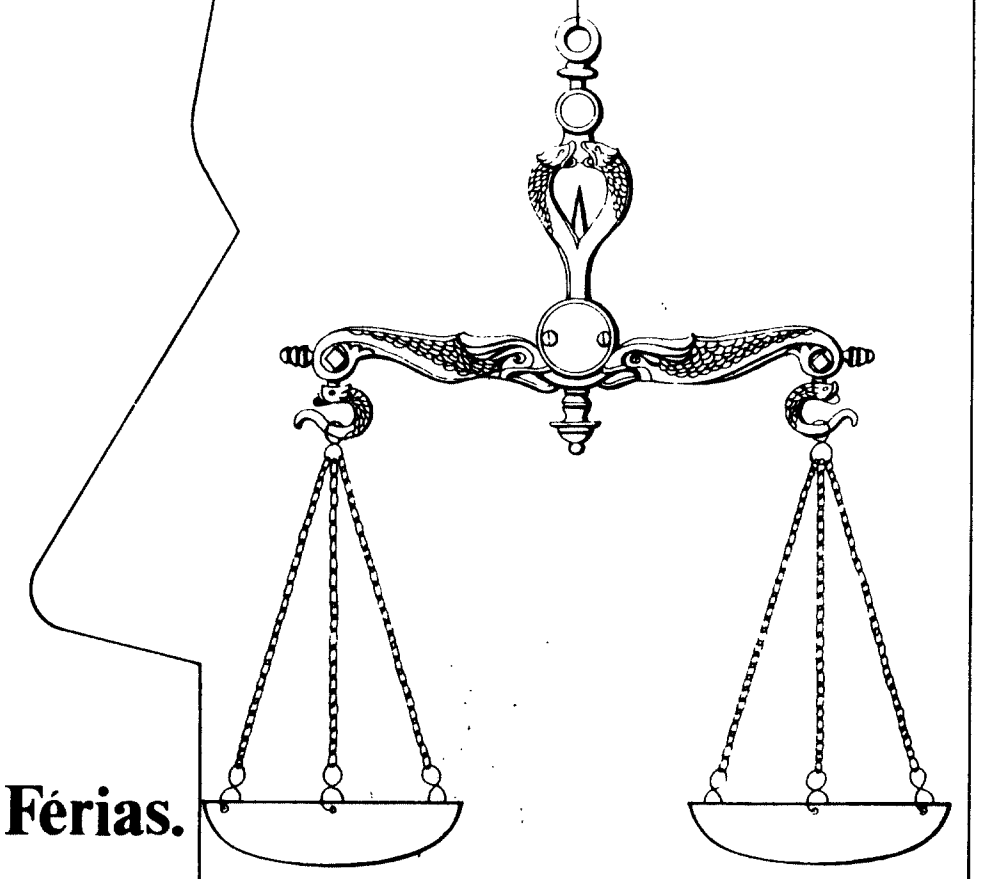
Depósitos de níquel no Quénia

NAIROBI, 22 — (DPA/ANI) — Depósitos «prometedores» de níquel e cromite foram descobertos na região ocidental de Pokot, no Quenia, perto da fronteira com o Uganda — anunciam as autoridades, acrescentando que duas empresas norte-americanas vão proceder ao estudo da viabilidade económica da exploração do achado.

Segundo os meios competentes, na zona indicada existirão uns catorze milhões de toneladas de minério de níquel de alto teor, parecendo ser também bom o potencial de comite

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria da Estação de Oeiras» por Manuel M. Jesus Oliveira. — MONTE ESTORIL

PUBLITOTAL



Contrato de Férias.

Um contrato equilibrado
como sempre são os contratos com a Torralta.
Conheça todas as vantagens
que o Contrato de Férias lhe proporciona.

Contacte-nos
ou peça o folheto informativo

TORRALTA | UM LUGAR PARA SI NUMA SOCIEDADE PARA TODOS

NACIONAL

FOLHA OFICIAL

Foram nomeados chanceleres das antigas ordens militares, das ordens nacionais e das ordens de mérito civil respectivamente o general Venâncio Deslandes, prof. Damião Peres e eng. agrónomo Vasco de Almeida (Vilalva).

Por despachos de subsecretário de Estado da Administração Judiciária foram dadas por findas as comissões de serviço dos drs. Gervásio Lúcio Sousa Martins, de presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo; Manuel Linhares de Andrade, de presidente da Junta da Horta; e Licínio Moreira da Silva, de presidente da Câmara Municipal de Porto de Mós.

A U.R.S.S. aceita o cartão Sottomayor

Conforme acordo assinado com a Intourist, a Agência de Turismo da União Soviética, o Cartão Sottomayor será o primeiro cartão de crédito a ser aceite na URSS. O Cartão Sottomayor poderá ser utilizado, a partir do fim deste verão, em hotéis, restaurantes, agências de aluguer de automóveis e no pagamento de bilhetes de avião, combóio, barco e espectáculos, em Mosvoco, Leninegrado, além de mais trinta cidades. Desta forma a União Soviética vem engrossar o bloco de países socialistas já constituído pela Roménia, Checoslováquia e Hungria que aceitam o Cartão Sottomayor.

Angústia e labirinto

Continuação da pág. 9

pelo menos a sustar, a empurrar para o abismo: de um erro qualquer, com a consequente busca, não de uma autêntica solução, mas de um aturdimento, de um aniquilamento, para o atingimento, talvez, de uma realidade outra.

E ao perderem-se — porque assim se podem **perder** — na construção dessa gigantesca chinesice, os chineses **continuam** a demonstrar que, para além de todas as convulsões de superfície trazidas pela Revolução Cultural, nas profundidades ancestrais da sua alma subsiste o medo, a angústia e o desgosto, a ânsia de encontro de uma realidade diferente, que comporta talvez o desejo de morrer para renascer de novo, como a Fénix.

Demonstra mais que, para uma grande angústia colectiva, o acumpunctórico remédio encontrado continua a ser o ludibriar os seus demónios confucianos ou maoístas, trocando-lhes as voltas nos meandros de intérminos labirintos, que só uma paciência verdadeiramente chinesa seria capaz de construir e entreter.

ALGARVE

Para venda a maior e mais bem localizada gama de:

— Quintinhas
— Lotes urbanizados
— Vivendas
— Moinhos reconstruídos
— Apartamentos

Invista na Província Sol ou compre apenas a sua casa de férias à beira-mar ou no campo

Consulte: **J. M. CABRITA**
Apartado 98 — LAGOS

RIGOROSO INQUÉRITO AO SERVIÇO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O ministro do Trabalho, capitão Costa Martins, determinou por despacho a abertura de um rigoroso inquérito à actividade do serviço de formação profissional do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra.

No âmbito da actividade do serviço de Formação Profissional insere-se a abertura e funcionamento dos Centros de Formão Profissional que consomem a parte mais vultosa do orçamento do fundo.

Nas visitas que efectuou a alguns centros de formação profissional, o ministro detectou factos que mostram que os critérios de gestão não garantem uma aplicação devidamente controlada dos meios económicos postos ao dispor do serviço de formação profissional. Em especial chamaram a atenção do ministro para os aspectos de aprovisionamento de materiais e equipamentos de interligação dos serviços e aproveitamento dos respectivos circuitos de produção, assim como a organização dos cursos de formação.

A autonomia financeira de que goza o fundo de desenvolvimento de Mão-de-Obra torna o serviço particularmente sensível aos critérios de gestão que forem seguidos, pelo que e para completa averiguação de todos os factos, vai ser imediatamente constituída uma comissão de inquérito, que deverá apresentar os resultados do seu trabalho ao ministro no mais curto espaço de tempo.

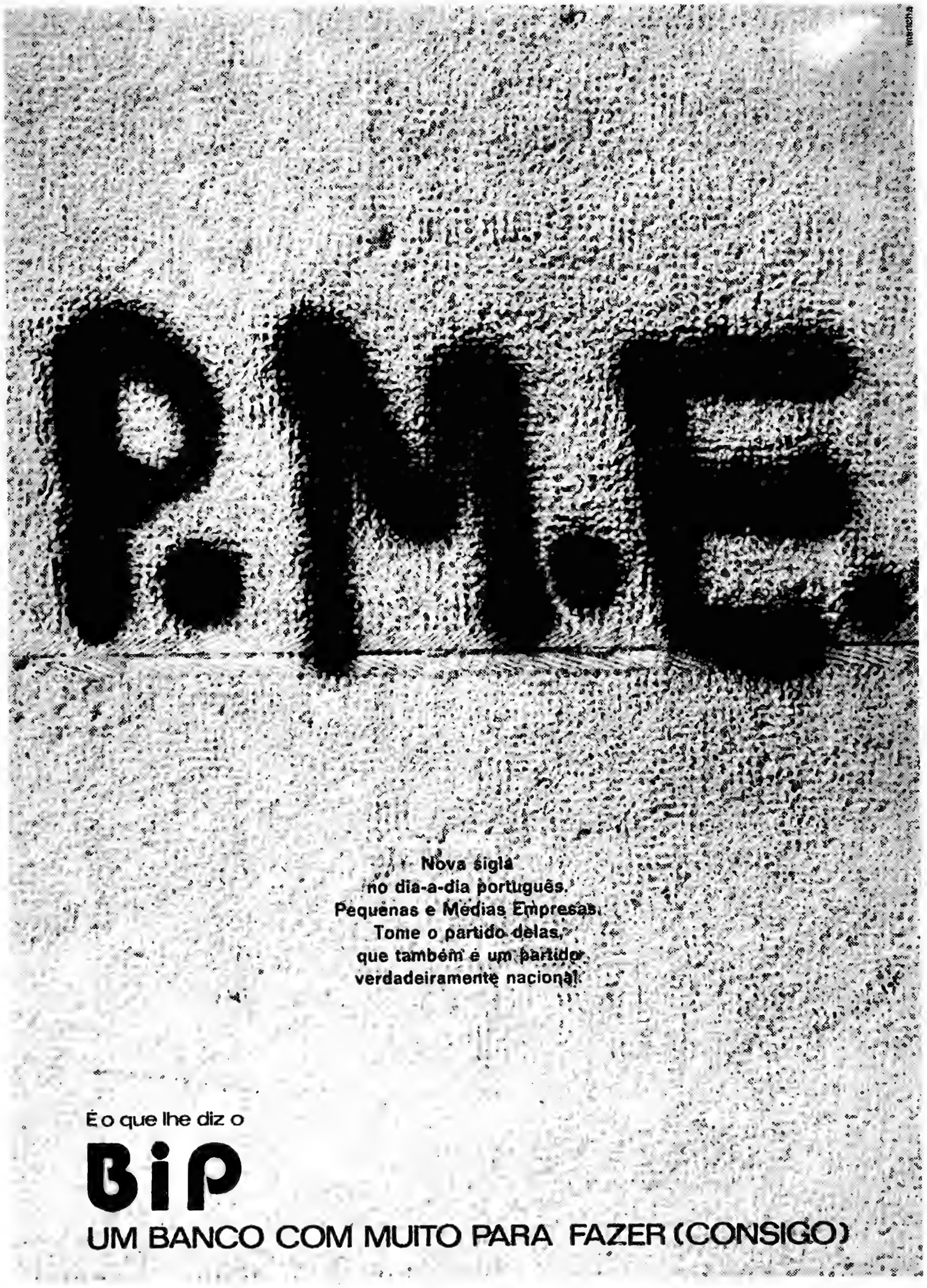
Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

«A Direcção do Sindicato dos Caixeiros de Lisboa informa que se realiza no dia 23 do corrente, pelas 21.30, no Pavilhão dos Desportos uma importante reunião para tratar de:

C. C. T. DO COMÉRCIO RETALHISTA
ELEIÇÕES — PROJECTO DE REGULAMENTO

NÃO FALTES

A DIRECÇÃO»



NACIONAL

NA "OPINIÃO"

O DESENHO SATÍRICO COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO POLÍTICA

Na sua louvável tarefa de divulgação artística, a «Opinião» abriu ao público, neste fim de temporada, a exposição «8 desenhadores satíricos de Paris», que engloba cerca de 40 trabalhos assinados pelos artistas franceses Siné (já bastante conhecido entre nós), Barbe, Cardon, Kerleroux, Mose, Soulas e Nicoulaud, e o português Vasco Agodinho de Castro

Trata-se de uma mostra importante, a não deixar de ver, não só pelo que ela nos traz de novidade, através da diversidade de estilos, como também pela sua carga irónica (em alguns casos, corrosiva até), e que não raramente cai na amargura. Ei-nos perante a luta entre a lucidez, a liberdade dos artistas, e o mundo obscuro e opressor que nos rodeia.

Por esta selecção de trabalhos se pode avaliar até que ponto o desenho satírico pode servir de instrumento de crítica social e de esclarecimento político.

OS DESENHOS

«8 desenhadores satíricos de Paris» é uma mostra que vai, do humor anárquico de Siné, com um traço essencialmente gráfico e ilustrativo (que por vezes lembra Steinberg) e uma «mensagem» directa, à figuração surrealizante de Cardon. Aqui, a poesia dos traços alia-se a uma difícil e subtil ciência de equilíbrios luz-sombra: há como que um «suspense» metafísico, reforçado por um certo rigor linear, mas sem dureza.

De Soulas, pelo que nos foi dado ver, podemos falar de uma tarfa poética bastante significativa, imbuída de uma certa amargura pela nossa trágica condição de humanos.

Quanto a Vasco, cujos temas incidem sobre o momento actual português, pode-se referir uma construção perfeita e elegante. Um desenho actual, não alheio à «pop-art».

Kerleroux é de um refinamento de gosto tipicamente francês. O seu habilíssimo traço nervoso revela-nos um espírito impulsivo, rebelde. Notável pela capacidade expressiva, a que podemos apelidar de «o dom de captar a quinta-essência».

Mose é de uma estrita simplicidade e beleza. Os seus temas são tratados com uma verdade e sinceridade impressionantes.

Barbe, exímio na execução, move-se por detrás das câmaras cinematográficas, onde encontra as suas motivações. Os seus desenhos, bastante ilustrativos, vão ao pormenor da sucessão de movimentos. E logram comunicar de forma eficaz.

Nicolaud, com o seu traço vincado, é de um realismo cru. E de uma ironia agressiva.

QUEM SÃO OS ARTISTAS

«Não há arte nem desenho revolucionários. O que há, sim, é artistas e desenhadores revolucionários e isto pela actividade militante que podem desenvolver fora o seu trabalho». Estas palavras são de Barbe, num encontro que teve com os jornalistas e no qual participaram também Soulas e Vasco. Mas quem são afinal os artistas representados na exposição agora patente na «Opinião»?

. De Siné, disse Soulas: «Se ele fosse um militante político, perdia-se um desenhador extraordinário». E Vasco acrescentou: «Embora discordando dele, porque é um anarquista, considero o seu trabalho o mais popular e o mais agressivo.»

. Siné, talvez o desenhador mais directo (para não dizer eficaz) que a França conheceu nos últimos vinte anos, nasceu em Paris, em 1928. Frequentou a Escola Etienne, e mais tarde torna-se maquetista de Imprensa. Os seus primeiros desenhos datam de 1952. Em 1956 obteve o Prémio Humor Negro. Nos anos 60 colabora em revistas em voga, no cinema, na publicidade e grande Imprensa. É o fundador da revista Siné-Massacre.

Barbe, «um megalómano exuberante, um extrovertido trotskista», como ele próprio se definiu, é natural de Nimes e tem 38 anos. Tem colaboração dispersa em «Arts», «L'Echo de la Mode», «La Vie Ouvrière», «L'Huma-Dimanche», «L'os à Moelle», «Candide», «Punch», «Constelation» e outras publicações, entre as quais o «Playboy». Presente em algumas antologias e exposições colectivas em Kuala-Lumpur, Paris, Montreal, Alger, Liége, Itália, Turquia, além de um livro publicado: «Terre à Terre».

Cardon nasceu em 1936, em França. Publicou desenhos em «Bizarre», «Siné-Massacre», «Politique Hebdo» «L' Humanité», «l'Enragé» e «Satirix». Dois livros: «Ligne de Fuite» e «La Véridique Histoire des Compteurs à Air».

Kerleroux, nasceu em 1936, em Besançon, França. Fez «estudos medíocres» e tem desenhos publicados em «Arts», «Plexus», «Constellation», «Action», «Tout» «Le Monde», «l'Expansion», «Politique Hebdo», «Le Canard Enchain», «Libération», etc.

Mose, nascido em 1917, em Tours, desenha desde 1946. Tem inúmeros livros e antologias. Ilustrou livros, filmes de desenhos e tem colaboração em vários jornais e revistas. Fez exposições individuais em Praga, Berna, Paris, Reims, Lyon, Toulouse e Bruxelas.

Nicoulaud, tem 32 anos, e nasceu na Bretanha, França.

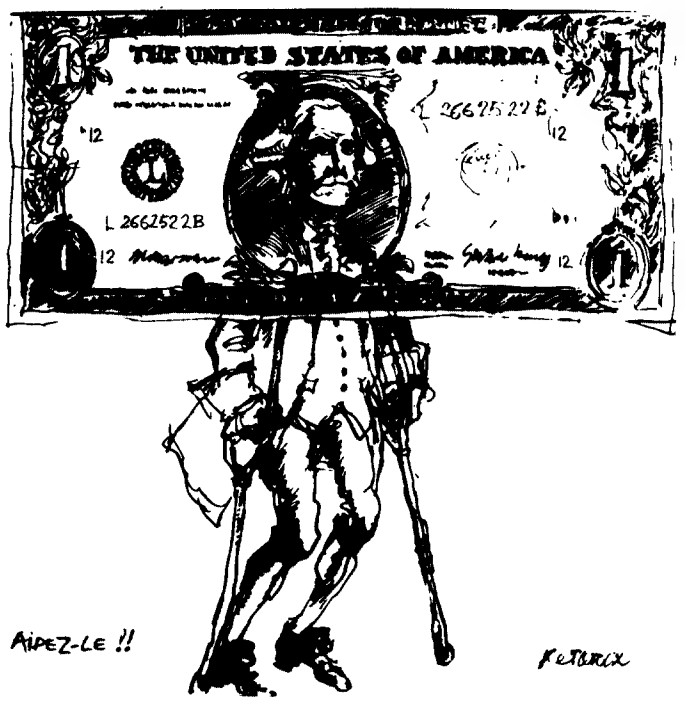
Tem publicado desenhos em «Zinc», «Hara-Kiri», «Actuel», «Charlie Hebdo» «edma», «Gonocoque», «Politicon» «La Guen le duverte». E tem um álbum: «Bouquin presque carré».

Vasco natural de Vila Real (Trás-os-Montes) tem 39 anos. Foi para París em 1961, como desertor por questões políticas. Ali trabalhou em vários jornais: «Le Monde» «Observateur» «Elle», «Planete», «Politique Hebdo», «Figaro Literaire», etc. Fez várias exposições e edições no «Camp du Possible», de que foi fundador. Desde fins de Abril que se encontra em Lisboa, estando a colaborar na «república» e no «Sempre Fixe». Vasco, segundo afirmou veio para ficar.

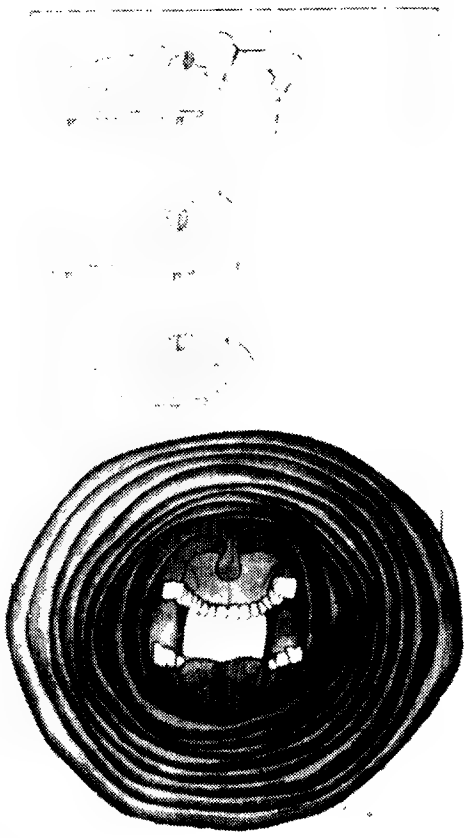
Finalmente, Soulas, de 42 anos, é natural, de Toulouse. Desenha desde 1968, tendo obtido o 1.º prémio de humor em 1969 em Montreal. Tem três albuns publicados: «Jesus Christus» (Holanda), «Faut-il vous l'envelopper?» (França) e «Ça va?» (Suíça). Tem também colaborado em vários jornais e revistas.

A exposição agora patente na galeria «Opinião» pode ser visitada todos os dias, dentro das horas normais de expediente, até ao fim do corrente mês.

J.F.



Kerleroux: «o dom de captar a quinta-essência»



Um dos desenhos de Soulas, expostos na «Opinião»

Mose: «uma verdade e sinceridade impressionantes»

CONSELHO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

Discutidas as leis sobre rendas de casa

Com a presença dos ministros, secretários e subsecretários de Estado competentes, reuniu-se o Conselho de Coordenação Económico-Social. A reunião decorreu no Palácio de S. Bento, desde as 15 horas de ontem, até cerca das 3 da madrugada.

No final do Conselho que tem apenas carácter consultivo, foi distribuída pelo Ministério da Comunicação Social, uma nota informativa sobre os pontos tratados na reunião:

— protecção legal ao desenvolvimento de inventos; problemas referentes ao gabinete da área de Sines, nomeadamente no tocante à sua reestruturação; apreciação do projecto de decreto-lei referente à revisão dos preços de empreitadas e fornecimentos de Obras Públicas; apreciação da situação financeira dos Caminhos de Ferro Portugueses; apreciação do decreto-lei sobre associações sindicais; apreciação do decreto-lei sobre associações patronais; apreciação do projecto de decreto-lei sobre rendas de casa.

Este projecto-lei sobre rendas de casa deverá ser hoje apresentado no Conselho de Ministros.

Nível de vida e nível de salários

Continuação da pág. 3

dos no País, pois se alguma classe gasta tudo quanto ganha — talvez porque ganha pouco e por isso mesmo nem sequer adquiriu hábitos de entesouramento — é a classe trabalhadora.

Dinheiro que lhe vá à mão pelo salário é dinheiro que imediatamente circula em aquisição de bens. É, portanto, dinheiro novamente a caminho da mão do próprio empresário.

Se o salário é mais elevado, maior quantidade de bens será consumida e o empresário, que tinha um movimento de mercadoria de X, poderá tê-lo agora desse mesmo X acrescido da percentagem da subida dos salários sobre os referentes à data anterior aos aumentos.

Verificar-se-á, desta forma, mais volumosa circulação de mercadoria e de dinheiro, podendo bem vir a acontecer nem sequer a produção esteja preparada para tal aumento de consumo. É esta a razão da referida maior possibilidade, neste momento, para as empresas que queiram contar com o mercado interno.

Passando mesmo a casos concretos, nos bairros operários já se verifica, com o maior poder de compra, mercê do aumento de salários, maior nível de vendas e até por vezes o esgotamento de algumas mercadorias, esgotamento esse aproveitado logo para a afirmação de que estamos a produzir muito menos em consequência dos factos ocorridos nesses dias após o 25 de Abril, que, na boca dos especuladores antidemocráticos, iriam levar o País à derrota.

Não é assim. Não há sinais de uma diminuição sensível na produção, sendo certo que aumentou consideravelmente o consumo. Aproveitem a ocasião os empresários inteligentes.

Quanto aos inaptos...

DESPORTOS

Sobre futebol

Di Stefano com o pé esquerdo

. O modesto Bétis, recém-vindo para a Primeira Divisão do futebol espanhol, não teve problemas para bater o Sporting (3-1), muito embora os lisboetas, com o tento inicial (Nelson, aos 18 minutos) possam alegar que alinharam impreparados e sem o seu melhor artilheiro (Yazalde, de quem se diz que é pretendido pelo Boavista, em face do desacordo para a contiuidade do contrato com o clube de Alvalade).

Ainda antes do intervalo o Bétis passou o marcador para 2-1: no tempo complementar justificaria perfeitamente o triunfo, dominando totalmente a partida.

O Sporting alinhou assim: Damas; Manaca, Bastos, Alhinho e Carlos Pereira (Baltasar); Vagner, Nelson e Valter (Tomé); Màrinho, Dé e Dinis (Chico). Dinis sofreu uma rotura muscular e só deverá voltar a jogar daqui a duas semanas, pelo que fica arredado de participar no «Torneio Internacional do Algarve». As exibições mais destacadas pertenceram a Baltasar, Nelson, Bastos, Manaca e ao ex-barreirense Valter.

Hoje, pra o terceiro lugar do torneio sevilhano, o Sporting enfrenta o Sevilha, sendo provável que Alfredo Di Stefano (entrada com o pé esquerdo no comando do futebol leonino) proceda a diversas modificações no seu «onze», nomeadamente dando entrada a jóvens reservistas desejosos de prestarem provas do seu valor.

David veio de Luanda para o Benfica: 23 anos, 73 quilos, um metro e 75 de altura. Faz hoje o primeiro treino no relvado da Luz

YAZALDE

Já dissemos em cima: Yazalde é pretendido pelo Boavista que, através do seu dirigente Pinho de Sousa, já entabolou negociações com o director sportinguista dr. Nunes dos Santos. Mais: o director «axadrezado» Valentim Loureiro convidou o jogador, em Lisboa, a estar amanhã presente no Bessa, quando do encontro de apresentação da turma de José Maria Pedroto contra o Académico de Coimbra.

PORTO

O farense Alhinho (irmão do «internacional» sportinguista) está a um passo de se transferir para o F.C. do Porto. Depois de completo acerto sobre as verbas do compromisso, o futebolista é hoje submetido, nas Antas, a um exame clínico.

ATLÉTICO

Nomes incluídos na lista de futebolistas a dispensar pelo Atlético: Leitão, Clésio, Semedo, Raimundo, Coelho, Riscado, Esteves, Vítor e José Luís.

PERES

Noticia vinda do Brasil: o futebolista Fernando Peres (actualmente ao serviço do Vasco da Gama) recebeu um telegrama de Aimoré Moreira para apresentar a sua proposta de regresso a Portugal, para alinhar no F. C. Porto.

ESTORIL

Nova derrota do Estoril Praia, neste período de ambientação aos voos a que se propõe: ontem foi batido pelo Farense (1-4) num jogo que se desenrolou no Estádio de S. Luís.

ANTAS

O Peñarol defronta esta noite, nas Antas, o F. C. Porto, devendo o grupo nortenho apresentar o seguinte «team»: Fibi; Murça, Rolando (Nino) Teixeira e Gabriel; Marco Aurélio, Vieira Nunes e Ailton; Flávio, Abel e Cubillas.

BELENENSES

Parece certo que também o dianteiro Gonzalez deixará o Restelo: um empresário ofereceu ao Belenenses, pelo «passe» do paraguaio, coisa como 4500 contos.

SPORTING

Na nova estruturação dada à direcção do Sporting, as actividades desportivas profissionais ficam entregues ao padre Alberto Dias (cargo de vice-presidente) e ao ten. cor. Joaquim Ferreira Canais, enquanto que o sector semiprofissionalizado do futebol é superintendido por Orlando Naia.

REGRESSO

Lourenço, que se distinguiu ao serviço da Académica e do Sporting, retorna hoje a Lisboa, após ter orientado diversas equipas angolanas.

NACIONAL

Está no propósito da Associação de Lisboa solicitar, no próximo congresso federativo (a realizar no sábado) um adiamento para o início do campeonato nacional (de 8 para 15 de Setembro) de molde a que a «Taça de Honra» se possa efectuar nos dias 8 e 11.

LUTO

Vítima de acidente de viação, faleceu no Brasil o futebolista Afonso de Almeida Lins, que tem alinhado pelo Montijo e se encontrava de férias na sua terra natal. Contava 27 anos de idade, era dianteiro e cumpria a sua terceira temporada no clube português.

COIMBRA

Ruas chegou a acordo com o Académico e, amanhã, já deve defender as balizas conimbricenses perante o Boavista, no festival previsto para o Bessa.

NELINHO

Nelinho, o aveirense que não se firmou na defesa do Benfica, encontra-se actualmente a treinar no Orense, onde já joga o seu antigo companheiro Fonseca.

Sevilha: Eusébio em recorte no jogo que garantiu ao Benfica a presença na final do torneio

O Benfica, que joga amanhã a final do «Torneio de Sevilha», contra o Bétis. Em cima: Nené, Toni, Jordão, Eusébio, Moinhos e Simões. Ajoelhados: Barros, Bento, Humberto Coelho, Adolfo e Artur.

GRANADA

Em Granada, a turma do Belenenses defronta esta noite o «onze» local, devendo formar do modo que indicamos: Melo; Pietra, Pereira, Freitas e João Cardoso; Quaresma, Eliseu e Godinho; Pincho, Ernesto e Gonzalez.

SALGUEIROS

Retorços para a equipa do Salgueiros: Teixeira (ex-Lourosa), Mulatinho (que alinhava no Ovarense) e Helder (que defendia as cores do Leça).

RESCALDO DA "VOLTA"

"Broncas" no ciclismo

. Inevitável: a atitude impensada de certos «dirigentes» das equipas que abandonaram a «Volta» na Mealhada iria provocar tremendo «sururu» entre as massas associativas de que eram (infiéis) mandatários.

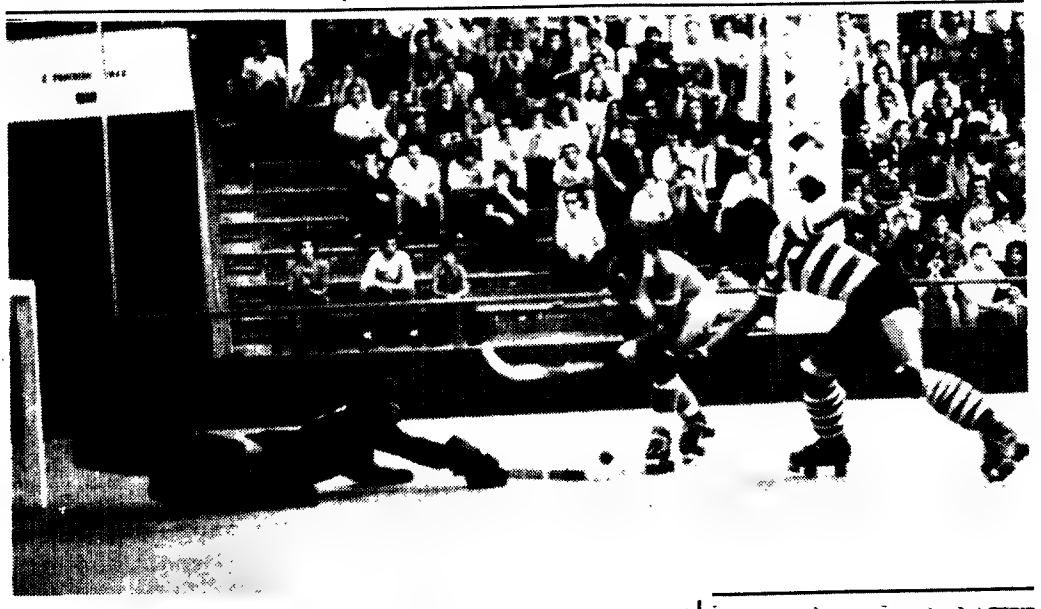
Primeiro foi o F. C. Porto que, pela boca do seu vice-presidente (eng.º Vieira da Cruz) já avisou que não se espere desembolso da colectividade para os ciclistas prejudicados. Nestes termos:

. — **Acho insensata a atitude tomada. O Porto não devia abandonar, pura e simplesmente, a prova. A Direcção resolverá como proceder, mas parece-me que se ninguém mais responsável for ouvido, não caberá agora ao clube despender as importâncias a que os ciclistas tinham direito...**

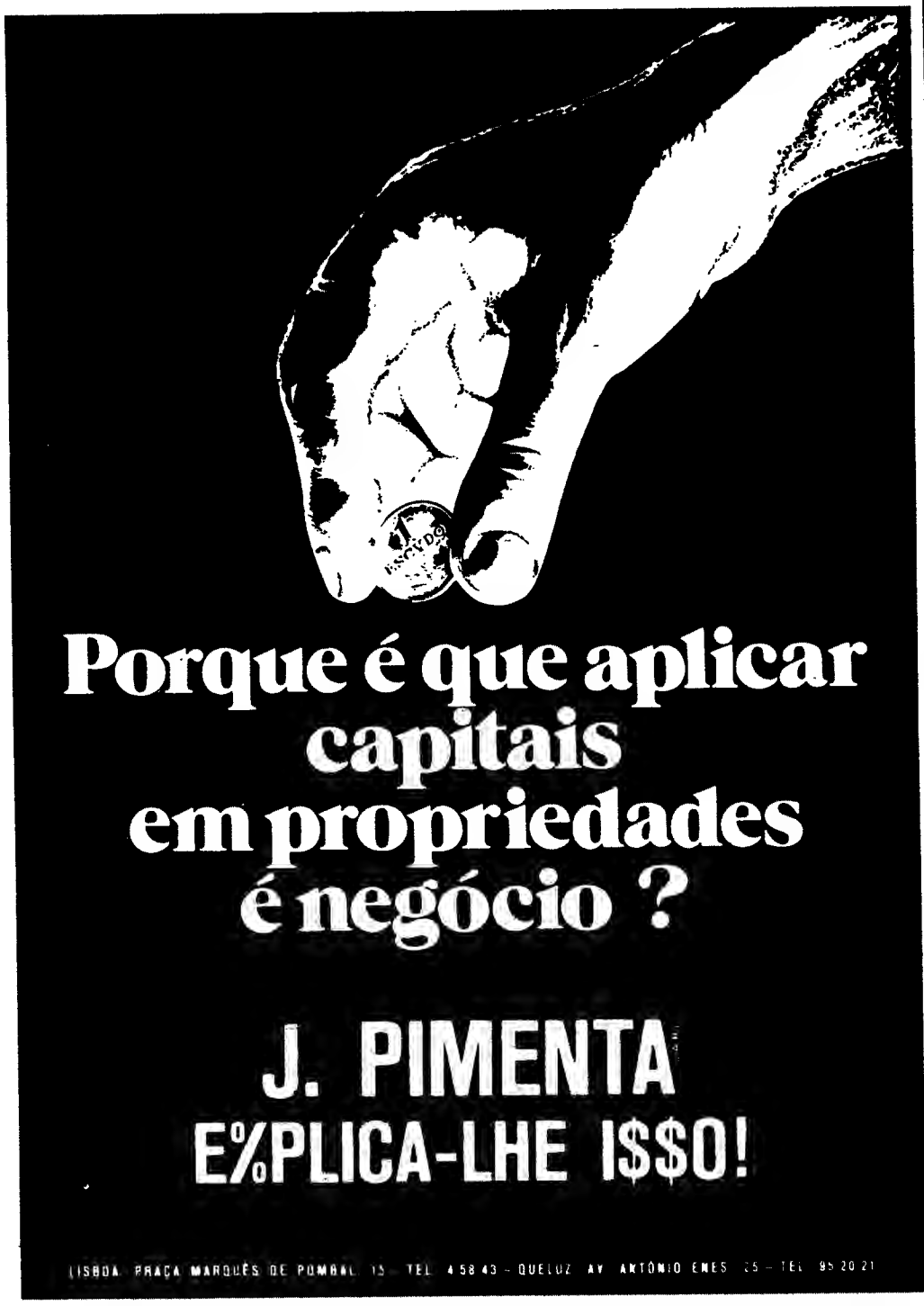
Por seu lado, o Salgueiros, em comunicado público, verbera o comportamento do seccionista que esteve na «Volta» e, rapidamente, anuncia a extinção do ciclismo no clube.

Quanto à Ambar, em telegrama e por ofício remetido à Federação do Ciclismo, impugna a classificação de Dinis Silva, apressadamente inscrito pelo Benfica na madrugada em que a «Volta» se iniciou.

Quer dizer: enquanto que uma dúzia de profissionais fica no desemprego (ou de mãos a abanar) a própria tabela classificativa, para os que terminaram a corrida, ainda pode sofrer tratos de polé...



O Benfica venceu o Sporting, por 5-3, (imagem) no jogo principal da primeira jornada da fase final do Campeonato Metropolitano de hoquei patinado. Tentos de Livramento (3), Virgilio e Garrancho, por banda benfiquista; de Chana (2) e Quim, para os «leões». Outros desfechos da ronda: Oeiras, 3 - Paço de Arcos, 3; Infante de Sagres, 1 - Sanjoanense, 1 e F.C. Porto, 4 - Académico, 2



DESPORTOS

AINDA A "VOLTA"

Alves Barbosa responde à carta de Raul Calado

Uma carta aberta merece também uma resposta não menos aberta. Mas repare: esta resposta tem um carácter meramente pessoal, e tão particular que a sua publicação é um objectivo secundaríssimo para mim. É que é realmente às «suas» palavras que faço questão de responder, uma vez que apresentam um ponto de vista sobre um tema — que continuo a achar complexo — ponto de vista que eu respeito como tal, mas que considero também (no meu ponto de vista!) eivado de confusões.

Para começar e muito embora, para o senhor eu seja apenas um antigo ciclista «profissional» o que, como diz, para si não significa grande coisa, o facto é que também eu cheguei a certas conclusões sobre o tema «doping», conclusões que, no entanto, não pretendem ser uma verdade feita, acabada ou dogmaticamente «metida no bolso».

Não o pretendem ser, porque uma vez que nasceram da minha experiência pessoal e, particularmente do contacto com o autêntico meio profissional do ciclismo, essa experiência também me ensinou que querer alcançar «verdades feitas num domínio que está continuamente «a fazer-se» — aliás, como todos os domínios da vida — é puro dogmatismo, o que, para mim, significa visão unilateral das coisas, que não quero assumir.

Algumas dessas conclusões são outras tantas razões que justificam, como vai verificar, a minha posição de continuar a insistir que o problema-«doping» é (repita-se, no meu entender), demasiado controverso para se discutir, ou analisar, nos breves minutos de uma entrevista televisiva, ou similar.

Em primeiro lugar chamo a sua atenção para a «mesa-redonda» evocada no P.S. da sua carta. Recorda-se, com certeza, que nessa «mesa-redonda» não era só o antigo «profissional» de ciclismo que estava presente, tomaram também lugar pessoas de cultura científica e jurídica de nível superior.

Pois, se também está lembrado, deve ter visto que não se chegou a um acordo, ou a uma comunhão integral de ideias acerca do tema-«doping». Ora se quando entre aqueles médicos e juristas as opiniões divergiram, é natural, pois o meu julgamento quanto a complexidade do problema.

A seguir devo esclarecê-lo (esclarecimento de um apenas antigo ciclista «profissional» — note-se) que quer queira, quer não, existem **duas** actividades velocipédicas distintas: aquela que é considerada desportiva — amadora, ou não amadora — e a actividade profissional. E, esta última, também quer queira, quer não, existe mesmo e até é mesmo profissão!

Pergunto: o ciclismo-espectáculo, com intervenientes que ganham a sua vida, com o que dele auferem, está numa situação diferente do circo? do teatro? do cinema?...

Pergunto mais: os profissionais do espectáculo, em geral, têm ou não têm o direito de serem respeitados como todos os representantes das outras profissões?

Conclusão, ou resumo: são justificadas as discriminações de que são objecto os profissionais do ciclismo comparativamente com os outros profissionais?

Chegadas as coisas a este ponto, reclamo igualdade de direitos e deveres em todas as profissões.

Não adiantando mais, espero ter-me feito entender.

Note-se entretanto que o ponto de vista que acabo de expor é um princípio genérico, cuja adaptação ao ciclismo português iria totalmente ser influenciado pelo que se deve entender por **ciclista profissional**.

Mas isso é uma outra história que agora não vem ao caso.

Passando agora a considerar o desporto-ciclismo, ou mesmo o desporto-corridas de bicicleta (pode crer que não são a mesma coisa — o desporto-ciclismo é aquele que eu faço agora), não resta dúvidas nenhumas que aquilo que se decidiu chamar de «doping» é justissimamente condenável. Concordo plenamente com o senhor.

Mas vou mais longe, quando se tratasse de corridas de bicicleta, deviam obrigar os corredores de clubes como o Benfica, Sporting, ou F. C. do Porto, a levar a mesma vida, a mesma preparação a mesma assistência (médica e dietética), que os seus colegas do Louletano ou do Salgueiros, porque eu, francamente, ainda não sei onde é que começa o «doping»...

A seguir mais um facto que tem interesse — nesta carta — pôr em destaque: Eu disse na tal entrevista da Televisão, que o controlo anti-«doping», na Volta a Portugal tinha absoluto interesse para proteger dos ataques à saúde daqueles que não sabiam fazê-lo.

Mas também lhe digo desportivamente está errado:

— Primeiramente por aquela tal razão de não se saber onde começa o «doping».

— Controlam 3 ou 4 ciclistas...

E os outros?...

— Estão na lista os produtos A-B-C, etc... Mas a ciência não pára... E então aqueles que se drogam com produtos inéditos que só entram na lista, para o ano... se entram, como é?

Como se deixa ver, injustiças!

Repito como medida indirecta de protecção da saúde dos menos esclarecidos, certíssimo. Qualquer outra participação, para já, é apenas regulamento.

Em suma «doping» é problema de **educação** e nunca de **repressão**.

E poderia ainda continuar com dissertações acessórias, mas penso ser já o suficiente para responder abertamente, dando-lhe a conhecer, **pessoalmente**, o meu ponto de vista.

Desculpe o tempo que estas linhas lhe fizeram perder e até sempre — **ALVES BARBOSA**»

COMENTÁRIO DE RAUL CALADO

«Pois a minha «carta aberta» e a sua «resposta aberta» tiveram pelo menos, uma consequência: o Alves Barbosa já não é apenas um antigo ciclista «profissional» para mim. Passou a ser também uma pessoa que sabe discutir de uma forma correcta, o que é relativamente raro neste País!

Infelizmente toda a resposta do Alves Barbosa confirma, linha a linha, aquilo que eu digo na minha «carta aberta»: é que ele esta numa posição em que, indirectamente pelo menos, pensa que o «doping» é aceitável em certos casos, nomeadamente, quando as pessoas **ganham a sua vida** com o ciclismo-espectáculo. Como no circo, no teatro ou no cinema...

Ora acontece que os profissionais do espectáculo (que eu respeito profundamente e luto porque sejam respeitados por toda a gente) não se drogam, em geral. E se o fazem, o que acontece em certos casos, não é por «obrigação profissional» nem por «imposição patronal». É por vício pessoal».

O que não é válido para os ciclistas profissionais, em especial para os portugueses. O ponto fundamental que eu levantei é o da exploração do homem pelo homem. Essa exploração existe, e é até um dos fundamentos de uma certa sociedade e de uma certa economia. Mas no ciclismo-espectáculo, ela é acrescida da violentação do Homem pela absorção de drogas com um duplo efeito pernicioso: porque são venenos dos que MATAM e porque aplicam uma chicotada orgânica que arrasa os profissionais que a ela são sugeitos (e que, na maioria dos casos, até ignoram as consequências imediatas e futuras dos produtos que os obrigam a ingerir).

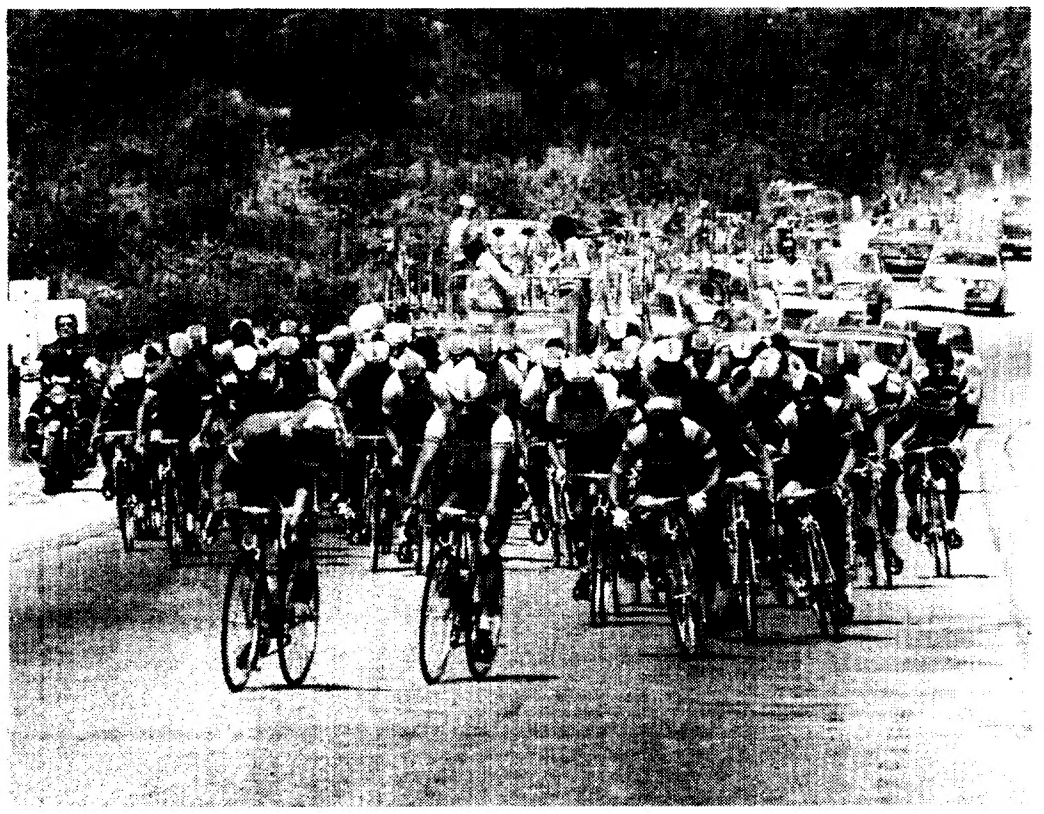
Ou seja, para que o espectáculo seja melhor e mais emocionante, os responsáveis levam a exploração do Homem até à própria destruição do Homem. E a isto se pode chamar assassinato, mas é pelo menos um crime.

Parece-me bem claro que o que escrevi há uns dias, e reafirmo hoje, não é um ataque aos corredores «profissionais» portugueses. É um grito em sua defesa. O que eu desejo não é que o público despreze os ciclistas, mas que o público e os ciclistas (e os comentadores e os técnicos) não aceitem um espectáculo degradante. Já não falo de **desporto**, onde o que interessa é **participar** e não **ganhar**. Refiro-me a espectáculo, está claro. E aí, devemos continuar com ideias claras. Os profissionais têm direito a comer bem, a ter assistência médica correcta, a não trabalhar quando estão doentes, a descansar quando estão esgotados. Quem duvida?

Mas andar mais 200 km, subir mais uma serra, ou fazer mais um contra-relógio é assim como trabalhar umas horas extraordinárias, fazer um serão. Por mais algum dinheiro? Admitamos, porque todos somos profissionais. **O que ninguém pode admitir é que o patrão nos dê injecções, nos drogue, faça a nossa vida correr perigo.**

É pelo respeito e pela dignidade dos que pedalam durante 15 dias, que peço ao Alves Barbosa para ir até ao fim. Não para defender a REPRESSÃO que é o controlo. Mas para tentar a EDUCAÇÃO, que talvez consiga um dia fazer viver o desporto em Portugal.

RAUL CALADO»



Ciclismo: um espectáculo que «pegaria» nos «states»

Notícias do F.C. Porto

. «O Porto», semanário que é pertença do F. C. Porto passa a ser orientado por dois conselhos: redactorial e administrativo.

Os futebolistas Rui e Leopoldo ainda não renovaram os compromissos com a colectividade das Antas. Entretanto, o Sporting de Espinho pretende o concurso de Aníbal e Helder Ernesto, depois de ter obtido a transferência de Ferreira da Costa.

Vindos de África, são esperados dentro de dias no Porto os futebolistas Seninho e Chico Gordo.

O relvado do Estádio das Antas vai ser vedado com uma guarnição metálica que custará 600 contos.

Gratuitamente, o F. C. Porto entregou as «cartas de desobrigação» aos futebolistas Valdemar e Nóbrega.

Júlio, da equipa de hóquei patinado dos «azuis-brancos», licenciou-se em engenharia química.

GASPAR : DE GUARDA-REDES DO BENFICA A PRODUTOR NA RÁDIO NORTE-AMERICANA

. Antigo guarda-redes do Benfica (campeão nacional junior na temporada 44-45), do Sport Lisboa e Covilhã, do Clube Desportivo do Montijo (quando da fusão do Aldegalense, Avenida e Onze Unidos), e, ainda, do Sport Lisboa e Olivais, Manuel Correia Gaspar nasceu em Murtede (Mealhada) e tem uma vida acidentada: além de ter representado as colectividades que já citámos, esteve algum tempo a treinar no Sporting e no Atlético mas, desiludido com o ambiente local, abalou para o Brasil onde, durante oito meses, se manteve ao serviço do Nacional de São Paulo antes de saltar para os Estados Unidos, onde reside desde os 27 anos de idade.

— **Não fiquei no futebol brasileiro porque o seu estilo era, nessa altura (1954) de difícil adaptação aos estrangeiros. Então, resolvi mudar de ares: «arranhava» umas palavritas de inglês e abalei para os Estados Unidos, ficando a morar em Hartford, capital do Estado de Connecticut. Inicialmente, sofri imenso: a «aventura» ia-me custando cara e tardava a ambientar-me quando, finalmente, encontri o rumo.**

Manuel Gaspar veio pela segunda vez fazer reportagem da «Volta a Portugal» em bicicleta: explica-se isso se tivermos em consideração que é produtor radiofónico na cidade em que reside, aliando essa condição à de comerciante (dono de um mini mercado e de um «Liquer-Stori»).

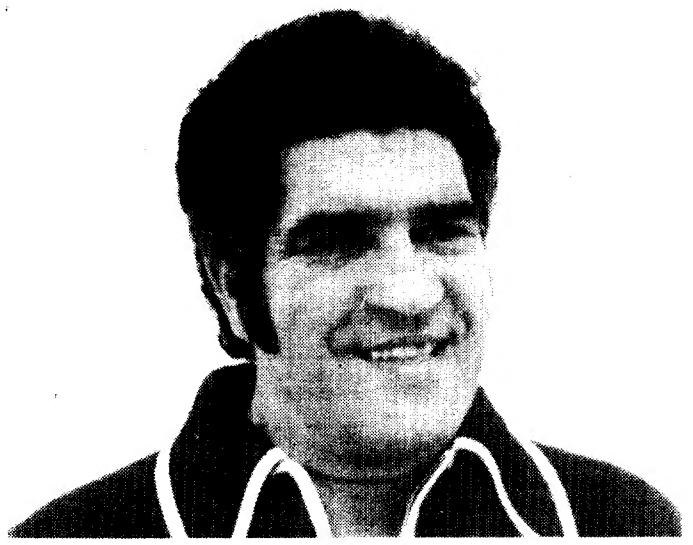
Na América do Norte, comecei por empregar-me numa fábrica de máquinas de escrever, onde me mantive um ano. Dali saí para a construção civil, ficando 13 anos como encarregado de empreitadas e, simultaneamente, enveredando pelo terreno da produção radiofónica. Isso principiou em 1957 quando, com dois amigos (Mário Gomes e António Joaquim da Silva) fundei o programa «Vozes de Portugal». Não deu certo: a rubrica passou a ser apenas da responsabilidade de António Pires. Finalmente, em 1961, criei outro programa («Hora da Saudade»), com cinco horas de programação semanal e vasto auditório.

Acrescenta o ex-futebolista:

— **Casei em Hartford, dois meses depois de lá ter chegado, e tenho três filhos, um dos quais (Daniel Gaspar, de 17 anos), é já o guarda-redes do Hartford Portuguese e da selecção do Estado. Aliás, quando me fixei nos Estados Unidos ainda cheguei a jogar futebol: em 1955 e 1956 fui campeão estadual e, em 1960, quando estive de férias em Portugal, representei o Marialvas (de Cantanhede) durante o Campeonato Nacional da terceira divisão. Depois disso é que disse, de vez, adeus aos chutos oficiais na bola...**

Sobre a colectividade portuguesa de Hartford:

— **Há doze mil portugueses na cidade e o nosso clube (com uma sede que custou 350 mil dólares) tem 900 sócios. Fui o primeiro presidente da Assembleia Geral do Hartford Portuguese Club mas fiquei triste com a experiência: os associados só queriam (só querem) futebol, desprezando outras práticas desportivas que eu considero extremamente salutares (basquetebol, natação, ciclismo, ténis de mesa, por exemplo). Poucos são os portugueses que se entregam a «desportos» diferentes do chuto, do bar, da dança, da festa ao sábado e da «sueca». Também não existe, por lá, estruturação desportiva eficiente nem técnicos com conhecimentos para ensinarem ou analisarem novos valores. Enfim: no nosso clube, paga-se 12 dólares por ano só para ver futebol aos domingos.**



Manuel Gaspar

No campo radiofónico, o projecto mais próximo de Manuel Gaspar é reunir, em programa colectivo, todos os produtores de rubricas em língua portuguesa, de molde a garantir uma programação diária constante e eficaz.

— **Há perto de 115 mil portugueses no Estado de Connecticut e essa população é, portanto, um público (ouvinte) em potencial. Sei isso perfeitamente, pois fui o primeiro promotor de espectáculos de variedades com artistas portugueses no Estado e sempre consegui bons êxitos. Todavia, lamento profundamente que esse panorama esteja adulterado por empresários sem escrúpulos e por artistas que, enchendo-se aqui de vento, mal desembarcam nos Estados Unidos resvalam para todas as contemporizações. Para não citar coisas bem mais desagradáveis, digo apenas isto: chegam a andar, de mesa em mesa, a vender discos como qualquer propagandista de praça pública. Mas não só: que o digam os proprietários de mercados que, mal avistam uma caravana artística de Portugal, logo reforçam o grupo dos seus vigilantes...**

Sobre a «Volta a Portugal», edição 1974:

— **Assisti a bons e a maus momentos. Começou muito bem e acabou tristemente. Para não ser ofensivo perante atitudes que foram vexatórias, prefiro calar-me. E dizer que o ciclismo «pegaria» nos Estados Unidos, pois constitui um bom espectáculo desportivo e comercial. Só que precisaria de ter, pelo menos, dirigentes e técnicos à altura, diferentes (portanto) da maioria que vi por cá.**

SENECA
CURSOS DE VERÃO
CICLO LICEAL COMPLEMENTAR
Av. Almirante Reis, 73 - 2 - T. 824983

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Empreitada da construção da duplicação do sifão de Sacavém

ANÚNCIO

Dá-se conhecimento que no anúncio publicado em 13 e 14 do corrente, a parte relativa ao alvará é substituída por:

--- os concorrentes deverão ser titulares do alvará de empreiteiro de obras públicas de I categoria ou da 3.ª subcategoria da I categoria e da classe correspondente ao valor da proposta, conforme estabelecido pelo regulamento do Decreto-Lei n.º 40 623 de 30 de Maio de 1956, e Portaria n.º 351/71 de 30 de Junho de 1971, ou de documento comprovativo a que se refere a parte final da alínea 6) do Art.º 4.º do Programa do Concurso.

Lisboa, 20 de Agosto de 1974

Pela COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA
A Comissão de Fiscalização

3
PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE
AMENDOIM ISRAEL
ARROZ TREVO
ESPECIARIAS TREVO

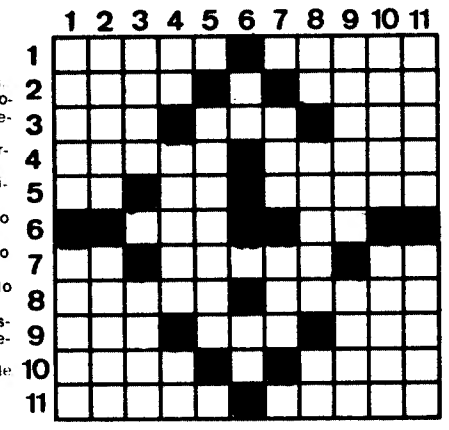
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10867

HORIZONTAIS:

1 Lapa. Desata.
2 Magnetes naturais. Troces.
3 Figura que simboliza o povo americano. Coragem. Senhora.
4 Nome de mulher. Concordar.
5 Preposição e artigo definido. Osmio (s.q). Ecoara.
6 Guarneça de asas. Césio (s.q).
7 Lé. Zelosa. Antes do meio dia.
8 Encerar. Cidade do Estado do Maranhão (Bras).
9 Pátria. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Recusa.
10 Irmãs da mãe. Irmão de Abel.
11 Queimas. Multidão.



VERTICA

1 Grãozinho. Regresso.
2 Meto em mala. Prendeis com elos.
3 Mulher nobre. Estavas.
4 Reis. Larva do escaravelho. Apelido.
5 Inquilina.
6 Laço. Prefixo de privação.
7 Rente. Chiste.
8 Sufixo que designa estado. Esmurrar. Aqui.
9 Catalogos. Nomes científico do pato.
10 Marcar o peso da tara em. Lavrais.
11 Guarnecera de asas. Freguesia do concelho de Sótão.

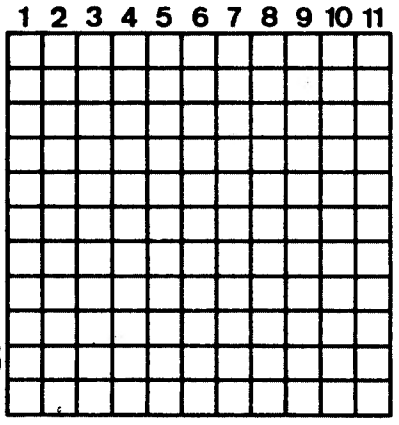
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7025

HORIZONTAIS:

1 Cidade do Estado do Rio Grande do Sul. Tombaram.
2 Ordenaram.
3 Estima. Zombas. Cério (s.q).
4 Paciência. Conjunção.
5 Carta de jogar. Vaidades (fig). Rio do Estado da Baia (Bras).
6 Grande sala. Movem os remos.
7 Transfiro para outro dia. Seguias. O lado do vento.
8 Curso de água natural e abundante. Cabelos brancos.
9 Satélite de Jupiter. Ruins. Patas.
10 Rio da Escócia. Lições.
11 Cidade de Espanha. Preposição e artigo definido (pl).



VERTICAIS:

1 Aqui. Aglomerado de casas.
2 Pedra de altar. Higiénico.
3 Mana. Atilho. Pronome pessoal.
4 O mesmo que uma (ant e pop). O sustento. Doença.
5 Novecentos em romano. A FAVOR DE: Irmão de Abel.
6 Irmão de Moisés. Seguias.
7 Foras atacado pelo iriz (o cafezeiro). Esquadrão.
8 Chefe etíope. Catedrais. Plutónio (s.q).
9 Amónio (s.q). Resfria.
10 Perfeito. Saudável.
11 Sumários. Abreviatura de Santíssimo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10866

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Piara. Velam.	1 PODER. Caspa.
2 Orão. Li.	2 Irra! Vagira.
3 Drama. Acamo.	3 AAA. Visarem.
4 Ea. Pescaram.	4 Rompera. IV.
5 VER. Apoda.	5 Aer. Rea.
6 Vir. Ama.	6 É.
7 Casar. Cré.	7 Aca. Cri.
8 Agá. Are. Li.	8 Escaparemos.
9 Síria. Imo.	9 Arome. Ois.
10 PREVER. Oire.	10 Almada. Ra.
11 Aam. Assar.	11 Mioma. VIVER.

PROVÉRBIO: Ver, prever, poder; é viver.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7024

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Abadé. Malta.	1 Amura. Morda.
2 Mala. Saio.	2 Barata. Luar.
3 Uri. Fia.	3 Alisaram. Rm.
4 Rasca. Sopro.	4 Dã. CC. Roida.
5 Ataco. Araós.	5 Fão. Rs. Or.
6 Ar. DC.	6 Ni. Li.
7 Arrisca.	7 Asa. SS. Pã.
8 Olmos. Sassa.	8 As. Ro. Cavam.
9 Ru. Ir.	9 Lâmpadas. Ro.
10 Dardo. Param.	10 Ti. Cor. Siar.
11 Armar. Amora.	11 Aotos. Marma.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

Corrida de toiros

A RTP apresenta esta noite em directo a corrida de toiros que se realiza na Praça do Campo Pequeno com os cavaleiros Mestre Baptista e Luís Miguel da Veiga, os espadas José Júlio e Mariano Ramos e o Grupo de Forcados de Évora

2.º Programa (21.05)

Os Clássicos do Cinema

Uma grande metragem da época do cinema mudo

SIEMENS ESTORIL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa	**1.º Programa**
1.º Período	**1.º Período**
12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»	12.45 Abertura e desenhos animados «Zé Colmeia»
13.00 Encontro	13.00 Sangue na estrada
13.15 Dick Van Dyck	13.13 Tudo em família
13.45 Telejornal 1.ª edição	13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Da saúde e da vida	14.00 Saber não faz mal
14.25 Logo à noite	14.20 Logo à noite
14.30 Fecho	14.25 Fecho
2.º Período	**2.º Período**
19.30 Minijornal	19.30 Minijornal
19.35 TV Infantil	19.35 TV Infantil
19.45 Em foco	20.00 Com todas as letras
20.25 TV Palco	20.30 Os Movimentos Políticos e a Economia
21.05 Telejornal 2.ª edição	21.00 Telejornal 2.ª edição
22.00 Corrida de toiros	21.30 História da música
00.15 Telejornal 3.ª edição	22.00 Cinema português «Saltimbancos»
00.30 Fecho	23.30 Telejornal 3.ª edição
2.º Programa	23.40 Fecho
20.00 Abertura e desenhos animados	**2.º Programa**
20.10 Encontro	20.00 Abertura e desenhos animados
20.24 Dick Van Dyck	20.30 Tudo em família
20.50 Da saúde e da vida	20.40 Sangue na estrada
21.05 Os Clássicos do cinema	21.00 A Flecha Negra
22.30 Telejornal	22.00 Impacto
23.00 Fecho	22.40 Telejornal
	23.10 Fecho

baterias TUDOR pilhas
NOVOS SERVIÇOS DE VENDAS E ARMAZÉM
R. PROF. REINALDO DOS SANTOS 28-A—TELEF. 788183-4-5

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	22º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	22º
FARO	27º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 31,0º

F. DE C. RODRIGO
Mínima 6,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	17,0º
Atmosfera	22,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.09	*3,9 m*	0.26	*0,8 m*
19.22	*3,8 m*	12.43	*1,0 m*

Dia 23

7.56	*3,6 m*	1.11	*1,1 m*
20.23	*3,5 m*	13.33	*1,3 m*

Dia 24

8.50	*3,4 m*	2.02	*1,4 m*
21.25	*3,2 m*	14.34	*1,6 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento fraco soprando de nortada moderada na Faixa Costeira Ocidental a Sul do Cabo Carvoeiro, ligeira subida de temperaturas máximas em especial nas regiões do Sul

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.57
OCASO ÁS 20.21

DIA 24 | DIA 1 | DIA 9 | DIA 16

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário rádio estudantil
17.00 Que quer ouvir?
18.00 Música popular portuguesa
18.30 Música variada
19.05 Programa infantil música variada
20.00 Jornal da noite
21.30 Música variada
23.00 De um dia para o outro
23.30 O homem e a natureza, pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio estudantil
00.00 Junção com o 1. programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.30 O violinista Jascha Heifetz
22.00 Concerto de câmara
22.28 Serenata em dó maior op. 48, de Tchaikowsky, pelo Naipe de cordas da Orquestra Filarmónica de Israel, dir. por George Soltu
23.00 Obras para instrumentos, solistas e orquestra

Programa Estereofónico - MF 2

21.15 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.15 Uma obra, importante de Vivaldi: «As Quatro Estações», por Elementos da Orquestra Filarmónica de Berlim
00.00 A grande música negra
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
20.40 Programa Movimento rádio teatro
21.03 Portugal além da Europa
21.17 Música para meditar
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita-1
20.00 Noticiário
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à gó-gó
00.02 Em órbira-dois
01.02 Bando sonora Sonipol
02.00 Perspectiva

03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Quinta-feira à tarde
18.23 Palavra do dia no final terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.04 Igreja é plural
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

06.00 às 10.00 e 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR

12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA

14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO M 1
(TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Infante Santo, Rua do Olival, 290 (Telef. 661003)
ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Telef. 712682); Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Telef. 725859)
ARROIOS
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Telef. 46843)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A/B/C (Telef. 772291)
BAIXA
Frazão, Rua Portas Santo Antão, 7 (Telef. 328180)
BENFICA
Vitex, Est. Benfica, 372-D (Telef. 780548)
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931)
CAMPO OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Telef. 681726)
CONDE REDONDO
Branco, Av. Duque Loulé, 61-65 (Telef. 45048)
GRAÇA
Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Telef. 867842)
LUMIAR
Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Telef. 790332)
MADRAGOA
Lys, Rua da Esperança, 17-19 (Telef. 660913)
OLIVAIS
Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Telef. 315539)
PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Pichaleira, 140-B/C (Telef. 720703 e 728395)
SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A/B (Telef. 837070)
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (Telef. 321771)
S. SEBASTIÃO PEDREIRA
Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A (junto à Esc. Técnica do Bairro Azul) (Telef. 44000)

TURNO M 2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Lídia Almeida, Calçada de Ajuda, 170 (Telef. 637318)
ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A/B (Telef. 63858)
ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 14 (Telef. 866360)
ALVALADE
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-A (à Av. Brasil) (Telef. 765262); Belo, Av. de Roma, 53-A (Telef. 776314)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge (às Galinheiras) (Telef. 790969)
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Telef. 845513)
AREEIRO
Central, Av. Paris, 2-2A (Telef. 720820)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Telef. 763016); Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (Telef. 43938)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Telef. 311216)
BENFICA
Marques, Est. Benfica, 64-B (Telef. 700096); São João, Est. Benfica, 124-A
CAMINHOS FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale St.º António, 7-9 (Telef. 840125)
CAMPOLIDE
Rualto, Rua Alto do Carvalhão, 5-A/B (Telef. 651721)
CAMPO OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Telef. 666206)
CHIADO
Durão, Rua Garret, 90-92 (Telef. 324166)
ESTRELA
Gama, Calçada de Estrela, 130 (Telef. 660339)
GRILO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264)
OLIVAIS
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Telef. 311091)
PENHA FRANÇA
Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (Telef. 841912)
S. MAMEDA
Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (Telef. 325455)
LUMIAR
Douro, Alam. Linhas Torres, 93-A/B (Telef. 791131)
PICOAS
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Telef. 553468)
SANTA MARTA
Fernandes, Rua S. José, 187 (Telef. 326476)
SANTO AMARO
Blotitar, Rua D. João de Castro, 27-B (Telef. 638824)
S. SEBASTIÃO PEDREIRA
S. Sebastião, Largo S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Telef. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE
Aisir, (Av. Gago Coutinho B. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 281070); Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos, R. Elias Garcia (Tel. 930072); Claber, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACEM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEMMARTINS
Química, Est. Mem Martins 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 2930832)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
ALMADA
Central, R. de Olivença 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Almeida Neto, R. Garrett, 1 (Tel. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Atlantico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
EMOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. Jorge Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETUBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

4.º TURNO

SUB TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428; **Seara**, Rua Santos Pousada, 71; **Vitalia**, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485; **Cardosa dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384.

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); **Rainha Santa**, R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 24737)

cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
O célebre filme de Eric Rohmer uma crónica de amor livre! A COLECCIONADORA com Hayde Politoff, Patrick Bauchau e Mijanou

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
15.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sitherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor ... como jamais foi visto no écran «The Sun»

ESTUDIO APOLO 70 (T. 763319)
21.45
Grupo B (10 anos)
A partir de hoje
Jean Gabin e Eric Von Stroheim A GGRANDE ILUSÃO de Jean Renoir
15.15 e 18.30
Grupo D (18 anos)
Ultimas exibições do filme O ABOMINAVEL DR. PHIBES com Vincent Price
24.00
Grupo D (18 anos)
«Clássicos à Meia-Noite»
A GRANDE FUGA de Alexander Alac

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
4.ª Semana de enchentes!
Marisa Mell e Carlo Giuffre na comédia BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO, PROCURA CAVALHEIRO

OXFORD (CASCAIS)
16.00 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos
Gian Maria Volonté SACO E VANZETTI um filme realista sobre certas verdades políticas

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
CHAMARIZ DE SAIAS realização de Torgny Wickman

RESTELO (T. 610375)
21.30
Grupo C (14 anos)
Um grande filme de acção O SILENCIOSO com Lino Ventura e Lea Massari

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana!
O filme que apaixonou as mulheres UMA HISTORIA PERVERSA com Marisa Mell e Jean Soler. Sinistro mistério de um crime de adultério premeditado para condenar um marido à morte

CINEMA CASTIL (T. 530194)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia-Eastmancolor
Um novo Truffaut! UMA BELA RAPARIGA
15.30 e 18.30
Não aconselhável a menores de 13 anos
DR-ESTRANHOAMOR

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Não aconselhável a menores de 18 anos
Um filme de William Wyler com Lee J. Cobb, Barbara Hershey, Lola Falana e Lee Majors O PREÇO DO SILÊNCIO
Amanhã
18.30
Grupo C (14 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
BORSALINO um filme de Jacques Deray com Jean-Paul Belmondo e Alain Delon

CASINO ESTORIL (T. 264521/234946)
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Technicolor
BARBA AZUL (BARBABLU) com Richard Burton e Raquel Welsh

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo A (6 anos)
Colorido
Walt Disney apresenta PATO DONALD E C.ª a grande Parada das férias

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O CLUBE DA ALEGRIA com Ann Smyrner e Eddi Arent

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Não aconselhável a menores de 18 anos
TRATAMENTO DE CHOQUE um filme de Alain Jessua com Annie Girardot e Alain Delon

ESTUDIO 444 (T. 779095)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia-Eastmancolor
Um novo Truffaut! UMA BELA RAPARIGA
15.30 e 18.30
Não aconselhável a menores de 13 anos
DR-ESTRANHOAMOR

SATÉLITE (T. 562632)
3.ª Semana!
15.30, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
nMarcello Mastroianni, Ugo Tognazzi Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
Direcção-Geral dos Espectaculos
O filme é projectado logo após o início das sessões

MONUMENTAL (T. 555131)
15.15 e 21.30
Não aconselhável a menores de 13 anos
Colorido
A MULHER DO PADRE com Sophia Loren e Marcello Mastroianni

PHATE (Tel. 821923)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D 18 anos
2.ª Semana!
Pela primeira vez a espantosa versão integral de BLOW-UP (História de um fotófrafo)
Vanessa Redgrave- Sarah Milles e David Hemmings. A obra-prima de Antonioni. Grande Prémio do Festival de Cannes (Metro Arrois)

ESTÚDIO (T. 555135)
3.ª Semana!
15.30, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
Direcção-Geral dos Espectáculos
O filme é projectado logo após o início das sessões

ROMA (T. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 18 anos
Technicolor
BILLY JACK com Tom Lauhglin

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Jim Brown, Don Stoud e Gloria Hendry sexo e violência no sub-mundo de Neq York! A COLERA DO INDOMAVEL

TIVOLI (T. 570595)
15.15 e 21.15
2.ª Semana!
Grupo B (10 anos)
Technicolor 70 m/m
O maior filme de todos os tempos! OS DEZ MANDAMENTOS

ROYAL (T. 875037)
15.00 e 21.00
Não aconselhável a menores de 13 anos
O DIREITO DE AMAR em complemento O JOGO DO CRIME

S. JORGE (T. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
3.ª Semana!
O ULTIMO TANGO EM PARIS
Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
4.ª Semana!
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana da divertida audácia em «sensualidade»
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA com Lando Buzzanca num super-macho. Que tinha ele a mais para ser desejado pelas mulheres?

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
13.ª Semana de enchentes!
Laura Antonelli e Alessandro Momo em MALÍCIA

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
7.ª Semana! Colorido
O filme de Luis Buñuel finalmente em Portugal BELLE DE JOUR com Catherine Deneuve

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Último Fado Em Lsiboa»
LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«A Pai Adão»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«Português, Escritor, 45 anos De Idade»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Ontem Ao Fim Do Dia»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Ben E Charlie»
OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«Um Verão Para Matar»
CINE-MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
«O Furto E A Alma Do Negócio»
JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«Kit, O Vingador»
ESPLANADA CASTANHEIRA
21.30 (18 anos)
«Os Alegres Dias De Pompeia»
SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«Escândalo De Bata Branca»
CINEMA DO PAÇCIO FOZ
21.30 (10 anos)
«O Ultimo Dos Homens»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Um raio de Sól na agua fria»
ESTORIL
Casino
15.30 e 21.30 (18 anos)
«Barba Azul»
ESTORIL
Palácio
21.30 (14 anos)
«Cantiflas, às ordens de vocelências»
ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«S. Francisco De Assis»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Irmãos de sangue»
Oxford
16.00 e 21.45 (18 anos)
«Sacco E Vanzetti»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«O Solitário De Nevada»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«3 Criminosos»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Prazeres De Vampira»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível Almadense
21.15 (14 anos)
«O Rebelde das Estepes»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Doutor, Cuidado Com Elas»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«A Crista Do Diabo» e «A Selva Dos Diamantes»
PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«Duas Gerações»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«Duelo ao Sol»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Outono Escaldante»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Venha Tomar Café Connosco»
ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Adivinha Quem Vem Jantar»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Aquele Inverno em Veneza»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Ultimo Tango Em Paris»
JÚLIO DINIS
21.30 (13 anos)
«Paraíso Ao Sol»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Cinturão Negro Contra a Máfia»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas Nas Férias»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Os Centuriões»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Comboio Para A Morte»
BOMBEIROS VOLUNTARIOS
21.45 (18 anos)
«Encontro Com Uma Mulher De 30 Anos»

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Perspectiva-74 e gravuras (das 14 às 20 h).

BLOCO (CASCAIS) — Colectiva (das 16 às 20 h).

ESCOLA PRIMÁRIA DA DAMAIA — Colectiva de pintura e tapeçaria (das 21 às 23 h)

CASINO ESTORIL — Pinturas de Vamona Navelcar (das 15 às 3 h).

FOTO CLUBE 6X6 — Trabalhos de Alfredo Cunha (3.as e 6.as-feiras, das 21.30 às 24h.)

GALERIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Bárbara Guerreiro (das 15 às 19 e das 21 às 24 h).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernardette Stern, serigrafias de Acácio Assunção e António Brito Caiola (das 5 às 20 h).

LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS

O JORNAL motor

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264525/264596/264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

GERAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

KURT WALDHEIM EM TUNIS:

Portugal é sincero

TUNIS, 22 — (R) — O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, afirmou ontem, à noite, estar firmemente convencido de que Portugal era sincero nas suas diligências para conceder a independência aos seus territórios ultramarinos.

Waldheim, que chegou anteontem a esta capital, numa visita de dois dias, declarou numa conferência de Imprensa que recebera nesse sentido todas as garantias do Presidente general António de Spínola e do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Soares.

O secretário-geral acrescentou que a Assembleia Geral da ONU admitiria sem dúvida a Guiné-Bissau como membro quando se reunir em sessão, em 17 de Setembro. A antiga Guiné Portuguesa é reconhecida como Guine-Bissau por mais de 90 países.

O saneamento na Lisnave

Os trabalhadores da Lisnave — Estaleiros Navais de Lisboa, S.A.R.L., no prosseguimento do processo de saneamento na empresa, que envolve o administrador-delegado, eng. Perestrelo, o subdirector, dr. Varela, e o chefe do Serviço de Pessoal, Carvalho, reuniram-se em assembleia geral, tendo aprovado vários pontos de actuação.

De acordo com essas decisões, é dado um prazo de 15 dias para os indivíduos acusados no caderno responderem à Comissão de Delegados dos Trabalhadores da Lisnave.

No caso de os trabalhadores não obterem resposta satisfatória, dentro daquele prazo, a contar de 15 do corrente, organizarse-à uma manifestação, que seguirá um percurso apeado desde o estaleiro da Margueira até ao estaleiro da Rocha e dali para o Ministério do Trabalho.

UMA CORRIDA PARA AFICIONADOS
MESTRE BAPTISTA
MIGUEL DA VEIGA
ESPADAS JOSÉ JÚLIO
MARIANO RAMOS
FORCADOS AMADORES DE ÉVORA
capitaneados por João Nunes Patinhas
8 TOIROS DE PORTO ALTO 8

Grupo A – maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 HORAS

CURSOS DE VERÃO 74
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
INGLÊS ★ FRANCÊS ★ ALEMÃO ★ RUSSO
LISBOA: Telef. 533733 — COIMBRA: Telef. 23173

Perspectivas animadoras

Continuação da pág. 1

comparar-se essa «vanglória» à do pai (melhor: padrasto) que tem a sua vida regalada e ajuda à vida regalada de alguns amigos e compadres e, tendo «massas» na gaveta, guarda-as bem guardadinhas, não as usando (investindo ou aproveitando-as) no sentido de melhorar a vida dos filhos e enteados, a viverem miseravelmente, deixados à disposição exploratória dos tais raros protegidos, e tendo de fugir de casa bem mais como quem é expulso por se lhes não facultarem condições de vida.

Esta questão do volume das nossas reservas andava, embora não muito frequentemente, nas preocupações de quem se procurava estudar o futuro da economia portuguesa. Nas páginas deste jornal, na «Economia», mais de uma vez o dr. Braulio Barbosa adiantou até algumas sugestões para a aplicação proveitosa do que estiolava e era inútil nos cofres do Estado. Esses seus artigos vinham na sequência de duas ou três rápidas conversas de almoço que tivemos e em que as reservas eram uma espécie de «acompanhamento».

Esta referência menos é despropositada se acrescentarmos que, quando então conversavamos sobre o problema e o dr. Braulio adiantava em artigos a sua opinião, estava fora de causa a possibilidade imediata de decisão política de as aplicar em acções e «bens absolutamente essenciais ao desenvolvimento nacional», como na Televisão salientou o dr. Silva Lopes. A hipótese de as aplicar em investimento nosso no exterior, capitalizando através de participação em operações de capital, era uma prova da total impossibilidade de esperar atitudes de desenvolvimento nacional do regime caído, mas era também a certeza de que, noutra situação política, a existência de um elevado — e assim acrescido — volume de reservas seria muito útil para o relançamento de uma economia. Por outro lado, o que estava parado, adinâmico, teria uma função, uma utilidade. E a nova situação política — um 25 de Abril! — encontraria acrescidas potencialidades.

Sendo esse nível de reservas dos mais elevados do mundo, em termos relativos e estando a política económica que se vislumbra com uma disposição (e clara necessidade) de intervenção na actividade económica, registamos a importância que os ministros deram a esse aspecto, tornando-o o mais significativo do esclarecimento que vieram dar-nos.

Claro que esta disposição, após a queda do regime fascista, insere-se no funcionamento de um sistema capitalista e, portanto, encontramos inerentes limitações nessa intervenção mais clara e forte por parte do Governo. O chamado à poupança, ajudado por uma nota de confiança no aparelho creditício que se está a (re) montar é nota dessa inserção no sistema mas é também demonstração de que esse chamado se procura fazer de forma bem diferente daquela que se fazia «no antigamente», até, de certo modo, responsabilizando politicamente, tendo as palavras finais do ministro da Economia sido uma exortação «a todos para todos», o que poderia ser comentado em termos mais politizados mas não será a oportunidade. O que será oportuno será dizer que a referência aos 8,5% da taxa de juro dos depósitos a prazo, se aparentemente aliciante, não pode deixar de ser vista em confronto com a taxa geral de inflação, pois se os preços em geral subirem mais que isso (seria bom que não subissem *muito mais...*), a desvalorização monetária não será compensada pela taxa que se referiu como aliciante. Esta seria a única reserva que, no plano de informação de acordo com a nova política de verdade, deixaria como anotação.

Já não no plano de método, mas no que consideramos fundo da questão económica e social portuguesa, é preciso falar de outro desafio que, aliás, foi referido. Trata-se da iniciativa privada e da sua vontade de participar no relançamento da economia. Ontem mesmo, também foi anunciado um projecto vindo de grandes empresários.

Ao lado da capacidade e disposição de intervenção do Governo, do chamado e estruturação de aproveitamento de poupanças que está a ser necessário mobilizar, aparece um grupo de empresários (e que grupo, e que empresários!) a responder ao desafio. No entanto, a forma como se apresenta a «operação» mais parece um desafio que uma resposta a desafio. Vejamos: o grupo (ou supra-grupo) faz a proposta e define em que condições concretizará a proposta (o seu entendimento de «capitalismo moderno, evoluido e progressista») o que se pode considerar uma evidente forma de tomada de posição política, uma clara forma de pressão para a definição da estrutura de sociedade em que «jogarão» os avultadíssimos recursos que se propõem fazer funcionar. Perguntamos, talvez um tanto ingenuamente: e se as condições para utilização nacional desses recursos forem consideradas politicamente como não aceitáveis por hipotecarem uma evolução social e de sociedade mais aberta à definição mais larga de quais os seus caminhos a seguir, esses recursos deixam de existir?, ou perde-se a possibilidade de os mobilizar para uma tarefa nacional de recuperação da situação herdada do fascismo?, ou não deixando de existirem ou de serem arranjados, deixarão de poder ser utilizados no interesse nacional, mesmo que este seja definido de forma diferente daquela em que é proposta por quem deles dispõe ou tem acesso? —.

ELEVADO NÍVEL DE RESERVAS

«Nós temos os factores positivos da nossa situação económica: há elevado nível de reservas de ouro e divisas o que nos permite não ter de andar no mercado internacional numa situação tão desesperada como outros países europeus.»

Esta declaração foi ontem escutada pelos telespectadores, após a segunda edição do Telejornal. No pequeno «écran» falava o ministro das Finanças, acompanhado pelo seu colega da Economia.

Ambos os ministros se pronunciaram sobre os aspectos da situação económica e financeira, com destaque para o empréstimo que Portugal vai contrair no mercado internacional.

Sublinhou o dr. Silva Lopes, ministro das Finanças:

. «Acrescento que países como a Inglaterra e a Itália estão muito mais dependentes, neste momento, do crédito externo do que nós. Têm contraído empréstimos de biliões de dólares no mercado externo. Nós contraímos este empréstimo mais para marcar uma presença e, até, para nos irmos acostumando a conhecer o mercado, do que, propriamente, por estarmos numa situação de outra alternativa.»

. Disse, ainda o titular da pasta das Finanças que «nos aspectos encorajantes da nossa situação económica, ao nível das reservas, se fizermos uma comparação internacional, em termos relativos, ela é das mais elevadas do Mundo.» E observou: «Isto não quer dizer que nós não tenhamos de ser muito cuidadosos na maneira de as utilizar e que não tenhamos de ter todas as precauções para que essas reservas sejam gastas apenas, em bens absolutamente essenciais ao desenvolvimento nacional.»

. Por sua vez, o dr. Rui Vilar, ministro da Economia, afirmou que «o problema do desemprego é o problema principal, a primeira prioridade que nós temos de enfrentar.»

. Interrogado sobre se os empresários portugueses não se encontram como que em «estado de choque», perante «uma opinião pública em geral hostil ao capitalismo, disse ainda o titular da pasta da Economia:

«É evidente que os empresários portugueses estão confrontados com situações novas. Mas, qual é a novidade dessa situação? São sindicatos fortes, porque são livres. E também um poder político independente do poder económico e portanto decidido a acabar com todos os proteccionismos e todos os favoritismos que existiam no regime anterior, mas também um sistema que dá possibilidades aos empresários capazes de demonstrarem a utilidade da sua função no nosso contexto social. Creio que é um bom momento para que os empresários demonstrem que são capazes de ser eficientes. E um desafio que lhes é posto. E um desafio a que eles tem de responder».

"Pides" sem "habeas corpus"

Continuação da pág. 1

DEMASIADAS QUEIXAS NOS MINISTÉRIOS

Outro decreto-lei aprovado no mesmo conselho de Ministros, consagra a elaboração de inquéritos às acções de abuso de poder, de corrupção e de violência ocorridas entre 28 de Maio de 1926 e 25 de Abril de 1974.

Segundo o ministro da Justiça, este diploma tem «uma dupla justificação». Por um lado, ele significa «o cumprimento de uma disposição que se pode considerar constitucional, porque é problemático o que foi publicado precisamente no dia 15 de Maio do ano corrente em que se estabelece como sendo uma das missões do Governo Provisório o realizar esse inquérito. Portanto, a elaboração desse diploma significa exclusivamente a realização de um programa que o Governo Provisório tem de cumprir. Por outro lado, o diploma e a comissão a que ele se refere ligam-se com a abundância de queixas invocando tais motivos que têm sido apresentadas em todos os ministérios, algumas das quais «até, às vezes podiam não ter fundamento»: «Esta comissão destina-se a fazer uma triagem dessas queixas, e os elementos recolhidos não têm força como prova para a Judiciária, nem lhe são concedidos poderes para efectuar nenhuma detenção: recebe as queixas e faz um apuramento preliminar e, aquelas em relação às quais, entender que há o mínimo fundamento, dá-lhes seguimento, entregando aos meios competentes elementos válidos». «Aquelas que não tiverem fundamento são arquivadas pura e simplesmente».

NOTAS VÁRIAS

O FOGO NA SERRA DE SANTA LUZIA

Está praticamente debelado o incêndio da serra de Santa Luzia, por cima dos lugares de Cova e de Meadela, Viana do Castelo, e que se havia reacendido ontem, pondo em perigo a estância de Santa Luzia, com o seu hotel, santuária e restantes instalações, assim como o Bairro do Calvário e da Cova da Meadela. Combateram o fogo, que chegou a ter proporções incontroláveis e abrangeu os concelhos de Viana, Caminha e Paredes de Coura, as duas corporações dos Bombeiros Voluntários e dos Municipais de Viana e várias brigadas dos Serviços Florestais de Viana, Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto. A situação está controlada, mas na periferia da cidade ainda se mantêm alguns bombeiros a postos, por haver a possibilidade de surgirem novos focos perigosos.

EM HERDADES DAS LEZÍRIAS

Com um pequeno intervalo, registaram-se dois incêndios em herdades da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, próximo de Samora Correia, tudo levando a crer tratar-se de acto criminoso. Na propriedade denominada Belo Jardim, as chamas devoraram algumas dezenas de pinheiros, mato e pasto seco; e no sítio de Vale Cabras, também pertencente àquela companhia, arderam igualmente pinheiros, eucaliptos, sobreiros, mato e pasto seco, numa extensão de cerca de doze hectares. Os prejuízos são elevados.

MORTA NUM CHOQUE DE VEÍCULOS

Faleceu, ao dar entrada no Hospital de S. José, Ausenda Maria Pinto Ferreira Nepomuceno, de 27 anos, em virtude de o automóvel em que seguia acompanhada do marido, que o conduzia, e de um filho, ter embatido violentamente numa camioneta, nas proximidades de Alenquer. O marido, António Manuel Ferreira Nepomuceno, de 26 anos, empregado comercial, e o filho, Carlos Manuel, de quatro anos, residentes na Calçada da Tapada, ficaram hospitalizados, em estado muito grave.

DOIS MORTOS SOB UM TRACTOR

Foram encontrados sob um tractor, que se voltara, na Quinta de Álvares, freguesia de Ferro, Covilhã, os corpos do administrador agrícola José Pedro Catanas, de 64 anos, e do seu auxiliar, Manuel Venâncio, de 24 anos, ambos residentes naquela propriedade. Desconhecem-se as horas e as condições em que o desastre se deu.

AUMENTOS AO FUNCIONALISMO

Foi publicado no «Diário do Governo» o Decreto-Lei n.º 372/74, de 20 do corrente, do Ministério das Finanças, que regula os aumentos concedidos ao funcionalismo público civil.